



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA - PPGL

ELIENE DA ROCHA GONÇALVES DOS SANTOS

**LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E PORTUGUÊS) DE TERMOS DO
CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS**

BRASÍLIA –DF

2024

ELIENE DA ROCHA GONÇALVES DOS SANTOS

**LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E PORTUGUÊS) DE TERMOS DO
CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília – UnB como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística: Léxico e Terminologia

Orientador: Prof. Dr. Gláucio Castro Júnior

APROVADA POR:

**Prof. Dr. Gláucio Castro Júnior
(Orientador)**

**Profa. Dra. Gildete da S. Amorim Mendes Francisco
(Examinadora Externa)**

**Profa. Dra. Daniela Prometi
(Examinadora Interna)**

**Profa. Dra. Patrícia Tuxi
(Examinadora Suplente)**

BRASÍLIA/DF

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

ROCHA, ELIENE

Léxico Alfabético Bilingue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais. [Distrito Federal] 2024.

xvii, 175 p., 210 x 297 mm (IL/PPGL/UnB, Mestre, Linguística, 2024).

Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília. Instituto de Letras.

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP.

1. Léxico

2. Terminologia

3. Libras.

4. Discussões raciais

I. IL/PPGL/UnB

II. Título (série)

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ROCHA, Eliene (2024). Léxico Alfabético bilingue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais, Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística - PPGL, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 175 p.

CESSÃO DE DIREITOS

AUTORA: Eliene da Rocha Gonçalves dos Santos.

TÍTULO: Léxico Alfabético Bilingue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais

GRAU: Mestre

ANO: 2024

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta dissertação de mestrado e para emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem autorização por escrito do autor.

Eliene da Rocha Gonçalves dos Santos

“A brutalidade do racismo é algo com que dificilmente um mínimo de sensibilidade humana pode conviver sem se arrepiar ou dizer que horror!”. (FREIRE, 1992, pág. 74).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que, em sua infinita bondade e misericórdia, me sustentou com amor, me protegeu e me guiou em todos os momentos desta caminhada.

Agradeço a meu pai Paulo Vilhena da Rocha (*in memoriam*) e a minha mãe Edilma Santos da Rocha por me conceberem a vida.

Agradeço ao meu companheiro Paulo Gonçalves dos Santos por ter me fortalecido com amor e carinho quando me senti exaurida na caminhada.

Agradeço ao meu filho Paulo Vilhena da Rocha Neto que em suas especificidades me permitiu tornar-me um ser humano melhor e a amá-lo ainda mais. Obrigada, meu filho, por tudo e por tanto.

Agradeço à minha filha Luciane Santos da Rocha pelo apoio recebido e por todo o incentivo nos momentos de dificuldades. Eu amo muito você!

Agradeço a meu amigo Surdo Douglas de Aquino Afonso que tive o privilégio de conhecer durante a minha segunda graduação no curso de licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como Segunda Língua (LSB-PSL) Universidade de Brasília (UnB). A ele sejam, devidamente, dados todos os créditos pelas fotos e vídeos dos sinais que constam na presente dissertação.

Agradeço ao meu orientador, Professor Dr. Gláucio Castro Júnior, por todos esses anos acompanhando e sempre incentivando a minha evolução acadêmica com palavras que fortaleceram a minha caminhada. Meus agradecimentos sinceros por me estender as mãos e por acreditar em meu potencial. Meu coração será sempre grato a você, professor, por todo o ensinamento compartilhado e todo apoio recebido.

Agradecimentos aos amigos pretos/pretas Surdos/Surdas que contribuíram para a evolução da presente pesquisa colocando-se à disposição para as consultas que se fizeram necessárias.

Agradeço à Secretaria de Pós-graduação do Instituto de Letras (SECPG - IL) pelo atendimento e auxílio durante todo o processo. Agradeço ao apoio por meio da bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que me proporcionou a tranquilidade necessária a fim de que eu pudesse seguir me dedicando.

Um agradecimento especial à Comunidade Surda composta por grupos de Surdos plurais que nos inspiram com uma língua multifacetada e um sistema linguístico legítimo amparados pela Lei Federal nº 10.436/02 que reconhece a Língua de Sinais Brasileira (Libras) como meio legal de comunicação e expressão da Comunidade Surda do Brasil.

ROCHA, E. (2024). **Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais**. Programa de Pós-graduação em Linguística - PPGL, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP, Universidade de Brasília - UnB, Brasília, DF, 175p.

RESUMO

A presente dissertação se insere nos estudos Teoria e Análise Linguística, na linha de pesquisa Léxico e Terminologia e teve por objetivo a proposição de um Léxico Alfabético Bilíngue em Libras e em português, que são línguas de modalidades diferentes e o tema proposto está voltado para o campo de termos de discussões étnico-raciais. O procedimento metodológico envolveu assistir diferentes lives sobre as discussões étnico-raciais no decorrer do ano de 2021 e 2022, período da pandemia do Covid-19 e foi realizado o registro de alguns termos que envolvem discussões étnico-raciais que podem ser ampliados no léxico da Libras como um todo, e em particular chegar aos pretos/pretas Surdas/Surdos, e a todos que tenham interesses na área a fim de somarmos na luta antirracista com reflexões a partir da interseccionalidade raça-surdez. Como produto desta pesquisa, apresentamos a proposta de um Léxico Alfabético Bilíngue (Libras/Português) de termos que envolvem as discussões étnico-raciais com vista a registrar questões relacionadas como representatividade Surda preta, o Surdo/a preto/a na constituição e ensino escolar bilíngue bem como sobre a trajetória educacional do sujeito Surdo/a preto/a de forma geral em vista do atendimento à Lei de número 10.639 de 9 de janeiro de 2003 sobre o ensino da temática história e cultura afro-brasileira.

Palavras-chaves: Léxico alfabético bilíngue. Língua de Sinais Brasileira. Pretos(as) Surdos(as). Pretos. Etnico-raciais. Surdez. Interseccionalidade.

ROCHA, E. (2024). **Bilingual Alphabetical Lexicon (Libras and Portuguese) of terms from the field of ethnic-racial discussions**. Postgraduate Program in Linguistics - PPGL, Department of Linguistics, Portuguese and Classical Languages - LIP, University of Brasília - UnB, Brasília, DF, 175p.

ABSTRACT

This dissertation is part of the Linguistic Theory and Analysis studies, in the Lexicon and Terminology line of research and aimed to propose a Bilingual Alphabetic Lexicon in Libras and Portuguese, which are languages of different modalities and the proposed theme is focused on the field of terms of ethnic-racial discussions. The methodological procedure involved watching different lives on ethnic-racial discussions during 2021 and 2022, the period of the COVID-19 pandemic and recording some terms involving ethnic-racial discussions that can be expanded in the lexicon of Libras as a whole, and in particular reaching out to black Deaf people, and everyone who has interests in the area in order to join in the anti-racist fight with reflections based on the intersectionality of race-deafness. As a product of this research, we present the proposal for a Bilingual Alphabetical Lexicon (Libras/Portuguese) of terms that involve ethnic-racial discussions with a view to recording issues related to black Deaf representation, black Deaf people in the constitution and school teaching bilingual; as well as on the educational trajectory of the black Deaf subject in general in view of compliance with Law number 10,639 of January 9, 2003 on teaching the subject of Afro-Brazilian history and culture.

Keywords: Bilingual alphabetical léxicon. Brazilian Sign Language. Deaf Blacks. Blacks. Ethnic-racial. Deafness. Intersectionality.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Pessoas que fazem uso de Libras no Brasil.	40
Figura 2 - Sinal ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA.	77
Figura 3 - Sinal AFRO-BRASILEIRO.	79
Figura 4 - Sinal AFRODESCENDENTE.	80
Figura 5 - Sinal ANCESTRALIDADE.	82
Figura 6 - Sinal APROPRIAÇÃO CULTURAL.	83
Figura 7 - Sinal BLACK POWER - PODER NEGRO.	85
Figura 8 - Sinal-termo: CONSCIÊNCIA NEGRA	89
Figura 9 - Variante do Sinal-termo: CONSCIÊNCIA (2).	91
Figura 10 - Variante do Sinal-termo: CONSCIÊNCIA (3).	91
Figura 11 - Sinal CONSCIÊNCIA RACIAL.	92
Figura 12 - Sinal COTAS RACIAIS.	94
Figura 13 - Variante do Sinal-termo: COTAS (2).	96
Figura 14 - Sinal DESIGUALDADE RACIAL	97
Figura 15 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	98
Figura 16 - Sinal EMPODERAMENTO	99
Figura 17 - Sinal ÉTNICO-RACIAL.	100
Figura 18 - FEMINICÍDIO MULHER NEGRA	102
Figura 19 - Sinal-termo: INJÚRIA RACIAL.	104
Figura 20 - Sinal INTERSECCIONALIDADE.	106
Figura 21 - Sinal LUGAR DE FALA.	108
Figura 22- Sinal LUTA ANTIRRACISTA	110
Figura 23 - Sinal MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO.	112
Figura 24 - Sinal NEGRO	114
Figura 25 - Variante do Sinal-termo: NEGRO (2).	116
Figura 26 - Variante do Sinal-termo: NEGRO (3) (para cor ≠ pessoas).	117
Figura 27 - Variante para o Sinal-termo: NEGRO (4).	118
Figura 28 - Sinal PRETO RETINTO.	119
Figura 29 - Sinal QUILOMBO/QUILOMBOLA.	121
Figura 30 - Sinal RACISMO ESTRUTURAL.	123
Figura 31 - Sinal REPRESENTATIVIDADE NEGRA SURDA.	125
Figura 32 - Variante do Sinal-termo: REPRESENTATIVIDADE NEGRA SURDA (2).	127
Figura 33 - Variante do Sinal-termo: REPRESENTATIVIDADE NEGRA SURDA (3) – ASL.	128
Figura 34 - Sinal SEGREGAÇÃO RACIAL.	129
Figura 35- Sinal TRANSIÇÃO CAPILAR.	131
Figura 36 - Sinal ZUMBI DOS PALMARES.	132
Figura 37 - Folha de rosto do Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais.	143
Figura 38 - Estrutura organizacional do sinal-termo do Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais.	144

Figura 39 - Sistema de busca por ordem alfabética de sinal-termo iniciado com a letra N em Português do sinal-termo do Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais.	145
Figura 40 - Público-alvo do Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais.	146
Figura 41 - Equipe de Produção do Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais.	147
Figura 42 - Sinal-termo para negro do Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais.	149
Figura 43 - Sistema de definição em português para o termo negro em Português do Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais.	150
Figura 44 - Sinal-termo para negro (Ficha Terminográfica) do Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais.	151

ÍNDICE DE FICHAS TERMINOGRÁFICAS

Ficha terminográfica 1 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	78
Ficha terminográfica 2 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	79
Ficha terminográfica 3 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	81
Ficha terminográfica 4 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	82
Ficha terminográfica 5 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	84
Ficha terminográfica 6 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	86
Ficha terminográfica 7 - Sinal COLORISMO.	87
Ficha terminográfica 8 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	88
Ficha terminográfica 9 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	90
Ficha terminográfica 10 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	93
Ficha terminográfica 11- Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	95
Ficha terminográfica 12 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	99
Ficha terminográfica 13 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	101
Ficha terminográfica 14 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	103
Ficha terminográfica 15 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	105
Ficha terminográfica 16 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	107
Ficha terminográfica 17 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	109
Ficha terminográfica 18 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	111
Ficha terminográfica 19 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	113
Ficha terminográfica 20 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	115
Ficha terminográfica 21 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	120
Ficha terminográfica 22 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	122

Ficha terminográfica 23 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	124
Ficha terminográfica 24 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	126
Ficha terminográfica 25 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	130
Ficha terminográfica 26 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	131
Ficha terminográfica 27 - Léxico alfabético bilíngue (libras e língua portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.	133

ÍNDICE DE SIGLAS

- CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEPE** - Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
- CNPq** - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- CODEPLAN** - Companhia de Planejamento do Distrito Federal
- COM** - Comercial (domínio de topo de nível superior)
- DF** - Distrito Federal
- FENEIS** - Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos
- FIOCRUZ** - Fundação Oswaldo Cruz
- GEPLIBRAS** - Grupo de Estudo e Pesquisa da Linguística das Línguas de Sinais
- GOOGLE FORMS** - Plataforma de criação de formulários online
- HD** - Alta Definição
- IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IL**- Instituto de Letras
- INES** - Instituto Nacional de Educação de Surdos
- LBI** - Lei Brasileira de Inclusão
- LIBRAS** - Língua de Sinais Brasileira
- LIP**- Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
- LP** - Língua Portuguesa
- LSB/PSL** - Língua de Sinais Brasileira/Português como Segunda Língua
- MP4** - Formato de vídeo
- ONU** - Organização das Nações Unidas
- PPGL** - Programa de Pós-graduação em Linguística
- QR Code** - Quick Response Code (Código de resposta rápida)
- SINTUFRJ** - Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Ultra HD (UHD)** - Ultra Alta Definição
- UNB** - Universidade de Brasília
- URL** - Localizador de recursos uniforme
- UnB** - Universidade de Brasília

VARLIBRAS – Laboratório Núcleo de Estudo e Pesquisa da Variação Linguística

WWW - World Wide Web (rede mundial de computadores)

YOUTUBE - Plataforma de compartilhamento de vídeos online

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - PANORAMA DA PESQUISA	16
CAPÍTULO 1 - SUJEITOS NEGROS E AS QUESTÕES LINGUÍSTICAS	
ENVOLVENDO SUJEITOS SURDOS NEGROS	20
1.1 Introdução ao capítulo 1	20
1.2 Sujeitos negros - contextualização histórica	21
1.3 Mulheres pretas – leituras e releituras	33
1.4 Pretos pesquisadores e Pretos Surdos: reflexões identitárias	36
1.5 O papel de pesquisadores pretos/pretas no ambiente acadêmico: Decolonialidade no campo racial	40
CAPÍTULO 2 – REFERENCIAL TEÓRICO E A REPRESENTATIVIDADE PRETA SURDA	44
2.1 Introdução ao capítulo 2	44
2.2 A questão racial no Brasil: compreendendo a educação de Surdos pretos	45
2.3 A lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003: ensino da história e cultura afro-brasileira e africana	51
2.4 Para além das questões Linguísticas e culturais: repensando a pretitude sob a ótica dos sujeitos pretos Surdos	53
2.5 Léxico e Terminologia voltados para o campo de discussões étnico-racial racial em Libras	55
CAPÍTULO 3 – REFERENCIAL METODOLÓGICO	59
3.1 Introdução ao capítulo 3	59
3.2 Procedimentos metodológicos da pesquisa	60
3.3 Primeira etapa: a escolha dos termos no campo de discussões de termos étnico-raciais	62
3.4 Segunda etapa: Registro, escolha e organização da tabela de termos no campo de discussões étnico-raciais	62
3.5 Terceira etapa: Elaboração e organização das fichas terminográficas de termos no campo de discussões étnico-raciais	76
3.6 Quarta etapa: Organização e envio dos vídeos em Libras	134

3.7 Quinta etapa: Organização da macroestrutura do Léxico Alfabético Bilíngue	135
3.8 Sexta etapa: Organização e estruturação da microestrutura para compor o Léxico Alfabético Bilíngue de sinais-termo	136
CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DO LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE	
BILÍNGUE	138
4.1 Introdução ao capítulo 4	138
4.2 Apresentação da Macroestrutura do Léxico Alfabético Bilíngue	139
4.3 Apresentação da Microestrutura do Léxico Alfabético Bilíngue	147
4.4 Considerações sobre a proposta do Léxico Alfabético Bilíngue	152
4.5 Descrição da composição paramétrica dos sinais-termo da pesquisa	153
CAPÍTULO 5 – Discussões acerca do Léxico Alfabético Bilíngue	155
5.1 Introdução ao capítulo 5	155
5.2 A receptividade por pretos/pretas Surdos/Surdas do Léxico Alfabético Bilíngue do campo de discussões étnico-raciais e a estrutura de sinais-termo em Libras	156
5.3 Relevância da temática proposta em face da realidade da comunidade Surda	157
5.4 Representatividade de Pretas/Pretos Surdos/Surdas na proposta de criação de sinais-termo	158
REFERÊNCIAS	165
ANEXOS	171
ANEXO I	172
ANEXO II	173
ANEXO III	174
ANEXO IV	175

INTRODUÇÃO - PANORAMA DA PESQUISA

O presente estudo foi desenvolvido na área de Teoria e Análise Linguística, da linha de pesquisa: Léxico e Terminologia com parceria do Grupo de Estudo e Pesquisa da Linguística das Línguas de Sinais (GEPLIBRAS/UnB/CNPq), sendo desenvolvido no Laboratório Núcleo de Estudo e Pesquisa da Variação Linguística da Libras (VARLIBRAS) do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL), do Instituto de Letras (IL) da Universidade de Brasília (UnB).

A importância de pensarmos letramento racial voltado para a população preta Surda ainda precisa ser discutida presumindo que o sujeito preto Surdo carrega marcas identitárias interseccionais como surdez-raça e precisa ter garantido seu pleno direito ao uso da Língua de Sinais Brasileira - Libras - como sua primeira língua - (L1), visto que atende às suas especificidades linguísticas e ontológicas, e o permite interagir e entender o mundo em sua inteireza de forma significativa; e, o português como segunda língua - (L2), em uma concepção bilíngue.

Uma reflexão que se faz necessária, nesse contexto, é sobre o impacto social de nossa pesquisa junto à comunidade de pessoas pretas Surdas. Por que é necessário abordar essa temática? Vivemos em um país que por mais de 300 anos alimentou uma instituição cruel que sequestrava seres humanos em África, escravizando-os e submetendo-os a condições desumanas. Por muitos anos, essa história nos foi negada e a parte que nos foi contada, nos foi contada sob a ótica daqueles que escravizaram nossos ancestrais. Conhecer a nossa história é essencial para entendermos o processo de escravização de nossos ancestrais e, conseqüentemente, o racismo estrutural que hoje impera na sociedade brasileira. É necessário que a luta seja agregada por todos aqueles que acreditam em uma sociedade justa e equânime para todos. Pessoas Surdas pretas precisam estar munidas de todo o conhecimento necessário a fim de contribuir na luta antirracista.

A presente pesquisa encontra-se dividida em cinco capítulos, seguidos das considerações finais. O primeiro capítulo apresenta um retrospecto histórico tendo como cenário o sequestro de seres humanos em África e a diáspora preta, seguido de minha visão de mulher preta, militante e ativista antirracista contemplando a relevância de agregar pessoas pretas surdas na luta antirracista, na propositura decolonial, embasada na representatividade de intelectuais pretas e

pretos acadêmicos e na importância de nossa história ser contada pelos nossos, considerando que a perspectiva do colonizado é diferente da perspectiva do colonizador.

O segundo capítulo apresenta o referencial teórico usando em nossas pesquisas e a representatividade preta surda, abordando aspectos de políticas públicas de igualdade e justiça racial e de que formas elas contribuem para repensarmos a pretitude sob a ótica do sujeitos pretos surdos considerando suas especificidades linguísticas, especificidades identitárias pretas surdas, e especificidades culturais pretas surdas permitindo-lhes o conhecimento de sua história e de sua ancestralidade.

No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia e suas respectivas etapas utilizadas para a organização do Léxico Bilíngue - Língua Brasileira de Sinais e Português, com foco em termos no campo de discussões étnico-raciais.

No quarto capítulo, apresenta a proposta da nossa pesquisa, seus aspectos macroestruturais e microestruturais e a descrição da composição paramétrica dos sinais-termo.

No quinto capítulo, apresentamos discussões acerca da nossa proposta de pesquisa e sua relevância temática tendo em vista a realidade da Comunidade Surda e Preta Surda e a representatividade de Pretas/Pretos Surdos/Surdas na criação de sinais-termo.

Já nas considerações finais, enfatizamos a importância da luta antirracista, agregando à essa luta de responsabilidade social, os sujeitos pretos surdas e surdos, permitindo-lhes o protagonismo ora negado, considerando suas especificidades linguísticas, a saber a Língua Brasileira de Sinais - Libras - como L1, como primeira língua, e a Língua Portuguesa como L2, como segunda língua. Entendemos que é fundamental nos agregarmos, enquanto comunidade, visto que as agendas coloniais seguem impedindo que avancemos na luta antirracista.

O objetivo geral da pesquisa é elaborar e desenvolver um Léxico Alfabético Bilíngue, abrangendo a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e o Português, com foco específico nos termos relacionados ao campo de discussões étnico-raciais, visando a promoção da inclusão, da representatividade e da acessibilidade linguística para a comunidade surda, especialmente para sujeitos envolvidos em discussões da referida temática. Segue-se a apresentação dos objetivos específicos: i) Identificar e selecionar termos relevantes da área; ii) realizar um levantamento detalhado de termos pertinentes ao campo de discussões étnico-raciais nas esferas linguísticas e culturais, considerando a diversidade de expressões utilizadas tanto em Libras quanto em Português; iii) Analisar a Relevância Cultural e Linguística; iv) estabelecer Correspondências

Linguísticas; v) Desenvolver o Léxico Alfabético Bilíngue; e vi) Disseminar o Léxico na Comunidade Surda.

Ao cumprir esses objetivos, busca-se não apenas criar um recurso linguístico, mas também estabelecer uma ponte eficaz entre as línguas e culturas presentes na comunidade Surda, especialmente no contexto de discussões étnico-raciais, contribuindo para a valorização da diversidade e a promoção da igualdade linguística e cultural.

A elaboração de um Léxico Alfabético Bilíngue, abrangendo a Língua de Sinais Brasileira (Libras) e o Português, com ênfase nos termos relacionados ao campo de discussões étnico-raciais, fundamenta-se na necessidade premente de promover a inclusão linguística e cultural da comunidade surda, especialmente daqueles envolvidos em debates étnico-raciais. Essa pesquisa surge como resposta às lacunas identificadas no atual cenário linguístico, reconhecendo a importância de proporcionar um espaço autêntico e representativo para expressar e discutir as experiências étnico-raciais na comunidade Surda brasileira.

Dentre esses pontos, podemos destacar a necessidade de ampliação da representatividade, devido à ausência de um Léxico Alfabético Bilíngue específico para o campo de discussões étnico-raciais que implica em uma lacuna representativa na comunidade Surda. A pesquisa visa preencher essa lacuna, ampliando a representatividade linguística para abarcar a riqueza de expressões relacionadas à identidade e às vivências étnico-raciais.

Nesse sentido, a criação desse léxico bilíngue não se limita a uma mera tradução de termos, mas propõe-se a ser uma ferramenta que favoreça a inclusão linguística e cultural. Considerando a diversidade linguística presente em Libras e a complexidade cultural da comunidade Surda, é essencial oferecer um recurso que reflita genuinamente as nuances do campo étnico-racial.

A pesquisa atende diretamente às demandas identificadas pela comunidade Surda engajada em discussões étnico-raciais, que carece de um recurso linguístico que corresponda de forma adequada às suas experiências e narrativas específicas. Essa lacuna compromete a plena participação desses sujeitos em debates e diálogos pertinentes à sua realidade.

A criação do léxico alfabético bilíngue não apenas contribui para a comunicação efetiva, mas também fortalece a identidade da comunidade surda negra. Ao oferecer termos que abordam as complexidades das experiências étnico-raciais, a pesquisa propicia uma ferramenta que reforça a autoafirmação e o reconhecimento da identidade surda negra.

O Léxico Alfabético Bilíngue resultante dessa pesquisa pode ser incorporado em práticas educativas e pedagógicas, melhorando a compreensão e promovendo um ambiente de aprendizado inclusivo. A conexão entre a linguagem e as experiências étnico-raciais é crucial para o desenvolvimento educacional e social dos surdos.

Além disso, a pesquisa contribuirá para a expansão do conhecimento no campo das línguas de sinais, fornecendo resultados valiosos sobre a interseção entre a linguagem e as discussões étnico-raciais na comunidade surda. Esse avanço contribuirá para o enriquecimento das pesquisas acadêmicas e práticas na área.

A relevância dessa pesquisa reside na promoção de uma linguagem mais inclusiva e na valorização das diversas identidades presentes na comunidade surda, reforçando o compromisso com a diversidade, igualdade e respeito às diferentes experiências étnico-raciais. O Léxico Alfabético Bilíngue resultante não é apenas uma ferramenta linguística; é uma afirmação de que todas as vozes devem ser ouvidas e representadas em todas as esferas da sociedade, independentemente de sua forma de expressão linguística.

CAPÍTULO 1 - SUJEITOS NEGROS E AS QUESTÕES LINGUÍSTICAS ENVOLVENDO SUJEITOS SURDOS NEGROS

1.1 Introdução ao capítulo 1

Nos meandros da complexa rede que compõem a sociedade contemporânea, a interseccionalidade entre a negritude e as questões linguísticas emerge como um campo rico para análises aprofundadas e reflexões transformadoras. Esta pesquisa visa lançar luz sobre diversas facetas dessa interseção, explorando temas que abrangem desde a contextualização histórica dos sujeitos pretos até as reflexões identitárias de pesquisadores pretos e pretas no ambiente acadêmico, com especial atenção para as questões linguísticas que envolvem os sujeitos surdos pretos. No âmbito da contextualização histórica, é imperativo compreender as profundas raízes que moldam a experiência dos sujeitos pretos, cujas trajetórias são marcadas por um legado de lutas, resistências e conquistas. Nesse contexto, a análise se estende às mulheres pretas, que protagonizam leituras e releituras de suas próprias narrativas, desafiando estereótipos e construindo novas perspectivas em meio a um panorama social historicamente marcado pela marginalização. Ao adentrar o universo dos pretos pesquisadores e pretos surdos, somos instigados a refletir sobre as complexas dinâmicas identitárias que permeiam suas vidas. A interseção entre a negritude e a surdez suscita questionamentos sobre a inclusão e o reconhecimento desses sujeitos em diferentes esferas da sociedade, incluindo o âmbito acadêmico. A última temática abordada nessa pesquisa diz respeito ao papel dos pesquisadores pretos e pretas no ambiente acadêmico com ênfase na necessidade de uma abordagem decolonial no campo racial. A descolonização do conhecimento emerge como uma ferramenta poderosa na reconstrução de narrativas e na promoção da equidade, desafiando estruturas historicamente enraizadas que perpetuam desigualdades. Ao explorar esses temas interligados, almejamos contribuir para uma compreensão mais ampla das experiências, desafios e contribuições dos sujeitos pretos em suas diversas manifestações, bem como fomentar diálogos que promovam a justiça social e a valorização da diversidade nas esferas linguísticas, históricas e acadêmicas, principalmente em línguas de sinais.

1.2 Sujeitos negros - contextualização histórica

A presente pesquisa busca oferecer uma contribuição para o público-alvo sujeitas pretas Surdas, pretos Surdos, intérpretes de Libras e todos que tenham interesse no tema proposto e sejam usuários de Língua de Sinais Brasileira - Libras - como primeira ou segunda língua, haja vista a regulamentação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão no Brasil, sendo a referida Lei regulamentada pelo Decreto nº 5.626 de 2005. O objeto de estudo da presente pesquisa são termos no campo de discussões étnico-raciais dentro da proposta de criação de um léxico bilíngue, Língua de Sinais Brasileira - Libras e Língua Portuguesa - LP - línguas de modalidades diferentes em face de suas peculiaridades.

A motivação para a realização dessa pesquisa surgiu de forma muito espontânea à medida que eu começava a interagir com minhas colegas e minhas surdas pretas e Surdos pretos no curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira-Português como Segunda Língua - (LSB-PSL), na Universidade de Brasília - (UnB), posto que durante as dinâmicas de interação do curso e em seu decorrer, eu me percebia, enquanto mulher preta, em meus pares. Comecei a buscar referências pretas no meu curso e essa busca, em meus símiles, viabilizou um maior entrosamento com eles me permitindo o acesso à cultura surda e a Língua de Sinais Brasileira - Libras - de forma cotidiana. Foi então que eu percebi a falta de léxico e terminologia próprios da área e voltadas para discussões no campo étnico-racial em Língua de Sinais Brasileira como um entrave a fim de que as discussões fluíssem.

Alguns dos termos que são propostos na presente pesquisa surgiram, inicialmente, da leitura da reportagem do Guia do Estudante, ano de 2020¹, que trata da importância de difundir termos da área do Movimento Negro nas redes sociais e fora delas. Como declara Gomes (2017) assim como outros movimentos sociais, o movimento negro é um agente social e político capaz de reconstruir identidades, de trazer indagações, de ressignificar e de politizar conceitos sobre si mesmo e sobre a realidade social. Os outros termos surgiram das lives assistidas e registradas

¹ Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/glossario-termos-entender-movimento-negro/> Acesso em: 20/12/2023.

em torno da temática racial, pesquisas com foco nos sujeitos surdos e pretos surdos e pesquisas etnico-raciais, protagonizadas por pesquisadoras e pesquisadores pretos e pretos Surdos voltados para o tema, abordando a importância em agregar a comunidade preta Surda dentro das discussões propostas. A seguir, apresento a tabela com as lives que assisti durante o período da pandemia, conforme orientação do professor Dr. Gláucio Castro Júnior para o registro dos termos da área de discussão étnico-raciais:

Quadro 1 - Participação em Lives com a temática da área de pesquisa no período da COVID - 19.

Tema	1. Enfrentando Urgências Racismo é a Pandemia.	2. Defesa de Dissertação de Mestrado - PPGDH - CEAM - UnB. Amefricanizando o amor. Layse da Silva Zacarias. Diálogo entre bell hooks e Lélia Gonzalez. *bell hooks optou por grafar seu pseudônimo com iniciais minúsculas em respeito a seu posicionamento político e recusa egóica.	3. Racismo é a PANDEMIA . Professor Marcos Lopes e Professora Gina Vieira (SEE-DF).	4. Olhos que condenam . Direção Ava Durvenay.	5.Odu - Festival de Arte Negra. Bate-papo com agentes coletivos e espaços culturais.	6. Sankofa - A África que te habita. Indicação feita pela Professora Dra. Renata Nogueira (SEE-DF)	7. Políticas de Estado: Como o eurocentrismo da sociedade e estado brasileiro impactam na formulação de suas políticas internas e externas? PPGDH - UnB. Curador Júlio Lisboa.	8. Cotas Raciais no Brasil - Perspectivas para além de 2022.	9. Antirracismo e Quilombismo - Pela decolonização dos grupos de estudo.
Data de participação	24/06/2021	15/07/2021	15/07/2021	Junho/2021	17/0/2021	18/07/2021	27/07/2021	05/08/2021	19/10/2021
Horário	19h	10h	19h	Diversificados.	14h	17h	19h	19h	17h
Plataforma	Canal Elementos Pretos - Plataforma Youtube. https://www.instagram.com/p/CTaCc6EF8wW/ https://www.instagram.com/p/CRTy0islYEg/	Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=f_UNZDY4iU	Canal Elementos Pretos - Plataforma Youtube. https://www.instagram.com/p/CTaCc6EF8wW/ https://www.instagram.com/p/CRXF6Omlf4Z/	Série da Plataforma Netflix. https://www.youtube.com/watch?v=YS45dSd1fXU	Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=fTPoE7iJi7o	Série da Plataforma Netflix. https://www.youtube.com/watch?v=8133gXVi_MY	Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=Sj_ZayaPd_c	Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=8MKGeKoAhIM	Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=5mjmkrb0dv0

10. Educação Linguístico-literária Crítica Antirracista - Professor Dr. Kleber Aparecido - UnB.	11. Ensinando a Transgredir - Bell Hooks: O afroliterato pensamento crítico através da leitura de autores e autoras negros e negras.	12. Novembro Negro - Ações afirmativas para uma sociedade antirracista. Palestrante: Aurelielza Nascimento Santos.	13. Novembro Negro - 2. Negritude, justiça social e educação antirracista e decolonialidade. Palestrante: Professor Kleber Aparecido	14. Será que você sabe mesmo o que é colorismo?	15. Café da manhã com Helenice e Mulheres Negras na biblioteca	16. Negritude, Justiça Racial e Decolonialidade. Palestrante : Professor Kleber Aparecido.	17. Entenda o que é CONSCIEÊNCIA RACIAL - Canal Preto	18. Linguística Aplicada Crítica. 1. Joaquim Dolz (Universidade de Genebra/Suíça). 2. Lynn Mário Menezes de Sousa.	19. Falas Negras: Programa apresentado na Rede Globo de Televisão no Dia Nacional da Consciência Negra - 20 de novembro.	20. Interseccionalidade e a Literatura Negra Surde. Vamos falar sobre isso? Palestrante Professora Nanci Araújo.
19/11/2021	19/11/2021	17/11/2021	26/11/2021	17/11/2022	20/11/2021	26/11/2021	01/11/2021	04/10/2021	20/11/2021	16/12/2021
19h	21h	09h	09h	09h	09h	18h	18h	10-12h	22h	09h
Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=uufGYSLKSpq	Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=cyB0jksVYcw&t=86s	Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=19tn_1S84yY	Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=I6u_CXv9CyM&t=6354s	Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=FaMSWL3360k	ZOOM. https://www.youtube.com/watch?v=3hgCe6fozUQ	Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=I6u_CXv9CyM&t=6352s	Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=8j_1NGDlj2I&t=42s	MEET. *No dia desse evento a reunião sofreu um ataque cibernético e foi invadida por hackers e odiadores e o professor Dr. Kleber Aparecido (UnB) sofreu ataques racistas. https://www.facebook.com/photo/?fbid=5000862109927246&set=a.416410001705836	Canal 10 da Rede Globo de Televisão. https://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/mes-da-consciencia-negra-tem-programacao-especial-na-tv-globo.html	Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=_WkKPldFCms&t=2578s

21. Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas Escolas - Lei 10.639/03. Palestrante Professora Ayala Tude - Professora de Inglês em uma perspectiva afrodiaspórica.	22. Vidas Negras realmente importam no Brasil? Palestrante: Professor Dr. Kleber Aparecido Silva (UnB) - Linguística Aplicada Antirracista (crítica e engajada).	23. Djamilia Ribeiro: "Lugar de fala não é impedir alguém de falar, é dizer que outra voz precisa falar."	24. Práticas Congadeiras e Saúde Mental da População Negra. Palestrante: Professora Dra. Renata Nogueira (SEE-DF).	26. A Lei de Ensino da África chega à maioria: Como as escolas têm aplicado a Lei 10.639? Desenraizando o Racismo. Enraizando o Antirracismo. Favela Antirracista.	27. Nossa voz ecoa. EP 09 - Lei 10.639.	28. Você conhece a Lei 10.639?	29. Ensino de História da África: significado, desafios e caminhos a trilhar. Palestrante: Professora Dra. Mônica Lima e Souza. Laboratório de Estudos Africanos - LEÁfrica. Instituto de História da UFRJ.
09/02/2021	24/09/2021	06/06/2022	07/06/2022	17/07/2022	18/07/2022	18/07/2022	18/07/2022
20h	16h10	14h	08h30	08h31	17h39	18h47	20h33
Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=w6vuRQUaltE&t=59s	Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=y06sF0N2K0	Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=bffEFMXH6FM	ZOOM. https://www.facebook.com/photo/?fbid=5195399283860517&set=pcb.5195399507193828	Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=fTY5ZoICZaY	Canal Preta Rara - Plataforma Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=Pv0RTnSJak	Canal Pretinho mais que básico - Plataforma Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=ErYKfJ4aqc	Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=0e9UMQIED9E

30. Ninguém se empodera individualmente se o grupo não estiver empoderado. Professora Joice Berth.	31. Silvio Almeida e Joice Berth debatem racismo estrutural na Semana da Equidade Racial.	32. A Pedagogia Engajada como Prática de Resistência. bell hooks e Paulo Freire por Macedo e Barbosa. Projeto de Extensão: Jornada: Leitores da Liberdade.. Responsável: Professora Norma Diana - UnB. Roda de Conversa.	33. Escritos de Liberdade: Literatos negros, Racismo e Cidadania no Brasil. Professora Dra. Ana Flávia Magalhães Pinto - UnB. Projeto de Extensão: Jornada: Leitores da Liberdade. Responsável: Professora Norma Diana - UnB. Roda de Conversa.	34. Conto: A Escrava de Maria Firmina dos Reis. Projeto de Extensão: Jornada: Leitores da Liberdade. Responsável : Professora Norma Diana - UnB. Roda de Conversa.	35. Racismo Estrutural - Silvio de Almeida. Três concepções de racismo: individualista, institucional e estrutural. Projeto de Extensão: Jornada: Leitores da Liberdade. Responsável: Professora Norma Diana - UnB. Roda de Conversa.	36. Nem todas as crianças vingam: pedagogia da violência pode matar o país. Artigo da professora Dra. Ana Flávia Magalhães Pinto - UnB. Projeto de Extensão: Jornada: Leitores da Liberdade. Responsável: Professora Norma Diana - UnB. Roda de Conversa.	37. Pequeno Manual Antirracista. Autora: Djamilia Ribeiro. Projeto de Extensão: Jornada: Leitores da Liberdade. Responsável: Professora Norma Diana - UnB. Roda de Conversa.
25/07/22	25/07/2022	15/06/2022	22/06/2022	22/06/2022	06/07/2022	06/07/2022	20/07/2022
18h10	18h39	12h30	12h30	12h30	12h30	12h30	12h30
Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=J4RAgli1ptw	Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=-jh3RPh2fb8&t=4211s	Presencial.	Presencial.	Presencial.	Presencial.	Presencial.	Presencial.

38. Romance Ponciá Vicêncio. Autora Conceição Evaristo. Projeto de Extensão: Jornada: Leitores da Liberdade. Responsável: Professora Norma Diana - UnB. Roda de Conversa.	39. Nem todo surdo é igual: discussões interseccionais preliminares na educação de Surdos (2022). Professora Dra. Sandra Regina Leite de Campos. Professora Dra. Nanci Araújo Bento.	40. Surdo-negro soteropolitano: uma pesquisa exploratória sobre a sua percepção de opressão e exclusão (013). Professor Me. Alex Sandrelanio dos Santos Pereira. Professora Rosenilde Oliveira Pereira.	41. Interseccionalidade entre Raça e Surdez: A situação de Surdos(as) Negros(as) em São Luiz - MA (2012). Dissertação de Mestrado Professor Me. Francisco José Roma Buzar.	42. Que corpo é esse? Literatura negra surda, interseccionalidade e violências (2021). Professora Ma. Ires dos Santos Brito - UFBA; Professor Jonatas Rodrigues Medeiros - UFSC; Professora Dra. Nanci Araújo Bento - UFBA e Nayara Rodrigues - Poeta surda.	43. Características Ancestrais do Povo Negro: vestuário, penteados e as relações com a sociedade brasileira. Professora Ma. Priscilla Leonnor - UFRB.	44. Estatuto da Igualdade Racial. Live com a professora Priscilla Leonnor Alencar Ferreira.
20/07/2022	26/07/2022	27/07/2022	27/07/2022	28/07/2022	28/07/2022	31/07/2022
12h30	15h10	07h20	15h40	15h	18h27	14h
Presencial.	Artigo.	Artigo.	Artigo.	Artigo.	Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=DhrqOiUxi_c&t=834s	Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=NqHzQ3Ph7TA

45. "Carta de uma ex-mulata a Judith" por Figueiredo. Livro: Pensamento Feminista Hoje. Projeto de Extensão: Jornada: Leitores da Liberdade. Responsável: Professora Norma Diana - UnB. Roda de Conversa.	46. Descolonizar o feminismo. Projeto de Extensão: Jornada: Leitores da Liberdade. Responsável: Professora Norma Diana - UnB. Roda de Conversa.	47. Mobilidade Antirracista. Daniel Santini et al. (orgs). Projeto de Extensão: Jornada: Leitores da Liberdade. Responsável: Professora Norma Diana - UnB. Roda de Conversa.	48. Feminismo e Literatura Contemporânea. Projeto de Extensão: Jornada: Leitores da Liberdade. Responsável: Professora Norma Diana - UnB. Roda de Conversa.	49. Reparação Histórica e Justiça Social. Professor Paulo Gamba.	50. WD Eu Sou
31/07/2022	31/07/2022	31/07/2022	10/08/2022	13/08/2022	13/08/2022
12h30	12h30	12h30	12h30	12h30	08h
Presencial.	Presencial.	Presencial.	Presencial.	Presencial.	Youtube https://www.youtube.com/watch?v=QJ8Zp_HYsbl

Fonte: Elaboração própria

A temática da diversidade étnico-racial passou a ser amplamente discutida com maior ênfase a partir da promulgação da Lei nº 10.639, em 2003. Contudo, é evidente que há diversos aspectos ainda a serem abordados e trabalhados, uma vez que a discriminação e o preconceito persistem no cotidiano. Nesse contexto, destaca-se a relevância da educação como agente fundamental para transformar esse cenário, promovendo a conscientização e fomentando a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa - educação antirracista.

Desse modo, a educação étnico-racial representa um enfoque educacional direcionado às particularidades dos diversos grupos étnicos que contribuíram para a formação do povo, sendo notáveis no Brasil as heranças culturais deixadas por esses grupos. É crucial ressaltar que a trajetória histórica do país foi marcada por uma sociedade escravista e permeada por preconceitos, gerando profundas sequelas de desigualdade em uma perspectiva multicultural. Nesse contexto, o preconceito se destacou como um traço marcante, enfatizando a importância da educação étnico-racial como instrumento de reflexão e transformação desse legado de discriminação. Hall (2009) enfatiza a importância de fazermos uma distinção entre multicultural e multiculturalismo, conceitos que se tornam de grande importância para que não entremos em contradições linguísticas.

Conforme McLaren (1997), o multiculturalismo engloba as questões de raça, etnia, gênero e classe. Fizemos um recorte dessas temáticas delimitando o campo das discussões étnico-racial, um dos pontos mais debatidos no espaço escolar e o foco central dessa pesquisa.

O termo negro, usado inicialmente na presente pesquisa, está relacionado a questões étnico-raciais. Já o uso do termo *preto* refere-se a questões político-ideológicas, no sentido de emancipação racial em uma ótica decolonial. Pontuamos o registro do termo *Surdo* na presente pesquisa com inicial maiúscula, porque acreditamos e nos agregamos à luta em favor do protagonismo dos sujeitos Surdos e pretos Surdos, considerando seus artefatos culturais e em respeito à sua luta

Para se pensar uma educação decolonial, deve-se compreender a interculturalidade muito mais que um novo enfoque pedagógico, mas sim como um processo e projeto político (Fernandes, 2010).

Diante do que foi apresentado na seção anterior e tendo como ponto de partida o cenário de sequestro de nossos ancestrais em África e também da posterior “pretensa”² libertação dos escravizados no território brasileiro, nesta seção pretende-se fazer uma retrospectiva histórica pensando a diáspora preta e refletir acerca do que porventura tenha mudado nas vidas dos escravos libertos e como essas mudanças impactaram essas vidas no período pós-escravidão até os dias atuais, pensando a suposta farsa forjada da libertação da escravatura.

A cultura negra no Brasil se configura como uma peculiaridade construída ao longo da história por segmentos étnicos de origem africana. Esses grupos se organizaram de maneira interconectada, não de forma isolada, mas em constante contato com outras etnias e povos. De maneira abrangente, a cultura negra permeia o modo de vida do povo brasileiro, independentemente de seu pertencimento étnico-racial, salvo raras exceções. Esse entrelaçamento cultural reflete não apenas a diversidade étnica, mas também a riqueza e complexidade das influências que moldaram a identidade cultural do Brasil ao longo do tempo.

Estamos em pleno século XXI, ano de 2022, 35 anos desde que o processo de escravização no Brasil foi considerado extinto, e diante do tempo decorrido da chegada do primeiro navio negreiro oriundo de África no início do século XVI, ano de 1535. Até os dias atuais, a impressão que temos é de que nada mudou e que ainda se faz necessário refletir e dialogar sobre a temática racial e a diversidade em um país que, segundo dados do IBGE

² Grifo meu visto que a História relata que os escravos egressos do cativo foram relegados à sua própria sorte.

(Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) (2022), a população brasileira que se autodeclarou parda equivale a 45,3%. O somatório da população parda mais a população preta 10,2% equivalem à população negra (somatório de pretos e pardos) correspondendo a um total de 55,5% (Anexo I). Essa população apresenta em seu desfavor índices sociais significativos tendo em vista aspectos como pobreza, analfabetismo, violência policial, violência de gênero, desemprego, e remunerações inferiores em ocupações semelhantes, no mercado de trabalho, considerados dados comparativos em relação à população não negra. É necessário considerar a parcela populacional de pretos Surdos, ainda que não haja referências específicas a esse contingente populacional, reforçando dentro da educação antirracista aspectos pautados no respeito e na diversidade com foco em suas especificidades identitárias, culturais e linguísticas. Ainda de acordo com o IBGE (2010), 9,7 milhões de brasileiros, 5,1% da população brasileira são Surdos ou têm deficiência auditiva. Dentro dessa parcela populacional, não há registro de pretos/pretas Surdos/Surdas.

Seguindo nessa linha histórica, pontuamos o ano de 1535 como o marco do início da escravização no Brasil com a chegada da população negra sequestrada em África, que teve como cenário a cidade de Salvador, no estado da Bahia, processo que se estendeu até o dia 13 de maio de 1888 com a assinatura da Lei Áurea - Lei n.º 3.353 - pela princesa imperial regente - Isabel Cristina - em nome de sua majestade - o imperador Dom Pedro II - declarando extinta a escravidão no Brasil.

Foram exatos 388 anos de um processo cruel e absolutamente desumano que escravizou seres humanos, submetendo-os a trabalhos exaustivos e em condições cruéis. O Brasil carrega, segundo o Banco de Dados do Comércio Transatlântico de Escravos (The Transatlantic Slave Trade Database³), o triste marco de ser o país que mais recebeu africanos em situação de escravização das Américas, 4,86 milhões de africanos sequestrados em África desembarcaram no território brasileiro, considerando que, segundo registros, mais de 12,5 milhões de africanos foram sequestrados em África⁴. Sendo assim, pensando o território brasileiro, temos mais tempo de período de escravização do que de libertação do povo negro. O processo de escravização de negros africanos e o racismo em si são práticas tão cruéis que vêm deixando e têm deixado

³ Disponível em: <https://plataforma9.com/investigacao/slave-voyages-2-0-the-trans-atlantic-slave-trade-database.htm>

⁴ Disponível em:

<https://super.abril.com.br/especiais/a-era-da-escravidao/#:~:text=N%C3%A3o%20era%20o%20%C3%BAnico%3A%20entre,outo%20lado%20do%20Oceano%20Atl%C3%A2ntico.>

marcas profundas que precisam ser reparadas. O racismo reúne em si todas as violências, negando às pessoas o direito de ser e de existir. É a soma de todos os males. Os algozes dos negros escravizados foram impiedosos e implacáveis. Não podemos pensar a situação do negro no Brasil sem considerar esse panorama histórico, buscando referências decoloniais, e as interseccionalidades raça-surdez-gênero, pois conforme afirma Ortegá (2018, p.3): “outros processos são responsáveis por desigualar e assujeitar determinados indivíduos e grupos, por meio da raça, da etnicidade, do gênero e outros”.

Racismo é um processo que consiste em caracterizar uma raça como sendo superior a outra, ou seja, existe toda uma hierarquia por trás de todo esse processo, uma hierarquia falsa advinda dos tempos da colonização do Brasil, no qual a classe europeia era tida como dominante e superior às demais; e esse racismo perdura até os dias de hoje pois mesmo com o passar de tanto tempo, a sociedade ainda traz consigo esses traços marcantes de preconceito (Gomes, 2005).

Diante do cenário até aqui exposto e que retrata violências de toda espécie, desumanidade, condições degradantes a que foram submetidos os negros africanos sequestrados e em situação de escravizados rumo às Américas, aqueles que conseguiam sobreviver, quando chegavam a seus destinos, eram amontoados em senzalas úmidas e sem condições mínimas de higiene e submetidos a açoites, a castigos e à hostilidade. Muitos desses homens e mulheres chegavam a seus destinos com seus corpos enfraquecidos e adoecidos sofrendo de uma tristeza profunda, batizada de banzo⁵, sinônimo de uma nostalgia imensurável devido às condições em que foram arrancados de mãe-África. Referente aos africanos que não conseguiam completar a longa viagem, há registros de que a viagem de navio poderia durar de 35 a 50 dias a depender do destino dentro do território brasileiro⁶, tinham seus corpos descartados ao mar, semimortos, sendo esse processo cruel e desumano e que dizimou milhares de famílias, saqueando seus lares e transportando compulsoriamente seus membros de suas origens.

Além disso, se considerarmos a interseccionalidade gênero e raça, a situação não era diferente para a mulher negra em condições de escravização. A negra africana escravizada era penalizada em situações de vulnerabilidade diversas, seguia sendo estuprada, violentada,

⁵ Estado de depressão psicológica que acometia os africanos sequestrados em África logo que desembarcavam no Brasil.

⁶ Link de busca na plataforma Google:
<https://escolakids.uol.com.br/historia/trafico-negreiro.htm#:~:text=Os%20escravos%20eram%20transportados%20em,para%20o%20Rio%20de%20Janeiro.>

açoitada, “coisificada”, sendo objeto de prazer e perversidades de seus senhores e sinhas. bell hooks⁷ (2020), intelectual negra estadunidense, escritora, feminista e ativista social, nos relata que a mulher negra escravizada tinha, inclusive seu útero, a serviço do capitalismo (Viana, 2021), visto que era estuprada por seus senhores e como consequência desses estupros gerava mão de obra escravizada para eles. Ainda que gerasse mais escravos para seus senhores, isso não amenizava seu sofrimento e sua condição de escrava; a regra era que assim que o bebê filho de escrava nascesse seria vendido e elas eram obrigadas a amamentar os filhos de seus senhores.

Diante de todo esse cenário de desumanização, é importante relembrar, conforme afirmou o sociólogo, jornalista, historiador e escritor brasileiro Clóvis Moura em seu artigo *Cem Anos de Abolição do Escravismo no Brasil*, que o negro africano sequestrado em África e escravizado no Brasil, ao contrário do que se fez acreditar, não assumiu uma postura passiva, lutava diariamente contra o cativo. Lutou bravamente em busca de sua liberdade, segundo o autor, trazendo relatos de diversos quilombos, entre eles, um dos quilombos mais conhecidos da história brasileira, o Quilombo dos Palmares, instalado na Serra da Barriga, atual região de Alagoas e que teve Zumbi dos Palmares como líder que comandou a última fase da resistência.

O fim da escravatura no Brasil não foi, ao contrário do que nos fizeram acreditar, um ato de humanidade e de profunda benevolência por parte daqueles que durante um período significativo da história (1549-1888) foram a favor da exploração de mão de obra escrava. É bem sabido que, no que tange a aspectos econômicos, o processo de escravização deixou de ser viável, e também que a Inglaterra, enquanto potência político-militar passou a exercer fortes pressões sobre os países que ainda mantinham bases que sustentavam o tráfico negreiro o que causou sérios problemas para o Brasil.

Azevedo (1987, p. 33) propõe reflexões acerca de como o negro foi palco de preocupações reformistas de alguns, no sentido “do que seria feito com o negro após a ruptura da polaridade senhor-escravo, presente em todas as dimensões sociais e estruturais da sociedade brasileira”. Priorizavam a questão do embranquecimento da raça. Azevedo (1987) traçou um histórico de como estrategistas e reformistas buscavam minimizar impactos e prejuízos que, porventura, viriam com a abolição dos escravos, como também fortalecer a questão imigratória do branco europeu, estimulando os cruzamentos interracialis, e a longo prazo propiciando o

⁷ bell hooks passou a adotar esse apelido escrito com iniciais minúsculas porque, para ela, o conteúdo da obra deveria ter um valor muito mais representativo do que sua autoria.

desaparecimento dos negros africanos e de seus descendentes. Era necessário injetar mais brancos no espaço até então ocupado, predominantemente, por negros e índios justificando-se, assim, a necessidade da imigração europeia. Com isso, seguimos em um cenário que mostra comprovadamente que nada mudou à frente de uma estrutura social segregacionista, pano de fundo para práticas racistas, com segmentos que não foram pensados para comportar pessoas negras e pessoas Surdas.

Conforme já foi dito, a libertação dos escravos não passou de uma farsa arquitetada com o único intuito de relegar à própria sorte negros que já não tinha nenhuma serventia para seus senhores, e nenhuma política pública foi pensada no sentido de integrar socialmente aquelas pessoas. Não houve propostas decentes de transição e não foi pensado como aquelas pessoas até então escravizadas iriam viver diante daquela nova realidade social. Não lhes foram pagas indenizações de nenhuma espécie visando amenizar e atenuar a insegurança que enfrentariam em face daquela realidade de mão de obra escravizada para assalariados. A nova sociedade que se organizava visando o trabalho assalariado não fora estruturada para receber esse grupo indesejado socialmente. A forma como se deu o processo contribuiu significativamente para o cenário que hoje reflete a marginalização e invisibilidade da população negra no Brasil originando desigualdades estruturais historicamente construídas. O sociólogo Florestan Fernandes (1964) em "A integração do negro na sociedade de classes", pontua:

A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. (...) Essas facetas da situação (...) imprimiram à Abolição o caráter de uma espoliação extrema e cruel. (Fernandes, 1964, p. 29).

Esses dados refletem, seguramente, que não houve, até então, políticas públicas de ações afirmativas criadas a fim de reparar a desigualdade em desfavor da população preta, marginalizada, excluída, violentada e segregada historicamente.

Trazendo esse cenário histórico para uma reflexão atual, segundo o IBGE (2022), o número de negros que ocupam trabalhos informais e, por conseguinte, ganham menos é absurdamente maior em relação aos não negros (Anexo II). Outro dado relevante diz respeito ao

fato de ser a primeira vez que estudantes negros (pretos e pardos) são maioria nas instituições de ensino superior com total de 50,3%, enquanto na rede particular de ensino o índice não ultrapassou os 50% (Anexo III). E seguindo em uma análise das condições sociais pertinentes à população negra, no mercado de trabalho, os negros ocupam, por exemplo, menos cargos de chefia e liderança (Anexo IV).

É importante lembrar que a Universidade de Brasília - (UnB) - foi a primeira universidade brasileira a usar o sistema de cotas no ano de 2003. No dia 6 de junho de 2003, houve a aprovação do Plano de Metas para Integração Social, Étnica e Racial que estabelecia 20% das vagas do vestibular para candidatos negros visando a garantia de acesso ao ensino superior e à qualificação profissional pela população negra, além de prever a disponibilização de vagas para indígenas de acordo com demanda específica. Quase 17 (dezesete) anos após a aprovação da Lei de Cotas na graduação no âmbito da Universidade de Brasília - UnB, no ano de 2020, foi aprovada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - (CEPE), a criação de cotas (20% das vagas) para indígenas, quilombolas e negros na pós-graduação. Essas políticas de ações afirmativas têm uma relevância social muito significativa porque permitem que estudantes pretos, pretos Surdos, quilombolas e indígenas tenham acesso a espaços que não foram pensados para inseri-los. Eu fui aprovada no vestibular, na segunda graduação, no ano de 2017 em Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - (LSB-PSL), na Universidade de Brasília - (UnB), pelo sistema de cotas raciais; e, no ano de 2021, fui aprovada no Mestrado em Linguística do Programa de Pós-graduação em Linguística - (PPGL) da Universidade de Brasília - (UnB) também pelo sistema de cotas raciais e fui submetida à banca de heteroidentificação.

De acordo com o professor Richarlls Martins, pesquisador-convidado da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a pobreza no Brasil tem cor e ela é negra preponderantemente. De acordo com os números apresentados pelo professor Richarlls Martins, do total de pessoas pobres no Brasil, 73% são pessoas negras, sendo 38% mulheres pretas e pardas e 35% homens pretos e pardos. Na extrema pobreza, é ainda maior a população negra. Os últimos dados oficiais do governo brasileiro indicam: 77% extremamente pobres no Brasil são negros e destes, 40% são mulheres e 37% homens negros (Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – SINTUFRJ, 2020).

Ainda pensando no Distrito Federal, temos mais um dado importante trazido pelo professor Hamilton Richard Alexandrino Ferreira dos Santos, doutor em Ciências Sociais pela

Universidade de Brasília, que em seu artigo *Zumbi Vive?* afirma: “... De lá para cá, pouca coisa mudou. A realidade das populações negras no Brasil, a sensação de insegurança, perseguição, exclusão, e punição permanecem.” Segundo ele, se faz necessário pensar como vive a população jovem e preta no Distrito Federal - DF. Segundo levantamentos feitos pelo professor Richard, conforme dados da Companhia de Planejamento do Distrito Federal - CODEPLAN, 56,2% da população do Distrito Federal é preta (2010) e as regiões com maior número de afrodescendentes são Estrutural e Fercal, sendo as mais pobres e com maiores índices de violência. Segundo a própria CODEPLAN, são locais conhecidos pela violência e condições precárias de moradia.

De acordo com Silva (2003), africanos e afrodescendentes concebem o termo educar-se como "tornar-se pessoa", "aprender a conduzir a própria vida". Nesse sentido, educação é um "processo de construir a própria vida". Segundo a autora, na perspectiva africana, a construção da vida própria tem sentido no seio de uma comunidade, e visa não apenas o avançar de cada um individualmente. O crescimento das pessoas tem sentido quando representa fortalecimento para a comunidade a que pertencem.

De acordo com Ferreira (2000), o afrodescendente enfrenta no presente a constante discriminação racial de forma aberta ou encoberto e, mesmo sobre tais circunstâncias, tem a tarefa de construir um futuro promissor. Esses dados são necessários a fim de que possamos pensar as condições sociais da população preta e preta Surda brasileira e como podemos reivindicar políticas públicas em seu favor.

1.3 Mulheres pretas – leituras e releituras

As mulheres, sujeitas a uma repressão ainda mais intensa, foram subjugadas, tendo seus corpos reduzidos a meras máquinas destinadas à reprodução de indivíduos que se tornaram parte integrante das engrenagens do capital no novo mundo e sistema, como salientado por Frederici (2017). Nesse processo de exploração de corpos e territórios, sua humanidade, liberdade e dignidade eram desconsideradas, uma barbárie que, por séculos, foi legitimada por homens brancos que estruturaram seus próprios privilégios.

Com a implementação dos direitos humanos de maneira mais abrangente, pós-abolição, as formas de exploração e desumanização foram refinadas de maneira "sutil" por meio do racismo e da (dis)criminalização da pobreza (Coimbra; Nascimento, 2003). Essa realidade

persiste na contemporaneidade, apesar dos avanços das políticas públicas, que muitas vezes resultam em inclusões excludentes (Martins, 1997). Diante desse cenário, como sociedade, é imperativo repensar e reagir, adotando uma postura antirracista (Ribeiro, 2019) e buscando as reparações históricas para um dos, se não o maior crime contra a humanidade.

A presente proposta surge de minhas vivências enquanto mulher preta, militante e ativista e feminista, filha de pai preto militante nas questões de cunho racial. Minha mãe é preta de pele clara. Dos 3 filhos do casal, eu sou a filha de pele mais escura. Eu me autodeclaro mulher preta retinta, e isso é relevante porque, como propõe Alice Walker (1982), escritora preta estadunidense, no tocante ao colorismo⁸, a segregação racial oprime de forma ainda mais cruel os pretos retintos com traços fenotipicamente mais marcados. Diante da importância de discutirmos as demandas sociais dos indivíduos pretos e Surdos pretos, segregados socialmente, é importante compreendermos as nuances enraizadas do racismo na estrutura da sociedade brasileira.

Desde a mais tenra idade, reconheço-me preta, e perceber a minha identidade preta significou travar uma batalha diária em um país que, apesar da grandeza de sua diversidade e pluralidade étnico-racial e cultural, apesar de alguns avanços em políticas públicas voltadas para grupos minoritários, ainda caminha em passos lentos, tendo como referência os 134 anos decorridos da abolição, outrora forjada, das pessoas escravizadas até os dias atuais. Em relação à minha pesquisa e à interseccionalidade surdez e raça, eu busco sempre refletir em como eu me sinto nesse contexto e de que forma eu posso contribuir em prol de uma educação antirracista haja vista esse cenário de práticas declaradamente racistas. Sou uma mulher preta não surda, licenciada no curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira-Português como Segunda Língua - (LSB-PSL), futura professora de Libras e de Português como segunda língua para Surdos, atuante e atuando em prol de uma educação bilíngue para sujeitos Surdos, e entendo que sem conhecimento e sem convivência, não há avanços. Se faz necessário pontuar que a proposta do presente trabalho está calcada no protagonismo de pessoas pretas e de pessoas pretas Surdas em uma perspectiva decolonial em prol de uma educação antirracista.

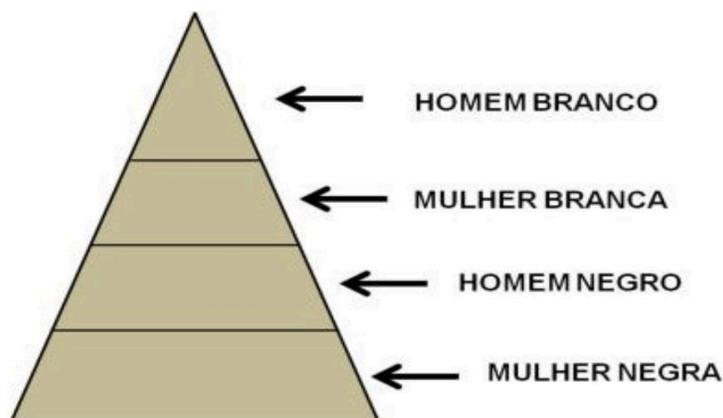
De acordo com Louro (2000 [2009 - p. 112]) “reconhecer-se em uma identidade supõe responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência”. À medida que eu crescia, eu me percebia em meus pares, entretanto, eu percebia que em alguns segmentos sociais eu não me inseria, não por minha vontade, mas

⁸ Diferentes tonalidades de peles pretas.

pela cor de minha pele. Essa aversão, por parte de alguns, se devia a uma construção social feita a fim de nos enxergar - pessoas pretas - como seres inferiores e incapazes. Há uma tentativa descarada de nos invisibilizar socialmente e de negar a existência de nossos corpos. Essa construção não surgiu abruptamente. Foi uma construção que se fortaleceu ao longo do processo de escravização, visto que o ser escravizado era interpretado como dominado, submisso, subjugado inferiorizado e invisibilizado no contexto social. E essa imagem social do negro se estendeu para além dos 388 anos de escravização, perpassando o período pós-escravagista e se estendendo até os dias de hoje.

A reflexão sobre a identidade negra se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente tal processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece (Gomes, 2003, p.171).

Se pensarmos nas opressões a que estão submetidas mulheres pretas Surdas e pretas, e na inseparabilidade desses aspectos interseccionais raça-gênero, por exemplo, os dados apontam que 70% das mulheres que morrem por serem mulheres, são mulheres pretas (Joice Berth – Mulher Negra – Arquiteta). Dentro do grupo de mulheres, as mulheres pretas estão na base da pirâmide e são as mais vulneráveis. As mulheres Surdas e pretas Surdas também estão na base da pirâmide (imagem a seguir), são os grupos mais fragilizados pelas desigualdades e pelos efeitos das opressões estruturais. A luta das mulheres pretas e pretas Surdas precisa ter voz dentro de um sistema que nos oprime e que se alicerçou em uma estrutura pensada racialmente. Fazemos parte de um grupo que tem uma relevância numérica expressiva, mas que não tem representatividade expressiva nos espaços de poder.



Fonte: Vulva Negra, 2019.

É importante pontuar que segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o grupo de pessoas negras autodeclarados é composto por pretos e pardos. As mulheres pretas Surdas, pensando na estrutura social brasileira, estão na base da pirâmide, no mesmo grupo das mulheres pretas.

1.4 Pretos pesquisadores e Pretos Surdos: reflexões identitárias

Pensar a surdez com recorte racial é sinônimo de pensar em um grupo social com características ontológicas, culturais e linguísticas singulares. Refletir a respeito dessa interseccionalidade é considerar a potencialidade das multiplicidades sociais humanas, respeitando as suas particularidades e, mais especificamente, no caso dos sujeitos pretos Surdos, considerar suas propriedades linguísticas, a Língua de Sinais Brasileira- Libras - como sua primeira língua e a língua portuguesa - LP - na modalidade escrita apenas, como sua segunda língua, pois trata-se da língua oficial do Brasil, conforme propõe Moreira (2007 [2021, p.52]). O reconhecimento da Língua de Sinais Brasileira - Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 - é importante e tem uma significativa relevância social porque o Estado passa a garantir à pessoa Surda meios legais para a propagação e difusão da Língua Brasileira de Sinais permitindo que a pessoa Surda exerça sua plena cidadania.

A identidade cultural e linguística é indissociável, conforme propõe Rajagopalan (1998, p. 41) “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela”. É por intermédio do uso da língua que vivenciamos nossa cultura e a mantemos viva, construindo a nossa identidade.

No caso específico do sujeito preto Surdo, alvo das reflexões propostas neste trabalho, a identidade racial está imbricada no contexto linguístico-cultural proposto. Silva (1999) afirma ser o currículo um documento de identidade. A diversidade étnico-racial corresponde a uma das conexões entre saberes, vivências e práticas contextualizadas que se efetivam no interior das escolas.

Dessa forma, a escola enquanto espaço de aprendizagem e socialização de valores e conhecimentos deve oportunizar às crianças o convívio com a “diversidade do patrimônio étnico-cultural brasileiro [...] reconhecendo sua contribuição no processo de constituição da identidade brasileira” (Ministério da Educação, 1997, p. 39-43).

Existe, é claro, uma gama de intervenções pedagógicas específicas para o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, provando que “os educadores e educadoras estão mais sensíveis e abertos a buscar formas de um trato pedagógico da diversidade étnico-racial no cotidiano escolar” (Arroyo, 2007, p. 111).

A complexidade da questão da identidade negra demanda uma análise mais aprofundada do que pode ser oferecido em poucas linhas. Se faz necessário entender que o racismo que hoje impera no seio de nossa sociedade é uma construção histórica e é fruto de um processo de desigualdades que há séculos tem se perpetrado pensando o contexto histórico e escravocrata brasileiro, conforme já fora apontado na presente pesquisa. A minha segunda graduação no curso de licenciatura em Língua de Sinais Brasileira-Português como Segunda Língua - (LSB-PSL) - na Universidade de Brasília - (UnB) - foi o divisor de águas para o início do processo de ressignificação da minha percepção do outro, o outro no caso - sujeito preto Surdo, valorizando suas especificidades e potencialidades.

Ademais, para além da questão das especificidades da mulher preta Surda, da mulher Surda, do homem preto Surdo e do homem Surdo, sendo a interseccionalidade surdez e raça foco da presente pesquisa, entende-se que estamos diante de diferentes demandas, sendo importante perceber os marcadores sociais das diferenças que se formam nas relações sociais estabelecidas entre os indivíduos e que os permitem experimentar a vida em sociedade.

A busca pela igualdade de direitos e oportunidades é uma luta constante que atravessa as páginas da história. No contexto atual, a discussão sobre identidade e representatividade tem ganhado destaque, levando à conscientização e à valorização de diversas comunidades e grupos que, por muito tempo, foram marginalizados e silenciados. Entre esses grupos, destacam-se os

Pretos Pesquisadores e os Pretos Surdos, cujas reflexões identitárias são fundamentais para uma sociedade mais inclusiva e justa.

No quesito identidade a partir de Hall (1999), destacamos a importância de discutir-se raça, devido à composição étnico-racial da sociedade brasileira e o mito da democracia racial (Gonzalez, 1983). Partindo do pressuposto de que o racismo é estrutural (Almeida, 2019), reconhecemos que, historicamente, o povo negro foi oprimido pela “supremacia branca”. Tal opressão incidiu diretamente no reconhecimento das origens e, conseqüentemente, na constituição da identidade, considerando-se não pertencente a espaços de “poder” como a educação (Gonzalez, 1982).

A história dos Pretos Pesquisadores é uma narrativa de resiliência e superação. Ao longo dos séculos, as pessoas negras enfrentaram desafios inimagináveis, desde a escravidão até a discriminação racial persistente. No entanto, muitos Pretos Pesquisadores emergiram dessas adversidades, usando suas experiências e conhecimento para contribuir de maneira significativa para o avanço da ciência, da cultura e da sociedade como um todo.

A trajetória de acadêmicos pretos notáveis, como W.E.B. Du Bois, Angela Davis, Frantz Fanon, bell hooks, entre outros, servem como testemunho do poder da perseverança e da busca pelo conhecimento. Essas figuras não apenas enriqueceram suas respectivas áreas de estudo, mas também desafiaram estereótipos e preconceitos profundamente enraizados, abrindo caminho para gerações futuras de Pretos Pesquisadores.

No entanto, a experiência dos pretos pesquisadores é permeada pela interseccionalidade, e é importante reconhecer que a identidade de um pesquisador negro não se limita apenas à sua raça. Gênero, classe social, orientação sexual e outras características desempenham um papel fundamental em suas vidas e em suas pesquisas. Portanto, a luta pela igualdade no campo acadêmico não é apenas uma luta racial, mas também uma luta por uma representação completa e inclusiva.

Da mesma forma, a identidade dos Pretos Surdos é multifacetada e rica em experiências únicas. A surdez não define completamente a identidade de uma pessoa negra surda, assim como a raça não define completamente a identidade de um pesquisador negro. No entanto, a interseção dessas identidades cria desafios e oportunidades únicas.

As barreiras enfrentadas pelos Pretos Surdos vão além das barreiras linguísticas e culturais associadas à surdez. Eles também lidam com o racismo sistêmico e a discriminação

racial que afetam todas as áreas de suas vidas, incluindo a educação e o emprego. Superar essas barreiras exige um esforço conjunto da sociedade para garantir que todos os Pretos Surdos tenham acesso igualitário a oportunidades educacionais e profissionais.

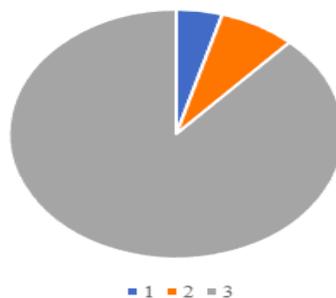
A inclusão e a representatividade são cruciais para permitir que os Pretos Pesquisadores e os Pretos Surdos prosperem em suas respectivas áreas. Isso significa não apenas criar espaços e oportunidades para suas vozes serem ouvidas, mas também reconhecer e valorizar suas contribuições únicas para a pesquisa, a cultura e a sociedade em geral. Além disso, é fundamental combater ativamente o racismo e a discriminação em todas as suas formas, para que todas as pessoas, independentemente de sua identidade, tenham a liberdade de explorar todo o seu potencial.

As reflexões identitárias dos Pretos Pesquisadores e dos Pretos Surdos são um convite para uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Ao reconhecer a complexidade de suas identidades e experiências, estamos dando um passo em direção a um mundo onde todas as pessoas, independentemente de sua raça, deficiência ou outra característica, possam alcançar seu pleno potencial e contribuir para o bem comum.

Os sujeitos pretos Surdos fazem parte de grupos sociais minoritários e, de algum modo, esse grupo se encontra em desvantagem em relação a outros grupos, pensando não somente na questão linguística como também na questão racial. Essas desvantagens podem ser percebidas e entendidas em vários segmentos sociais, no campo da educação e da saúde, por exemplo. De acordo com dados divulgados pelo IBGE (2022), o número de pessoas com algum grau de deficiência auditiva no Brasil passa de 10 milhões, sendo que 2,7 milhões não ouvem nada. Esse recorte etário também pesquisou pessoas com algum grau de deficiência auditiva, com grande grau de dificuldade auditiva e pessoas que não possuem nenhum grau auditivo e que fazem uso da Língua de Sinais Brasileira, obtivemos os seguintes dados: apenas 1,8% das pessoas com algum grau de deficiência auditiva fazem uso da Libras; 3,0% das pessoas com muita dificuldade auditiva utilizam a Libras; enquanto que apenas 35,8% das pessoas que não possuem nenhum grau de audição utilizam a Libras como meio de comunicação. Não houve cruzamento de dados interseccionais, a saber, gênero-surdez ou raça-surdez, logo, não há como sabermos o número de pessoas pretas Surdas que fazem parte da população brasileira por estado ou na totalidade da população brasileira. Entendemos que essa falta de dados dificulta a implementação de políticas

públicas que possam atender a essa parcela populacional, pretos Surdos, que alguns segmentos sociais insistem em invisibilizar.

Figura 1 - Pessoas que fazem uso de Libras no Brasil.



- 1 ■ 1,8% das pessoas com algum grau de deficiência auditiva fazem uso da Libras.
- 2 ■ 3,0% das pessoas com muita dificuldade auditiva utilizam a Libras.
- 3 ■ 35,8% das pessoas que não possuem nenhum grau de audição utilizam a Libras como meio de comunicação.

Fonte: IBGE, 2022.

1.5 O papel de pesquisadores pretos/pretas no ambiente acadêmico: Decolonialidade no campo racial

Nesta seção, a nossa proposta é refletir acerca da construção do saber no mundo ocidental e como esse saber ainda se apresenta pelo viés da colonialidade. Há uma rede impregnada pelo pensamento colonial que diz o que é válido ou inválido, legítimo ou não na academia, e que dificulta a entrada de intelectuais pretos/pretas no ambiente acadêmico. A academia ainda resiste em abrir-se ao novo. Há um poder dominante construído na perspectiva do homem branco, europeu e de saber racional. Se pensarmos, por exemplo, o número de professoras e professores pretos e pretos Surdos ao longo de nossas vidas acadêmicas, chegaremos a uma representatividade preta e preta Surda muito aquém do desejado. Se pensarmos em pesquisas e tecnologias lideradas por pesquisadoras e pesquisadores pretos Surdos a falta de representatividade é absurdamente gritante.

Essa realidade é reflexo de uma estrutura que deslegitima o conhecimento preto e preto Surdo acadêmico e que subjogou nossa cultura de matriz africana, sendo essa uma outra vertente do racismo. A esse processo aplicado pelos colonizadores europeus de negar qualquer conhecimento que não fosse o conhecimento legitimado pela Europa, o professor e sociólogo

português Boaventura de Sousa Santos chama de epistemicídio que significa a destruição, pelos colonizadores, do conhecimento dos povos colonizados.

A importância da presença de intelectuais pretos e pretos Surdos na acadêmica diz respeito à legitimação da cultura e do saber preto e preto Surdo. É necessário ampliar o ambiente acadêmico considerando a pluralidade e a diversidade étnico-racial no contexto brasileiro. Precisamos construir memórias para que as referências existam e essas memórias são necessárias a fim de romper o abismo histórico entre pretos e brancos, repensando a epistemologia pautada na história e na cultura do povo preto e preto Surdo.

O ambiente acadêmico é um espaço de construção de conhecimento e reflexão que desempenha um papel crucial na formação das sociedades. No entanto, durante muito tempo, esse espaço foi marcado pela ausência de diversidade e pela perpetuação de perspectivas eurocêntricas que negligenciaram as contribuições de diferentes grupos étnicos. No contexto contemporâneo, os pesquisadores pretos e pretas desempenham um papel fundamental na transformação do campo acadêmico, trazendo à tona a questão da decolonialidade no campo racial.

A presença de pesquisadores pretos e pretas no ambiente acadêmico é um passo importante em direção à desconstrução das estruturas coloniais que moldaram a academia ao longo da história. Suas perspectivas, experiências e pesquisas trazem uma riqueza de conhecimento que desafia as narrativas dominantes e contribui para a criação de um ambiente acadêmico mais inclusivo e representativo.

A decolonialidade no campo racial busca dismantlar as estruturas de poder e as hierarquias que perpetuaram a supremacia branca na academia. Isso envolve a reavaliação crítica das teorias, métodos e currículos acadêmicos que historicamente marginalizaram as contribuições de pesquisadores negros e negras. A incorporação de perspectivas decoloniais no ensino e na pesquisa possibilita uma análise mais ampla e precisa das questões raciais, indo além de estereótipos e preconceitos.

Os pesquisadores pretos e pretas desempenham um papel crucial ao desafiar as normas acadêmicas que muitas vezes ignoram ou minimizam a importância das questões raciais. Suas pesquisas exploram uma variedade de tópicos, desde a história do movimento negro até questões contemporâneas como o racismo institucional, a representação na mídia e a justiça social. Essas

contribuições ampliam o escopo do conhecimento acadêmico e promovem uma compreensão mais profunda e holística das experiências negras.

Historicamente, as instituições acadêmicas foram moldadas por padrões eurocêntricos e privilegiaram narrativas que muitas vezes excluíaam ou marginalizavam vozes negras e suas perspectivas. No entanto, os pesquisadores pretos e pretas têm contestado essa estrutura, trazendo à tona novos olhares, questionamentos e abordagens que enriquecem o conhecimento acadêmico.

Ao longo do tempo, esses pesquisadores têm explorado uma ampla gama de disciplinas, desde as ciências sociais e humanas até as ciências exatas e naturais. Seus trabalhos desafiam não apenas a representatividade nas áreas de estudo, mas também as próprias metodologias de pesquisa, propondo abordagens mais inclusivas e sensíveis à diversidade cultural.

Além disso, os pesquisadores pretos e pretas muitas vezes são pioneiros na investigação de questões sociais, históricas e políticas que afetam diretamente as comunidades negras. Suas pesquisas oferecem *insights* valiosos sobre temas como racismo, discriminação, justiça social, identidade e resiliência, contribuindo para uma compreensão mais profunda das complexidades da experiência negra em diferentes contextos sociais e culturais.

No entanto, é importante reconhecer que esses pesquisadores enfrentam diferentes desafios em suas trajetórias acadêmicas, incluindo o acesso desigual a recursos e oportunidades, o preconceito institucional e as expectativas muitas vezes estereotipadas sobre seu trabalho. Apesar dessas adversidades, sua perseverança e compromisso com a produção de conhecimento significativo e relevante continuam a inspirar e transformar o cenário acadêmico.

Os pesquisadores pretos e pretas desempenham um papel crucial ao desafiar as normas acadêmicas estabelecidas, oferecendo uma perspectiva única e essencial que enriquece o discurso intelectual e promove uma maior inclusão e equidade dentro das instituições de ensino e pesquisa. Suas contribuições não apenas ampliam os horizontes do conhecimento humano, mas também são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Além disso, os pesquisadores pretos e pretas desempenham um papel vital como modelos a serem seguidos e mentores para estudantes negros e negras que desejam ingressar no mundo acadêmico. Eles oferecem inspiração e orientação, demonstrando que é possível superar os obstáculos sistêmicos e alcançar o sucesso na academia.

No entanto, é importante ressaltar que a presença de pesquisadores pretos e pretas no ambiente acadêmico não é suficiente por si só. A luta pela decolonialidade no campo racial exige mudanças estruturais significativas, incluindo a revisão dos currículos, a promoção da diversidade na contratação de professores e a criação de espaços seguros para o diálogo e a reflexão sobre questões raciais.

O papel dos pesquisadores pretos e pretas no ambiente acadêmico é fundamental para a promoção da decolonialidade no campo racial. Suas contribuições desafiam paradigmas e promovem uma visão mais inclusiva e equitativa da produção de conhecimento. Ao reconhecer e valorizar suas perspectivas, estamos construindo um ambiente acadêmico mais rico e relevante para as complexas realidades raciais do nosso tempo.

CAPÍTULO 2 – REFERENCIAL TEÓRICO E A REPRESENTATIVIDADE PRETA SURDA

1.1 Introdução ao capítulo 2

No capítulo 2, lançaremos um olhar atento sobre o intrincado universo da representatividade preta Surda, desdobrando-se em múltiplos aspectos que atravessam campos teóricos, educacionais, legislativos e culturais. Ao explorar o referencial teórico, nosso objetivo é desvelar os meandros dessa representatividade, considerando suas nuances e desafios específicos no contexto brasileiro. A interseção entre a questão racial e a surdez no Brasil emerge como um ponto central de análise, conduzindo-nos a compreender de forma mais aprofundada a experiência educacional dos Surdos pretos. Nesse sentido, abordaremos as dinâmicas intrínsecas à Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que propõe o ensino obrigatório da história e cultura afro-brasileira e africana, com o intuito de mapear como essas diretrizes reverberam no âmbito da educação voltada para os Surdos pretos. Além disso, propomos ir além das questões linguísticas e culturais, adentrando o terreno fértil das reflexões identitárias do sujeito preto Surdo. Essa análise visa transcender estereótipos, permitindo uma compreensão mais holística das experiências desses sujeitos, destacando suas contribuições e desafios no contexto sociocultural brasileiro. Outro ponto crucial de nossa investigação se debruça sobre o léxico e terminologia em Libras, específicos para o campo de discussões étnico-raciais. Aprofundaremos as análises linguísticas, buscando compreender como a linguagem, nesse contexto, reflete e influencia as representações e a construção da identidade dos Surdos pretos. Ao refletir sobre esses elementos, nossa pesquisa visa não apenas preencher lacunas no conhecimento existente, mas também contribuir para a construção de bases sólidas que possam orientar práticas educacionais mais inclusivas e promover a representatividade preta Surda em toda a sua riqueza e complexidade.

1.2 A questão racial no Brasil: compreendendo a educação de Surdos pretos

A questão racial no Brasil é um tema de grande relevância e complexidade, especialmente quando analisada em conjunto com a educação de Surdos. A interseccionalidade entre raça e deficiência nos coloca diante de desafios únicos que merecem atenção e compreensão.

A Comunidade Surda negra enfrentou e ainda enfrenta obstáculos significativos em sua busca por uma educação inclusiva e de qualidade. O contexto educacional brasileiro muitas vezes reproduz as desigualdades sociais e raciais presentes na sociedade, o que se reflete na experiência de vida e na educação das pessoas Surdas negras.

A falta de representatividade e de políticas específicas voltadas para a educação de Surdos negros contribui para a invisibilidade e a marginalização desses indivíduos dentro do sistema educacional. Questões como acesso à educação bilíngue (Libras e Língua Portuguesa), formação de professores capacitados para lidar com a diversidade étnico-racial e cultural, além de materiais didáticos e recursos pedagógicos adequados, são apenas alguns dos desafios enfrentados por essa comunidade.

Além disso, a discriminação racial e o racismo estrutural também se manifestam no ambiente escolar, afetando diretamente a autoestima e o desenvolvimento acadêmico e emocional dos Surdos negros. A falta de representatividade de professores e referências culturais afrodescendentes nas escolas contribui para a perpetuação de estereótipos e preconceitos, dificultando o processo de aprendizagem e integração desses alunos.

É fundamental, portanto, que a questão racial na educação de Surdos seja abordada de forma holística e interdisciplinar, levando em consideração as interseções entre raça, deficiência e acesso à educação de qualidade. A promoção de políticas inclusivas e antirracistas, a valorização da diversidade étnico-cultural e a capacitação de profissionais da educação são passos essenciais para garantir uma educação mais equitativa e justa para todos, independentemente de sua identidade racial ou condição de surdez. Somente através de um compromisso genuíno com a inclusão e a diversidade poderemos construir uma sociedade mais igualitária e democrática para as gerações futuras.

A educação para as relações étnico-raciais que cumpre com seu papel é aquela em que as crianças, os adolescentes, os jovens, e os adultos negros e brancos, ao passarem pela escola básica, questionem a si mesmos nos seus próprios preconceitos, tornem-se dispostos a mudar

posturas e práticas discriminatórias, reconheçam a beleza e a riqueza das diferenças e compreendam como essas foram transformadas em desigualdades nas relações de poder e de dominação (Gomes, 2013, p. 83).

A licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como Segunda Língua (LSB-PSL) para além da questão linguística e cultural, me permitiu vivenciar e repensar a minha pretitude sob uma nova perspectiva e essa relação vem contribuindo de forma significativa para a minha ressignificação identitária enquanto docente preta. O curso me permitiu vislumbrar a importância de atendermos a uma demanda social expressiva que são os sujeitos Surdos e pretos Surdos.

Faz-se necessário assinalar que o objetivo dessa pesquisa é marcar o protagonismo de pessoas pretas e pretas Surdas em uma perspectiva decolonial, refletindo acerca das barreiras linguísticas enfrentadas cotidianamente pelos sujeitos pretos Surdos e Surdos engajados na construção de uma sociedade equânime, em face da interseccionalidade raça-surdez, inserindo-os em discussões étnico-raciais visando a criação de um léxico bilíngue Libras/Língua Portuguesa de termos no campo de discussões étnico-raciais. Com esse propósito, utilizamos inicialmente o conceito de terminologia proposto por Faulstich (2003). Essa terminologia estuda o léxico de especialidade, por meio dos mecanismos que evidenciam os princípios linguísticos que ficam estabelecidos por seu uso e função no social; logo, entendemos que a terminologia estuda o termo em seu conceito científico.

Essa definição é importante no sentido de apoiar nosso projeto de pesquisa na criação do léxico bilíngue com foco na Língua Brasileira de Sinais por meio da criação de sinais-termo que permeiem as discussões étnico-raciais no que tange a pretos, a Surdos pretos e a quem porventura possa interessar no engajamento à luta antirracista.

Estudos recentes apontam a diferença de uso de um sinal de léxico comum, para o léxico especializado. Nesse contexto, Faulstich (2003) criou o termo “sinal-termo” para diferenciar na Libras o léxico a partir dos seus conceitos de uso. Esse termo é utilizado pela primeira vez na pesquisa de mestrado de Costa (2012).

Na falta de vocabulários terminológicos em uma língua, não sendo possível descrevê-los, discuti-los ou explicá-los, busca-se modelos inseridos na interface termo/sinal-termo para que seja possível a compreensão dos processos que são decorrentes do uso natural da língua pelo sujeito Surdo e preto Surdo e na interação com esse sujeito.

Dessa maneira, esta pesquisa é de cunho exploratório e ancorado nos princípios do Léxico da gramática da Língua de Sinais Brasileira e pesquisa as estruturas sintáticas no contexto real de interação do Surdo e do preto Surdo para registrar um léxico que contenha informações morfossintáticas e semânticas baseado em dados pertencentes ao uso da língua pelo sujeito Surdo e preto Surdo, atendendo suas especificidades.

Percebe-se que as pessoas, de um modo geral, desconhecem a questão racial em sua inteireza e não querem conhecê-la porque supõem que não vale o esforço de sua atenção. Diante de um total desconhecimento acerca do racismo em sua perspectiva histórica, quando se propõe uma reflexão aprofundada acerca do tema, além de negarem a existência do racismo, elas insistem em afirmar que isso é um devaneio advindo dos próprios pretos. Entende-se que essa é uma atitude declaradamente racista. O Brasil é um país racista e o silenciamento não diminui os atravessamentos enfrentados pela população preta e preta Surda.

A questão racial quando pensada na perspectiva do território brasileiro, percebe-se ainda que há uma naturalização do racismo quando se deixa de notar a ausência de nossos pares em lugares em que o acesso nos é garantido por lei. Quando normalizamos e naturalizamos que a estrutura desses espaços não foi pensada a fim de comportar a população preta também, isso é racismo estrutural. Esse racismo nos atravessa e constrói a nossa subjetividade. Mudar esse cenário é sobretudo entendermos que essa construção é uma construção política e logo, por intermédio da política, mudaremos nossos lugares na sociedade.

Outro aspecto que nos confrontamos, durante muito tempo, e quiçá ainda persiste, é o mito da democracia racial propagado na obra *Casa Grande e Senzala* (1933[2001]) de Gilberto Freyre. Essa ideologia apoiava-se na falsa ideia de que negros e brancos compartilhavam de uma estrutura social harmoniosa. O que não era verdade em absoluto e a prova disso é que já no período pós libertação a condição dos ex-escravos era de completa penúria, visto que foram entregues à própria sorte e não houve políticas públicas de apoio aos egressos do cativo. Esse mito também apregoava que independente da pessoa ser negra ou até mesmo filho de africano, isso não se tornaria um critério de exclusão, o que era uma inverdade, e que essa pessoa gozaria de alguma regalia, independentemente da cor de sua pele. E o que se pretendia com isso? Ganhar tempo, a fim de que os senhores de escravos pudessem pensar em algumas estratégias de substituição de sua mão de obra. Todos estavam com os ânimos exaltados porque essa troca de mão de obra escravizada, à época, implicaria em uma substituição que, a priori, a estrutura social

brasileira não comportava, que tinha como um de seus alicerces o racismo que imperava e que acontecia dentro de uma lógica social segregacionista dominante.

A teoria do branqueamento ou embranquecimento, também seguindo essa vertente, foi uma teoria aceita e difundida no Brasil no final do século XIX e início do século XX (1888-1920), e que propunha o clareamento das raças, com a vinda de europeus para o Brasil, a fim de que, deliberadamente, extinguir a população negra, baseados em um pensamento eugenista que acreditava na superioridade dos brancos e no melhoramento da raça. O antropólogo e médico João Baptista de Lacerda com seu artigo “Sur les métis au Brésil” (Sobre os mestiços no Brasil) defendia a miscigenação e afirmava que até o ano de 2012 a população brasileira seria composta por 80% de brancos, 17% de indígenas, 3% de mestiços e a raça negra não haveria de existir (Souza Santos, 2012 [1912], p. 756). Pelo visto, suas previsões estavam erradas e, não apenas isso, convém observar que a população negra é apontada como tendo uma população quantitativamente superior em relação à população branca em pesquisas recentes.

Lamentavelmente, vivemos em um país que segue negando o racismo que se apresenta arraigado em sua estrutura social, e que com tais práticas colaboram a fim de que pessoas pretas sejam hierarquizadas de acordo com seu fenótipo, o que significa dizer que quanto mais clara for a pele de uma pessoa preta, menos essa pessoa estará sujeita a práticas racistas.

Para além dessas considerações que visavam excluir e invisibilizar socialmente os negros, o mulato, por exemplo, com a cor da pele mais clara, que seria fruto dessa relação do branco com o preto, enquanto elemento resultante de processos de miscigenação, também não era aceito socialmente e tinha a sua existência sujeita a retaliações sociais. Alguns influentes à época alegavam, baseados em aspectos étnicos, que devido a sua incapacidade para o trabalho, o preto ou mestiço não poderiam emancipar-se imediatamente. Ao mulato seriam dados alguns “privilégios”, já visando embranquecer a raça. Agregando-se a suposta teoria do embranquecimento, em contrapartida, o europeu era exaltado e dignificado como cidadão ideal para ocupar o espaço dos indesejados pretos e mestiços, justificando para isso uma suposta superioridade racial. A imigração deveria ser planejada a fim de oferecer ao imigrante uma fixação definitiva no país, afirmavam os imigrantistas.

Assim sendo, travava-se uma batalha: de um lado temos a corrente que defendia a possibilidade de transformar os escravos em assalariados; e, de outro lado, a corrente que defendia a imigração de supostos membros de raças superiores; e, por conseguinte, possibilitar

seu alicerçamento no país como pequenos proprietários, em uma tentativa descarada de fazer sumir os africanos e sua descendência. Alguns articuladores ainda propunham que mesmo que os pretos passassem por um processo de miscigenação careceriam da direção “inteligente” da raça ariana, propagada como superior, pois seriam incapazes de se autodirigirem sem a mão firme do branco.

Entendemos que a libertação dos escravos se deu em um contexto que em nada beneficiou a população negra e concluímos que persiste, na atualidade, uma estrutura social que a mantém excluída. O Brasil é um país de vasta diversidade cultural, étnica e racial, e sua história é marcada pela interseção dessas identidades. Entre os grupos marginalizados, os Surdos pretos têm enfrentado desafios únicos, que exigem uma análise mais profunda da questão racial no contexto da educação. Compreender a educação de Surdos pretos significa abordar não apenas a deficiência auditiva, mas também a interseção de identidades que moldam suas experiências.

A primeira questão a ser considerada é a marginalização histórica dos Surdos no Brasil, que enfrentaram uma longa batalha por reconhecimento e direitos iguais. Quando adicionamos a variável racial a essa equação, a complexidade da luta se torna ainda mais evidente. Os Surdos pretos, muitas vezes, enfrentam barreiras adicionais, resultantes da discriminação racial sistêmica que afeta suas vidas, desde o acesso à educação até o emprego e a inclusão na sociedade.

A educação de Surdos pretos é uma área que merece atenção especial. Para garantir que esses estudantes tenham acesso igualitário à educação, é necessário considerar suas necessidades específicas e as barreiras que enfrentam. Isso inclui a oferta de educação bilíngue, que inclui a Língua de Sinais Brasileira (Libras) e o Português, para garantir que esses estudantes tenham a oportunidade de se expressar e de se comunicar efetivamente. Além disso, é fundamental garantir que o ambiente escolar seja inclusivo e que o currículo seja adaptado para atender às necessidades de aprendizado dos Surdos.

A história da educação de Surdos no Brasil é um percurso marcado por avanços significativos e desafios persistentes. Se olharmos para o passado, encontraremos um marco importante no reinado de Dom Pedro II, quando ele criou o Imperial Instituto de Surdos-Mudos, atualmente conhecido como o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), em 1857. Esse evento histórico marcou o início de um esforço pioneiro para proporcionar uma educação formal e especializada para a comunidade Surda do Brasil.

A criação do INES sob o reinado de Dom Pedro II representou um reconhecimento da importância da educação para os Surdos e uma tentativa de integrá-los na sociedade de forma mais igualitária. Na época, o INES foi uma instituição revolucionária, sendo uma das primeiras escolas de Surdos do mundo, pioneira também no ensino da Língua de Sinais Brasileira (Libras) e na formação de professores Surdos.

No entanto, ao longo dos anos, a educação de Surdos no Brasil enfrentou desafios significativos. A falta de uma legislação específica e o desconhecimento em relação à Libras levaram a uma educação muitas vezes inadequada para essa comunidade. Foi apenas na década de 2000, com a Lei Federal nº 10.436/2002 e o Decreto Federal nº 5.626/2005, que a Libras foi oficialmente reconhecida como a língua das pessoas surdas no Brasil, marcando um importante passo rumo à inclusão educacional e social.

Hoje, o INES continua sendo uma referência na educação de Surdos no Brasil, oferecendo ensino especializado e promovendo a pesquisa e a formação de profissionais na área. Além disso, a educação inclusiva ganhou destaque, buscando integrar alunos Surdos em escolas regulares com o apoio de intérpretes de Libras e professores capacitados.

Ainda há desafios a serem superados. A falta de acessibilidade em muitas escolas e a escassez de profissionais qualificados em Libras são obstáculos que dificultam a educação de Surdos no país. Além disso, é fundamental combater o preconceito e o estigma que ainda cercam as pessoas Surdas, para que possam desfrutar plenamente dos seus direitos educacionais.

Desde a criação do INES por Dom Pedro II até os dias atuais, a educação de Surdos no Brasil passou por uma evolução notável. No entanto, ainda é necessário um compromisso contínuo para garantir que todos os Surdos tenham acesso a uma educação de qualidade, promovendo a inclusão, o respeito pela língua e cultura surda e a construção de uma sociedade mais igualitária e diversificada.

A representatividade também desempenha um papel importante na educação de Surdos pretos. É crucial que esses estudantes se vejam refletidos nos materiais didáticos, nas figuras de autoridade e nas atividades escolares. A falta de representação pode levar à alienação e à sensação de que a educação não é relevante para suas vidas. Portanto, é necessário promover a diversidade étnica e racial no ambiente escolar e nas experiências de aprendizado.

Além disso, é essencial promover uma educação que seja sensível às questões raciais e que combata o racismo dentro e fora da sala de aula. Os educadores devem receber treinamento

sobre como abordar questões raciais de maneira adequada e como criar um ambiente inclusivo onde todos os estudantes se sintam valorizados e respeitados.

Compreender a educação de Surdos pretos no Brasil requer uma abordagem que leve em consideração não apenas os aspectos relacionados à língua/cultura/identidade, mas também a interseção de identidades raciais e culturais. Garantir que esses estudantes tenham acesso igualitário à educação é um passo importante na promoção da igualdade racial e na construção de uma sociedade efetivamente bilíngue.

1.3 A lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003: ensino da história e cultura afro-brasileira e africana

No ano de 2022, a Lei nº 10.639 que torna obrigatório o ensino sobre História Africana e Cultura Afro-Brasileira nos ensinos fundamental e médio das escolas públicas e particulares completou 19 anos que foi sancionada. É uma lei que tem uma história de longa data e que perpassa a luta de vários atores sociais dentre os quais, o Movimento Negro Unificado em nível nacional, estudantes e militantes pretos que incansavelmente buscam uma sociedade mais justa e igualitária em que as diferenças e a diversidade étnico-racial do povo brasileiro sejam respeitadas e de pessoas que engrossam a luta antirracista. A história do nosso povo preto, nossas lutas, nossas contribuições culturais e identitárias na formação da sociedade brasileira, a nossa ancestralidade africana devem e precisam ser apresentadas, conhecidas e difundidas de forma devida a fim de implementarmos uma política de educação antirracista em nossas vivências sociais e dentro da escola, que ainda é um espaço de propagação racista, e resgatarmos uma história que é de uma riqueza tamanha, porém desconhecida pela maioria. A aprovação da lei é sinônimo de uma luta secular do povo preto e o reflexo de uma resistência de longa data. Urge tornarmos o espaço escolar um espaço plural em que a diversidade étnico-racial seja respeitada e outros vínculos históricos e culturais sejam valorizados.

A Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, representa um marco histórico no Brasil ao estabelecer a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas de todo o país. Essa legislação foi promulgada com o objetivo de combater o racismo, promover a igualdade racial e valorizar a contribuição do povo negro para a formação da identidade nacional.

Antes da promulgação dessa lei, o currículo escolar brasileiro frequentemente negligencia ou distorce a história e a cultura africana e afro-brasileira, contribuindo para a perpetuação de estereótipos e preconceitos em relação aos descendentes africanos.

O ensino era predominantemente eurocêntrico, o que resultava na invisibilidade das contribuições dos povos africanos e seus descendentes para a construção da sociedade brasileira. Com a implementação da Lei nº 10.639/2003, as escolas passaram a ser obrigadas a incluir em seus currículos conteúdos que abordassem de forma adequada a história, a cultura e as contribuições dos povos africanos e afro-brasileiros. Isso inclui o estudo das civilizações africanas pré-coloniais, a história da escravidão no Brasil, a resistência negra, a cultura afro-brasileira em suas diversas manifestações artísticas, religiosas e sociais, entre outros aspectos relevantes.

Além disso, a lei também estabeleceu o Dia Nacional da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro, data que marca a morte de Zumbi dos Palmares, líder do Quilombo dos Palmares e símbolo da resistência negra no Brasil. Essa data é uma oportunidade não apenas de reflexão sobre a história e a luta do povo negro, mas também de promoção de atividades educativas que reforcem os valores de igualdade, respeito e valorização da diversidade racial.

A implementação da Lei nº 10.639/2003 representa, portanto, um importante avanço na promoção da educação antirracista e na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. No entanto, é importante ressaltar que ainda há desafios a serem enfrentados, como a garantia da efetiva aplicação da lei nas escolas, a formação de professores capacitados para abordar esses conteúdos de forma adequada e a desconstrução de práticas e discursos racistas ainda presentes na sociedade brasileira. A luta pela igualdade racial é contínua e requer o comprometimento de todos os setores da sociedade.

O racismo institucional fere a todos nós, pessoas pretas e pretas Surdas, a ponto de nossa existência se tornar invisível e sermos desumanizados. De que forma a efetivação da lei tem impactado não apenas as vidas das crianças pretas e pretas Surdas da Educação Infantil, por exemplo? A criança preta precisa saber como vivia seu ancestral antes de ser sequestrado em África. Carecemos de pensar nossos ancestrais africanos para além das imagens de seres humanos acorrentados e açoitados como nos propõem os livros didáticos. Nossos colonizadores querem nos fazer acreditar que não havia existência da população negra antes de serem sequestrados na África. Não apenas as crianças pretas e pretas Surdas, mas as crianças brancas

também precisam e devem ser consideradas dentro desse processo porque o racismo é uma questão social e que diz respeito à sociedade brasileira como um todo. A lei permite que nos percebamos e nos entendamos como parte do processo. Racismo não é problema do negro apenas.

É importante pensarmos como o continente Africano foi visto e apresentado durante anos em nossas escolas. Como o negro sequestrado em África e trazido para as Américas em situação de escravização é retratado em nossos livros didáticos, por exemplo. Uma das referências da Lei n. 10.639 é que devemos contar uma história positiva sobre a África a fim de reverter esse olhar racista, branco e eurocêntrico e de lutar em uma sociedade que insiste em negar a nossa história. A história que nos foi contada durante muitos anos e tendo início com o sequestro e escravização de nossos ancestrais em África. A própria história se encarregou de apagar o período anterior à escravização e o que nos foi contado é que nós pretos somos descendentes de escravos. A verdade é que nós somos descendentes de pessoas que foram sequestradas em África e submetidas a um processo brutal e desumano de escravização nas Américas.

1.4 Para além das questões Linguísticas e culturais: repensando a pretitude sob a ótica dos sujeitos pretos Surdos

A multiplicidade das identidades pretas e pretas Surdas diante das práticas racistas orquestradas socialmente, nos leva a refletir acerca da necessidade de pensarmos em propostas que possam contribuir para práticas antirracistas pensadas na perspectiva dos sujeitos pretos Surdos e dos sujeitos pretos. Não basta não ser racista (DiAngelo, 2020). É preciso ser antirracista! É necessário lutar diariamente. Práticas antirracistas são sinônimos de resistência. Práticas antirracistas, pensadas nessa perspectiva, dizem respeito a um contexto que pode ser definido traçando um paralelo com a história do povo preto na diáspora e África. É, antes de qualquer definição, uma prática que insere indivíduos em lugares de onde nunca deveriam ter saído, na condição humana que todo ser humano necessita. Práticas antirracistas são sinônimos de humanidade, dignidade, individualização, valorização e prestação de contas. Práticas antirracistas são sinônimos de resgate.

É importante pontuarmos que já existe um processo de mobilização, letramento racial e educação antirracista que envolve a comunidade preta Surda, como assinala a professora mestra

preta Surda Priscilla Leonnor Alencar Ferreira, em sua dissertação de mestrado intitulada *O Ensino de Relações Étnico-raciais nos Percursos de Escolarização de Negros Surdos na Educação Básica*, defendida no ano de 2018, em que faz menção ao 1º Encontro Nacional de Jovens Surdos – ENJS, realizado em São Paulo, nos dias 16 a 20 de julho de 2008 e que tinha como objetivo refletir acerca das interseccionalidades raça-surdez. A professora Priscilla Leonnor Alencar Ferreira é militante, representante do Movimento dos Negros Surdos do Brasil, movimento que atua em favor do Coletivo de Mulheres Surdas e é vice-coordenadora do Programa de Negros Surdos, organizado pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos - FENEIS.

Naquele evento estava em pauta a discussão da nomenclatura preto Surdo, Surdo preto ou negro Surdo. Entendeu-se que aspectos fenotípicos como cor da pele e textura dos cabelos, ou seja, as características externas, a aparência do indivíduo, por exemplo, antecedem à surdez. O sujeito preto tem suas características evidenciadas como tal em primeira instância, enquanto o sujeito Surdo tem a surdez evidenciada em segundo plano. É importante pontuar que há uma discussão que permeia o Movimento Negro Unificado - MNU - acerca do uso dos termos preto ou negro e não há registros de consenso de seus usos entre os militantes.

Seguidos a esse, outros eventos aconteceram por iniciativa da comunidade preta Surda. Conforme nos relata a professora Priscilla Leonnor, houve o 2º congresso, realizado no ano de 2009, em São Paulo; o 3º congresso aconteceu no ano de 2012, também sediado em São Paulo; o 4º congresso realizou-se no ano de 2013, na cidade de Salvador; o 5º congresso realizou no ano de 2015, na cidade do Rio de Janeiro, e naquele ano o congresso ganhou uma nova sigla - CNISNS - Congresso Nacional de Inclusão Social do Negro Surdo; e, o 6º congresso foi sediado em Florianópolis - SC, no ano de 2017. Pautas como as especificidades das mulheres pretas Surdas, o sistema de cotas raciais e o acesso do preto Surdo ao mercado de trabalho foram discutidas no 6º congresso. Também nesse evento, houve a celebração do festival de Artes Afrosur@s com foco na cultura preta Surda. Essas pautas ganham visibilidade dentro das discussões do coletivo, à medida que os sujeitos pretos/pretas Surdos/Surdas conquistam consciência identitária e cultural preta Surda. É importante fazer o registro desses eventos a fim de refletirmos acerca da luta do movimento preto Surdo brasileiro no embate ao racismo. Convém refletir que se o preto Surdo propõe um evento dessa magnitude, que traz na sua

chamada - Congresso Nacional de Inclusão Social do Negro Surdo, é porque ainda há uma resistência social em percebê-los cidadãos, reconhecendo seus direitos.

Também encontramos referências que respaldaram a nossa pesquisa no trabalho da poetisa paranaense, Gabriela Grigolom, mulher, preta e Surda que afirma o enfrentamento dessas triplas interseccionalidades enquanto sinônimos de barreiras sociais e enfatiza sua luta e resistência em um mundo oralizado.

Diante da busca que fizemos considerando o tema surdez com recorte racial a fim de direcionarmos a nossa pesquisa, encontramos a pesquisa de Buzzar (2012) que dialoga com a nossa proposta e apresenta o racismo e preconceito vivenciados por sujeitos pretos Surdos nos mais diversos segmentos sociais no Estado do Maranhão na capital São Luís.

1.5 Léxico e Terminologia voltados para o campo de discussões étnico-racial racial em Libras

Léxico e terminologia são dois conceitos fundamentais na Linguística das línguas de sinais e na comunicação. Ambos desempenham papéis cruciais na forma como as palavras são usadas, entendidas e organizadas em qualquer língua. Vamos explorar o que cada um desses termos significa e como eles são relevantes em nossas vidas cotidianas.

O léxico é um termo que se refere ao conjunto de todas as palavras e expressões que existem em uma língua ou em um idioma específico. Em outras palavras, o léxico é o "repositório" de todas as palavras disponíveis para serem usadas em uma determinada língua. Isso inclui substantivos, verbos, adjetivos, advérbios, preposições, conjunções e todas as outras categorias gramaticais que compõem a língua.

O léxico é uma parte essencial da língua, pois permite que as pessoas se comuniquem, expressem pensamentos, sentimentos e ideias. É a matéria-prima da comunicação verbal e escrita. Cada língua tem seu próprio léxico, e a riqueza desse léxico pode variar amplamente de uma língua para outra. Por exemplo, algumas línguas podem ter uma grande variedade de palavras para descrever nuances de cores, enquanto outras podem ter um léxico mais limitado nesse aspecto.

A terminologia, por sua vez, é um conjunto específico de palavras, expressões e conceitos usados em um campo de conhecimento ou em uma área especializada. A terminologia é

altamente técnica e precisa, destinada a ser usada por profissionais de uma determinada área para facilitar a comunicação e a compreensão mútua.

No contexto do debate étnico-racial, a Língua de Sinais Brasileira (Libras) desempenha um papel fundamental na comunicação e expressão das questões relacionadas à diversidade racial e étnica. Assim como em qualquer outra língua, o léxico e a terminologia utilizados em Libras refletem as complexidades e nuances dessas discussões, permitindo que Surdos e ouvintes Surdos possam expressar e compreender conceitos essenciais para o entendimento da identidade e da história afro-brasileira.

O léxico em Libras relacionado às discussões étnico-raciais abrange uma ampla variedade de sinais-termo que representam conceitos como raça, etnia, preconceito, discriminação, igualdade, diversidade, entre outros. Esses sinais são construídos a partir de elementos gestuais e expressivos que capturam a essência dos conceitos e permitem sua comunicação de forma eficaz e inclusiva.

Além disso, é importante destacar que a terminologia utilizada em Libras para abordar questões étnico-raciais está em constante evolução, refletindo as mudanças sociais, políticas e culturais que ocorrem ao longo do tempo. Novos sinais são criados e incorporados ao léxico conforme surgem novas demandas e necessidades de expressão dentro da comunidade surda.

A adequada compreensão e uso dessa terminologia são essenciais não apenas para promover a inclusão e a igualdade de direitos para os Surdos afrodescendentes, mas também para ampliar o diálogo e a conscientização sobre as questões raciais na sociedade como um todo. A partir da Libras, as vozes dos Surdos são elevadas e suas experiências e perspectivas são valorizadas, contribuindo para uma abordagem mais abrangente e inclusiva das discussões étnico-raciais no Brasil.

O desenvolvimento e a disseminação de um léxico e terminologia adequados para o campo de discussões étnico-raciais em Libras são fundamentais para promover a inclusão, a diversidade e o respeito à identidade e à cultura surda afrodescendente. Essa é uma parte crucial do processo contínuo de construção de uma sociedade mais justa, igualitária e respeitosa com a diversidade racial e cultural.

Conforme já explicitado na introdução da presente pesquisa, quando iniciei a minha segunda graduação na Universidade de Brasília no curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como Segunda Língua - (LSB-PSL) - e, ao interagir com meus colegas

pretos Surdos sobre a temática étnico-racial, percebi que havia, naquele momento, falta de léxico e terminologia próprios da área e voltadas para a discussão étnico-racial em Língua de Sinais Brasileira - Libras - e esse entrave impedia que as discussões, naturalmente, fluírem. De acordo com a professora Surda Prometi:

A falta de vocabulário de especialidade em Língua Brasileira de Sinais - Libras - dificulta a aquisição dos conceitos e dos conteúdos abordados por parte dos sujeitos Surdos nos diferentes espaços educacionais; por isso, são necessárias as pesquisas que envolvam conhecimentos em áreas de especialidade em Libras (Prometi 2020 p. 44).

Sendo assim, tendo em mente a importância do engajamento e do protagonismo do sujeito preto Surdo na luta antirracista, em junho de 2021, fui aprovada no Mestrado em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Linguística - (PPGL) - da Universidade de Brasília - (UnB) com a proposta de criação de um Léxico bilíngue de Língua de Sinais Brasileira - Libras - e Língua Portuguesa - LP - contemplando termos no campo de discussões étnico-raciais com reflexões voltadas para a interseccionalidade raça-surdez-gênero.

A Língua de Sinais Brasileira (Libras) é uma língua de modalidade visual e espacial que desempenha um papel fundamental na comunicação e expressão da comunidade Surda do Brasil. No contexto das discussões étnico-raciais, a Libras desempenha uma importante função ao fornecer um meio de expressão e reflexão sobre questões de identidade, de racismo e de diversidade cultural. Para que essas discussões sejam eficazes e inclusivas, é essencial que o Léxico e a Terminologia em Libras sejam abrangentes e precisos.

A terminologia é particularmente importante em campos como a medicina, a engenharia, o direito, a ciência e a tecnologia. Nessas áreas, a escolha exata das palavras e a clareza dos termos são cruciais para evitar mal-entendidos e erros. Por exemplo, na medicina, a terminologia específica é essencial para descrever com precisão condições médicas, procedimentos cirúrgicos e medicamentos.

A padronização da terminologia é frequentemente realizada por meio de léxicos, dicionários especializados e órgãos reguladores que estabelecem as normas para a comunicação dentro de um campo específico.

Léxico e terminologia são conceitos fundamentais na comunicação humana. O léxico representa todas as palavras disponíveis em uma língua, enquanto a terminologia refere-se a um conjunto específico de palavras e conceitos usados em uma área especializada. Ambos

desempenham papéis essenciais em nossa capacidade de nos comunicar e transmitir informações de maneira clara e precisa em todas as áreas da vida. Portanto, compreender esses conceitos é fundamental para uma comunicação eficaz e para o uso adequado da linguagem em contextos variados.

A construção de um léxico voltado para o campo de discussões étnico-raciais em Libras envolve a criação e adaptação de sinais que representem conceitos relacionados a raça, a etnia, a identidade racial, ao racismo, a discriminação e a outras questões correlatas. Esse processo é crucial para permitir que a comunidade surda participe de debates significativos sobre esses temas e para garantir que suas vozes sejam ouvidas e compreendidas.

Um dos desafios nesse processo é o registro adequado de termos e conceitos que podem não ter equivalência direta na cultura e na língua de sinais. Nesses casos, os intérpretes de Libras e especialistas em linguística de sinais desempenham um papel importante na adaptação e criação de sinais que capturem a essência dos conceitos em discussão.

A terminologia étnico-racial em Libras também deve ser sensível às diferentes nuances e perspectivas dentro da Comunidade Surda. É importante reconhecer que a experiência de pessoas surdas de diferentes origens étnicas pode variar significativamente, e a terminologia deve ser inclusiva e respeitar essa diversidade.

Além disso, a educação e a conscientização são fundamentais para garantir o uso adequado da terminologia étnico-racial em Libras. É importante que a comunidade surda, os intérpretes e os educadores estejam atualizados sobre os termos e conceitos relevantes, bem como sobre as questões históricas e contemporâneas relacionadas à raça e à etnia.

A construção desse Léxico e da Terminologia em Libras não é apenas uma questão de comunicação, mas também de empoderamento e inclusão. Permitir que a comunidade surda participe plenamente das discussões étnico-raciais significa reconhecer sua identidade e vozes nesses debates importantes.

O desenvolvimento do registro do Léxico e da Terminologia voltados para o campo de discussões étnico-raciais em Libras é um passo fundamental para promover a inclusão e a participação ativa da Comunidade Surda nessas conversas críticas. Isso não apenas fortalece a comunicação e expressão dos Surdos, mas também contribui para uma sociedade mais inclusiva e consciente das questões étnico-raciais.

CAPÍTULO 3 – REFERENCIAL METODOLÓGICO

2.1 Introdução ao capítulo 3

Os procedimentos metodológicos de uma dissertação desempenham um papel fundamental na construção de conhecimento significativo e na busca por respostas às perguntas formuladas. No escopo desta pesquisa, os procedimentos metodológicos delineados buscam estabelecer um arcabouço sólido para a análise e a organização de termos no campo de discussões étnico-raciais, contribuindo para a compreensão e difusão de conceitos fundamentais neste domínio. A primeira etapa dessa pesquisa centra-se na seleção criteriosa dos termos que comporão o corpus da pesquisa. Essa fase inicial revela-se crucial para delimitar o escopo da investigação, definindo os contornos do léxico a ser analisado no contexto étnico-racial. A segunda etapa, por sua vez, enfoca a criação, escolha e organização da tabela de termos. Essa ferramenta visual não apenas permite uma melhor visualização das relações entre os termos, mas também serve como guia estruturado para a etapa subsequente, facilitando a análise e interpretação dos dados coletados. A terceira etapa concentra-se na elaboração e organização das fichas terminográficas, um instrumento detalhado que busca aprofundar a compreensão de cada termo, considerando nuances semânticas e contextos específicos no campo étnico-racial. As etapas seguintes delineiam a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos. A quarta etapa aborda a organização dos vídeos em Libras, uma iniciativa que busca ampliar o alcance e a acessibilidade do Léxico Alfabético Bilíngue, considerando a Comunidade Surda. A quinta etapa dirige-se à construção da macroestrutura do Léxico Alfabético Bilíngue, mapeando as relações entre os termos em ambas as línguas, enquanto a sexta etapa propõe a organização e estruturação da microestrutura para compor o Léxico Alfabético Bilíngue de sinais-termo, refinando a representação visual e conceitual dos termos.

Ao seguir essa sequência metodológica, essa pesquisa visa contribuir não apenas para a produção de conhecimento acadêmico, mas também para a promoção da acessibilidade, da inclusão e da compreensão aprofundada das discussões étnico-raciais, por meio de recursos linguísticos que respeitem a diversidade cultural e linguística.

2.2 Procedimentos metodológicos da pesquisa

É fundamental iniciar esta reflexão reiterando que não estamos propondo a criação de sinais-termo no campo das discussões étnico-raciais. Entretanto, diante de uma indagação instigante de uma Surda negra sobre a pesquisa de uma mulher preta, especialista na área de Língua de Sinais Brasileira - Português como segunda língua, que defende a importância da linguagem na luta contra o racismo, somos impelidos a considerar o papel dos sinais-termo na Libras (Língua de Sinais Brasileira) no contexto das discussões étnico-raciais e na construção da cultura Surda.

Dessa forma, a interseccionalidade entre a surdez e a negritude, levantada pela questionadora, nos convida a uma reflexão mais profunda sobre a complexidade das identidades individuais e coletivas dentro da comunidade Surda. Ao reconhecermos que as experiências vividas por indivíduos Surdos negros são singulares e influenciadas pela interação de diferentes sistemas de opressão, torna-se evidente a necessidade de uma abordagem inclusiva e sensível às questões raciais na comunidade Surda.

A pesquisa e o registro de sinais-termo relacionados às discussões étnico-raciais na Libras podem desempenhar um papel significativo na promoção da consciência e na articulação de questões relacionadas ao racismo dentro da comunidade Surda. Ao incorporar esses termos à língua de sinais, podemos contribuir para a ampliação do vocabulário e para a expressão mais precisa das experiências e perspectivas dos Surdos negros.

Além disso, é importante reconhecer que a Libras é uma língua em constante evolução, influenciada pelas experiências e necessidades da comunidade Surda. Nesse sentido, o registro de sinais-termo relacionados ao contexto étnico-racial não apenas reflete a realidade vivida pelos Surdos negros, mas também contribui para a preservação e o enriquecimento da cultura Surda como um todo.

No entanto, é crucial abordar essa questão com cautela e respeito à diversidade de experiências dentro da comunidade Surda. O desenvolvimento e a adoção de sinais-termo devem ser guiados por um processo colaborativo e inclusivo, envolvendo membros da comunidade Surda negra e especialistas na área de linguística e estudos étnico-raciais.

Em última análise, a incorporação de sinais-termo relacionados às discussões étnico-raciais na Libras pode contribuir para uma maior conscientização e empoderamento

dentro da comunidade Surda, fortalecendo sua capacidade de resistir ao racismo e promover a inclusão e a justiça social.

Dessa forma, para Tuxi (2017, p. 51) o “processo de criação dos sinais, assim como dos sinais-termo, é ainda uma área do conhecimento científico com poucas pesquisas realizadas e publicadas, por isso constitui um campo aberto para análise futura”. Assim, a língua de sinais é constituída por fenômenos linguísticos e elementos lexicais que, no discurso específico, denominamos sinais-termo.

No campo da Terminologia, a língua de sinais é percebida como um ramo da Linguística responsável pela ampliação do léxico de especialidade. Vale ressaltar que o processo de criação e formação do sinal-termo tem grande significância para os sinalizantes de Língua de Sinais, posto que é constituída também de processos distintos que perpassam por vários níveis linguísticos, a fim de aperfeiçoar fenômenos como as restrições fonológicas, a formação morfológica dos sinais-termo, a regra referente à semântica para definir os significados dos sinais-termo, bem como as normas de estabelecimento das estruturas das frases quando o foco da comunicação permeia o âmbito da área da Ciência e da Tecnologia (Prometi, 2020, p. 50).

Além disso, para esta pesquisa, considerando o processo de criação de sinais-termo, propomos a seguinte sequência de organização: o conceito do termo em Português deve ser considerado antes da elaboração do sinal-termo, para então considerarmos a regra gramatical dos níveis linguísticos da língua de sinais. Inicialmente, consideramos a descrição dos parâmetros da língua de sinais, possibilitando a criação de novas configurações de mãos, isto é, a base de restrição fonológica da Língua de Sinais. Considerando essa etapa, seguimos para o entendimento da constituição do sinal-termo dentro de elementos fonológicos e sua base de formação morfológica. Pensando no contexto de uso e seus respectivos significados, devemos também considerar a semântica e a pragmática.

As etapas metodológicas dessa pesquisa buscaram registrar termos do campo de discussões étnico-raciais. A primeira etapa retrata a coleta dos dados (termos) e a delimitação do público-alvo. A segunda, denominada “A criação dos Sinais-termo”, subdivide-se em duas fases, a saber: i - seleção dos sinais-termo; ii - pesquisa bibliográfica de um breve histórico do conceito. A terceira etapa consiste na organização que trata sobretudo de postar imagens da obra, fotografias e filmagens dos sinais-termo em Libras e edições dos vídeos no Laboratório Núcleo Varlibras. A quarta etapa trata-se do envio dos vídeos da sinalização ao site *Youtube.com* e a

geração dos QR Code de suas respectivas URL's, organização e diagramação dos conteúdos para elaboração do Léxico Alfabético Bilíngue Libras/Língua Portuguesa. A quinta etapa trata-se da organização da macroestrutura do Léxico Alfabético Bilíngue e a sexta etapa é sobre a organização e estruturação da microestrutura para compor o Léxico Alfabético Bilíngue de sinais-termo.

2.3 Primeira etapa: a escolha dos termos no campo de discussões de termos étnico-raciais

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, por intermédio de livros, sites e outros referenciais bibliográficos para reunir o maior número de termos no campo de discussões de questões étnico-raciais, com o propósito de fazer as escolhas necessárias para a composição do Léxico Alfabético Bilíngue - Libras e Língua Portuguesa. O público-alvo desta pesquisa são os mais diversos usuários da Libras, como pretos Surdos, intérpretes e tradutores de Libras, acadêmicos e demais interessados em língua de sinais e na temática proposta.

2.4 Segunda etapa: Registro, escolha e organização da tabela de termos no campo de discussões étnico-raciais

Na segunda etapa, será realizado o registro, a escolha e a organização da tabela de termos no campo de discussões de questões étnico-raciais a serem utilizados no Léxico Alfabético Bilíngue (Libras/Língua Portuguesa). Costumeiramente, a criação de sinais-termo é verificada em trabalhos concernentes ao campo do Léxico e da Terminologia que objetivam tornar acessível a linguagem especializada segundo parâmetros fonológicos, morfossintáticos e semânticos adequados à estrutura da Língua de Sinais.

Quando já se tem o sinal-termo criado, é preciso analisar o contexto frasal, pois, às vezes, o sinal é ligado ao verbo e, assim, não combina com a estrutura da frase se for usado o léxico de especialidade do sinal-termo criado, para que o significado de especialidade do sinal-termo criado possa ser compreendido, por isso, é importante respeitar esta diferenciação à risca. Realizado todo este processo, será organizada as imagens para o registro dos sinais-termo.

O levantamento dos termos para a pesquisa ocorreu no decorrer das lives e palestras assistidas no decorrer da pandemia do Covid-19. Foram listados aproximadamente 152 (cento e cinquenta e dois) termos que estão organizados no quadro 2.

Quadro 2-Termos e construções colhidos em lives assistidas durante o período da pandemia dentro da temática da área de pesquisa.

01. Abolição da escravidão
15. Assujeitamento
02. Ações afirmativas
16. Audisimo
03. Africanidade
17. Banca de heteroidentificação
04. Afro-brasileiro
18. Baoba
05. Afrodescendente
19. Birracial
06. Afroempreendedores
20. Black Lives Matter (do inglês
07. Vidas Pretas Importam)
08. Amefricanidade
21. Black Power
09. Ancestrais
22. Branquitude
10. Ancestralidade
23. Captação
11. Ancestralidade Negra
24. Capitães do mato
12. Apagamento da memória
25. Coexistência de saberes
13. Apropriação Cultural
26. Coletividade
14. Aquillembar
17. Colorismo
28. Comunidade marginalizada
29. Comunidades minoritizadas
30. Congada
31. Congadeiros
32. Conhecimento sistematizado da escola é racista
33. Consciência negra (*+2 variações)
34. Consciência Racial

35. Constituição identitária
36. Cotas (*+ 1 variação)
37. Dandara
38. Decolonizar
39. Descolonizar
40. Desigualdade racial
41. Desigualdades estruturais historicamente construídas
42. Desumanização das pessoas negras
43. Desumanização do corpo negro
44. Diáspora africana
45. Discriminação interseccional
46. Diversidade
47. Diversidade afrodiaspórica
48. Educação Antirracista
49. Educação fetichizada
50. Educação Multicultural
51. Empoderamento
52. Entrecruzamento entre raça e surdez
53. Epistemicídio
54. Escrivências - Conceição Evaristo
55. Étnico-racial
56. Exclusão da população negra
57. Existência
58. Fazer antirracista

59. Femicídio mulher negra
60. Folclorização
61. Genocídio da juventude negra
62. Griôs
63. Hegemonia
64. Heranças africanas
65. Heteroidentificação
66. Injúria Racial
67. Instrumentalizar teoricamente
68. Instrumento de combate ao racismo
69. Insurgência
70. Intelectualidade orgânica
71. Interseccionalidade
72. Invisibilidade
73. Lápis cor de pele
74. Lei 10.639
75. Letramento midiático
76. Letramento racial
77. Letramento racial bilíngue na educação de Surdos
78. Linguística Aplicada Antirracista
79. Literatura branca eurocêntrica
80. Literatura de militância
81. Lugar de fala
82. Luta antirracista
83. Luta identitária

84. Macumba
85. Maniqueísmo
86. Marcadores identitários surdez e raça
87. Mentalidade Colonial
88. Microagressões
89. Mito da democracia racial
90. Mito da democracia racial
91. Mortes sistêmicas da população negras
92. Movimento Negro Brasileiro
93. Movimento Negro Brasileiro
94. Movimento Negro Educador
95. Mulata
96. Mulher preta e forte
97. Mulher preta e resistência
98. Multicultura
99. Não-lugar
100. Negro
101. Negro (*3 variantes)
102. Negro referenciado
103. Objetificação das mulheres pretas
104. Opressão
105. Opressão
106. Ori
107. Ouvintismo institucionalizado

108. Patriarcado
109. Perspectiva da escola bilíngue para Surdos negros
110. Pertencimento racial
111. Pluralidade
112. Pluriversidade
113. Poder Horizontal
114. Política de embranquecimento no Brasil
115. Política eurocêntrica
116. Políticas de ações afirmativas
117. Políticas de reparação histórica
118. População negra diaspórica
119. Praxiologia decolonial antirracista
120. Preconceito
121. Pretagogia
122. Preto Retinto
123. Processo identitário
124. Questões etnico-raciais
125. Quilombo/Quilombola
126. Racialidade
127. Racializados
128. Racismo
129. Racismo anti-negritude
130. Racismo estrutural
131. Representar

Fonte: Elaboração própria.

Os dados iniciais pesquisa, foram pensados problematização do tema criação de um Léxico (Libras/Língua

campo de discussões meu objeto de concernentes à área já pesquisa buscando em o canal *Youtube*, sites de Sinais e consultas a pessoas Surdas usuárias os sinais considerando o

Os dados registrados a fim de que frequência de uso dos contextos, seu alcance

sinalizantes de Libras e sua relevância para a Comunidade Surda Brasileira, buscando obter um entendimento melhor acerca do tema pesquisado.

132. Representatividade Negra Surda (*+3 variações)
133. Resistência
134. Sabotar a população negra
135. Segregação Racial
136. Sexismo
137. Slam
138. Sociedade patriarcal branca
139. Sociedade plural
140. Subalternização
141. Subjetividade antirracista
142. Supremacia
143. Tensionamento (busca)
144. Teoria do branqueamento
145. Termos racistas: denegrir, criado mudo
146. Tokenismo
147. Transição Capilar
148. Traumas que a mulher negra carrega
149. Variedades culturais - Vários “Brasis”
150. Verticalizar a discussão racial
151. Violência Simbólica
152. Zumbi dos Palmares

coletados, na presente a partir da proposto, a saber, a Alfabético Bilingue Portuguesa) de termos no étnico-raciais. Sendo o investigação os termos definida, iniciei a minha fontes diversificadas como especializados em Língua pessoas pretas Surdas e da Língua de Sinais sobre contexto proposto.

coletados foram pudéssemos analisar a sinais, os diferentes tendo em vista os

Quadro 3 - Registro e seleção dos termos que compõem a temática da presente pesquisa.

TERMO	ASSISTIDO/COLETADO NA PLATAFORMA YOUTUBE/DATA DE CONSULTA	SINAL EM LIBRAS/ DATA DE CONSULTA
1. ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA	https://www.youtube.com/watch?v=O0TXidVy6c 22/08/2021	https://www.youtube.com/shorts/p6V27TG82CU 06/06/2023
2. AFRO-BRASILEIRO	https://www.youtube.com/watch?v=SuzY1p6PcBU 22/07/2022	https://www.youtube.com/shorts/GWkponmn3bI 22/07/2022
3. AFRODESCENDENTE	https://www.youtube.com/watch?v=2zzcSOPpeuM 15/06/2022	https://www.youtube.com/watch?v=UpVYW7E3S7A 15/06/2022
4. ANCESTRALIDADE	https://www.youtube.com/watch?v=h03cAD1EKNw 07/04/2022	https://www.youtube.com/watch?v=QaHpfDcsTcg 14/07/2023
5. APROPRIAÇÃO CULTURAL	https://www.youtube.com/watch?v=O8_p5U6yvlo 05/07/2022	Sinal discutido com o grupo de Surdos do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como segunda língua na biblioteca da Universidade de Brasília - BCE - no dia 22/08/2022 às 16:00 horas.
6. BLACK POWER - PODER PRETO	https://www.youtube.com/watch?v=rPIbj4jaQTY 22/08/2022	Sinal discutido com o grupo de Surdos do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como segunda língua na biblioteca da Universidade de Brasília - BCE - no dia 22/08/2022 às 16:00 horas.
7. COLORISMO	https://www.youtube.co	Sinal discutido com o grupo

	m/watch?v=EXKXCsURZ8A 22/02/2022	de Surdos do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como segunda língua na biblioteca da Universidade de Brasília - BCE - no dia 22/08/2022 às 16:00 horas.
8. CONSCIÊNCIA NEGRA	https://www.youtube.com/watch?v=v5a67FiRAwM	https://www.youtube.com/watch?v=-LWPBOKz_zo
9. CONSCIÊNCIA RACIAL	https://www.youtube.com/watch?v=8j_1NGDlj2I 22/08/2022	Sinal discutido com o grupo de Surdos do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como segunda língua na biblioteca da Universidade de Brasília - BCE - no dia 22/08/2022 às 16:00 horas.
10. COTAS RACIAIS	https://www.youtube.com/watch?v=41GxAxWl67k 07/06/2022	https://www.youtube.com/watch?v=GFAazMhcgFI 07/06/2022
11. DESIGUALDADE RACIAL	https://www.youtube.com/watch?v=bTo1DIdW1kU 22/08/2022	Sinal discutido com o grupo de Surdos do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como segunda língua na biblioteca da Universidade de Brasília - BCE - no dia 22/08/2022 às 16:00 horas.
12. EMPODERAMENTO	https://www.youtube.com/watch?v=2MUaAW3VcpY 08/08/2022	https://www.youtube.com/watch?v=l3VWi0Q4qfo 08/08/2022
13. ÉTNICO-RACIAL	https://www.youtube.com/watch?v=DlkWsc6yCMI 09/03/2022	Sinal discutido com o grupo de Surdos do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como segunda língua via chamada de vídeo na

		plataforma Whatsapp no dia 22/01/2024 às 10:00 horas.
14. FEMINICÍDIO MULHER NEGRA	https://www.youtube.com/watch?v=UK8-5_EbGZo 10/04/2023	Sinal discutido com o grupo de Surdos do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como segunda língua na biblioteca da Universidade de Brasília - BCE - no dia 22/08/2022 às 16:00 horas.
15. INJÚRIA RACIAL	https://www.youtube.com/watch?v=hQiRpRpZWm4 15/02/2023	Sinal discutido com o grupo de Surdos do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como segunda língua na biblioteca da Universidade de Brasília - BCE - no dia 22/08/2022 às 16:00 horas.
16. INTERSECCIONALIDADE	https://www.youtube.com/watch?v=ba6nzG61RRA 02/02/2023	https://www.youtube.com/watch?v=GGg8rsdtq_U 02/02/2023
17. LUGAR DE FALA	https://www.youtube.com/watch?v=4E6sLHnAoXA 09/03/2022	Sinal discutido com o grupo de Surdos do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como segunda língua na biblioteca da Universidade de Brasília - BCE - no dia 22/08/2022 às 16:00 horas.
18. LUTA ANTIRRACISTA	https://www.youtube.com/shorts/8SAQu-feOCM 09/02/2024	Sinal discutido com o grupo de Surdos do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como segunda língua na biblioteca da Universidade de Brasília - BCE - no dia 22/08/2022 às 16:00 horas.
19. MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO	https://www.youtube.com/watch?v=NajmaEwO	Sinal discutido com o grupo de Surdos do curso de

	YeY 22/07/2022	Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como segunda língua na biblioteca da Universidade de Brasília - BCE - no dia 22/08/2022 às 16:00 horas.
20. NEGRO	https://www.youtube.com/watch?v=wV4ZXfQPt2s 22/07/2022	https://www.youtube.com/watch?v=5zvVXqiUJSI 22/07/2022
21. PRETO RETINTO	https://www.youtube.com/watch?v=sQMK5sYA76k 09/02/2023	Sinal discutido com o grupo de Surdos do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como segunda língua na biblioteca da Universidade de Brasília - BCE - no dia 22/08/2022 às 16:00 horas.
22. QUILOMBO/QUILOMBOLA	https://www.youtube.com/watch?v=md8XGuXnky4 22/01/2022	Sinal discutido com o grupo de Surdos do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como segunda língua via chamada de vídeo na plataforma Whatsapp no dia 22/01/2022 às 10:00 horas.
23. RACISMO ESTRUTURAL	https://www.youtube.com/watch?v=PD4Ew5DIGrU&t=498s 10/03/2022	Sinal discutido com o grupo de Surdos do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como segunda língua na biblioteca da Universidade de Brasília - BCE - no dia 22/08/2022 às 16:00 horas.
24. REPRESENTATIVIDADE NEGRA SURDA	https://www.youtube.com/watch?v=yXkQxa60_B8 15/01/2022	Sinal discutido com o grupo de Surdos do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como segunda língua na biblioteca da Universidade de Brasília - BCE - no dia

		22/08/2022 às 16:00 horas.
25. SEGREGAÇÃO RACIAL	https://www.youtube.com/watch?v=NQNleyWSUVg 15/01/2022	Sinal discutido com o grupo de Surdos do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como segunda língua na biblioteca da Universidade de Brasília - BCE - no dia 22/08/2022 às 16:00 horas.
26. TRANSIÇÃO CAPILAR	https://www.youtube.com/watch?v=9rpK7Oax1fw 12/12/2022	Sinal discutido com o grupo de Surdos do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como segunda língua na biblioteca da Universidade de Brasília - BCE - no dia 22/08/2022 às 16:00 horas.
27. ZUMBI DOS PALMARES	https://www.youtube.com/watch?v=xOPXXmFHqw 23/01/2021	Sinal discutido com o grupo de Surdos do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como segunda língua via chamada de vídeo na plataforma Whatsapp no dia 22/01/2022 às 10:00 horas.

Fonte: Elaboração própria.

Considerando que o tema da presente pesquisa carrega consigo graves entraves sociais, práticas racistas, já enquadradas como crimes na Lei Federal nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989 e requer ações urgentes visando combatê-las, o foco da minha pesquisa foi pensado, inicialmente, em sujeitos pretos Surdos, na expectativa de lhes garantir o exercício da cidadania propondo-lhes reflexões acerca de uma realidade que nos atravessa e oprime, pretos Surdos e não-Surdos. Durante a coleta de dados, percebemos que há uma diversificação na forma de como a língua se manifesta dentro de determinadas comunidades, visto que a língua é viva e dinâmica, acarretando inúmeras possibilidades.

Ademais, é importante também registrar que observamos que alguns termos próprios da temática racial no contexto brasileiro, por exemplo o termo CONSCIÊNCIA NEGRA. Essas palavras são interpretadas no sentido literal da língua de saída, Língua Portuguesa, para a língua de chegada, Língua de Sinais. É necessário lembrar que o termo CONSCIÊNCIA NEGRA faz referência a um processo particular de resignificação das pessoas negras que diz respeito a sua luta, a sua resistência e a consciência de valorização de sua identidade e cultura. Para o Movimento Negro Brasileiro, o termo CONSCIÊNCIA NEGRA está relacionado com a data do 20 de novembro porque nessa data ocorreu a morte do líder quilombola, antiescravagista e antirracista Zumbi dos Palmares. Logo, o termo carrega em seu conceito parte da essência da história do povo preto brasileiro. Essa essência precisa estar suficientemente clara em seu conceito a fim de contribuir de forma devida no entendimento do sujeito Surdo em Língua de Sinais.

Dentro desse contexto, a proposta de pesquisa apresentada aqui se alinha com a reflexão de Collins (2018), que destaca a importância de reconhecer que as "escolhas epistemológicas sobre quem é digno de crédito, no que acreditar e por que algo é verdadeiro" não são questões academicamente neutras. Essa ação busca, assim, contribuir para uma abordagem mais consciente e crítica diante das decisões epistemológicas, promovendo uma análise que considere as complexidades envolvidas nas escolhas e crenças, para além da neutralidade acadêmica.

2.5 Terceira etapa: Elaboração e organização das fichas terminográficas de termos no campo de discussões étnico-raciais

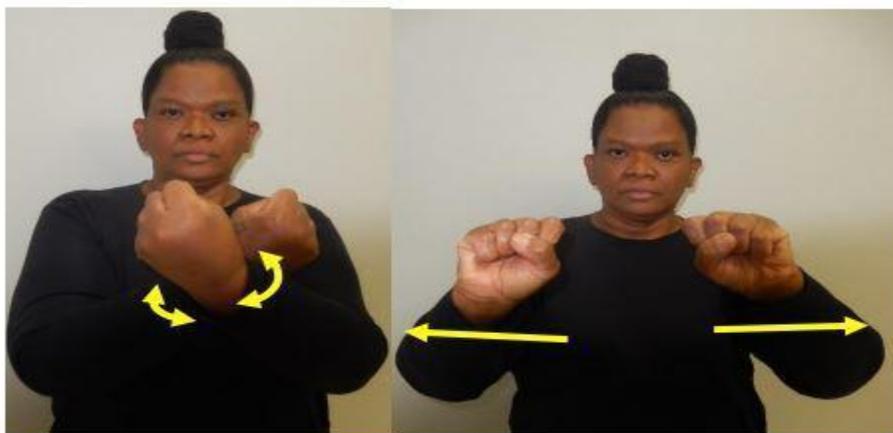
Nesta etapa de elaboração e organização das fichas terminográficas de termos do campo de discussões de questões étnico-raciais o objetivo é fazer a coleta, registrando e organizando as informações dos termos por intermédio de pesquisa bibliográfica com foco na criação do Léxico Bilíngue Língua de Sinais Brasileira - Libras/Língua Portuguesa - LP. As imagens que retratam os termos a serem registrados em Libras serão de autorias próprias ou coletadas da internet. As fotografias e os vídeos da sinalização vão ser realizados no Núcleo Varlibras – Núcleo de Estudo e Pesquisa da Variação Linguística em Libras da Universidade de Brasília - UnB. Após a gravação em vídeo da sinalização, será realizada a edição através de um celular da marca Samsung de modelo A30. A seguir, apresentamos alguns desses termos que foram registrados.

1. Abolição da escravatura

A abolição da escravatura no Brasil ocorreu no dia 13 de maio de 1888, por meio da Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel. Esta lei libertou os escravos no Brasil após quase 400 anos de escravidão (Bezerra, s.d)

Figura 2 - Sinal ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA.

**Fonte:
própria.**



Elaboração

Ficha terminográfica 1 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 01	
Termo: Abolição da Escravatura	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>O 13 de Maio celebra em nosso país o dia em que o trabalho escravo foi abolido, em 1888. A abolição foi concluída por meio da Lei Áurea, também conhecida como Lei nº 3.353. Essa lei foi assinada pela princesa Isabel, determinando que todos os escravos no Brasil se tornariam livres a partir da lei." Fonte: https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-abolicao-escravatura.htm Acesso em 20 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
https://colegiomiranda.com.br/atividades-sobre-a-abolicao-da-escravatura/ Acesso em 20 de janeiro de 2024.	https://youtu.be/XBrd1aPBhyQ

Autoria da proposta: Rocha (2024).

2. Afro-brasileiro

O termo afro-brasileiro designa pessoas nascidas no Brasil e objetos culturais e materiais de origem do continente africano (Bezerra, s.d).

Figura 3 - Sinal AFRO-BRASILEIRO.



Fonte: Elaboração própria.

Ficha terminográfica 2 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 02	
Termo: Afro-brasileiro	Sinal em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>O termo afro-brasileiro designa pessoas e objetos culturais e materiais de origem do continente africano e que tem relação direta com o Brasil. Fonte: https://escolazuleika.wordpress.com/tag/eu-afro-brasileiro/ *Adaptado. Acesso em 20 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
https://escolazuleika.wordpress.com/tag/eu-afro-brasileiro/ Acesso em 20 de janeiro de 2024.	https://youtu.be/7h_qeB7N5Zg

Autoria da proposta: Rocha (2024)

3. Afrodescendente

Afrodescendente é aquele que descende de africano. A palavra afrodescendente é formada por dois adjetivos: afro, que faz referência ao africano, mais descendente que é aquele

que descende de que provém por geração, portanto, afrodescendente significa “descendente de africano”

Figura 4 - Sinal AFRODESCENDENTE.



Fonte: Elaboração própria.

Ficha terminográfica 3 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 03	
Termo: Afrodescendente	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>Afrodescendente é aquele que descende de africano. A palavra afrodescendente é formada por dois adjetivos: afro, que faz referência ao africano, mais descendente que é aquele que descende de que provém por geração, portanto, afrodescendente significa “descendente de africano”.</p> <p>Fonte: https://www.significados.com.br/afrodescendente/#:~:text=Afrodescendente%20%C3%A9%20aquele%20que%20descende,significa%20%E2%80%9Cdescendente%20de%20africano%E2%80%9D. Acesso em 20 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
https://www.cbbb.org.br/lancado-o-ano-internacional-do-afrodescendente-no-brasil/ Acesso em 20 de janeiro de 2024.	https://youtu.be/xxLX2vWBXKM

Autoria da proposta: Rocha (2024).

4. Ancestralidade

Linha das gerações anteriores de um indivíduo ou de uma família; proveniência de um povo.

Figura 5 - Sinal ANCESTRALIDADE.



Fonte: Elaboração própria.

Ficha terminográfica 4 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 04	
Termo: Ancestralidade	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>“Considerando a perspectiva diaspórica, a ancestralidade é fonte de vida, de sabedoria, de identidade, de pertencimento e de criatividade, é o fio que tece o passado, o presente e o futuro, formando uma teia de relações que conecta humanidades. É também a memória que transcende espaço e tempo para recriar futuros possíveis e saudáveis.” Mestre em Psicologia da Saúde, Gaby Oliveira. Fonte: https://diaspora.black/blog/cultura-negra/o-que-e-ancestralidade-e-o-que-ela-pode-nos-ensinar-sobre-nos-mesmos Acesso em 20 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
https://diaspora.black/blog/cultura-negra/o-que-e-ancestralidade-e-o-que-ela-pode-nos-ensinar-sobre-nos-mesmos Acesso em 20 de janeiro de 2024.	https://youtu.be/Or9EfcJsxB8

Autoria da proposta: Rocha (2024).

5. Apropriação Cultural

Refere-se à assimilação de elementos específicos de uma cultura marginalizada por um grupo cultural hegemônico. Esses elementos podem ser vestuários, objetos, hábitos e até a linguagem. Essa prática é apontada como negativa porque esses elementos culturais costumam ser esvaziados de seus significados sagrados ou políticos, tornando-se, então, uma ferramenta de opressão. Além disso, o uso dessa cultura pelos grupos dominantes não traz benefícios à cultura marginalizada, que continua subjugada e sem lugar de fala (Albuquerque, 2020).

Figura 6 - Sinal APROPRIAÇÃO CULTURAL.



Fonte: Elaboração própria.

Ficha terminográfica 5 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

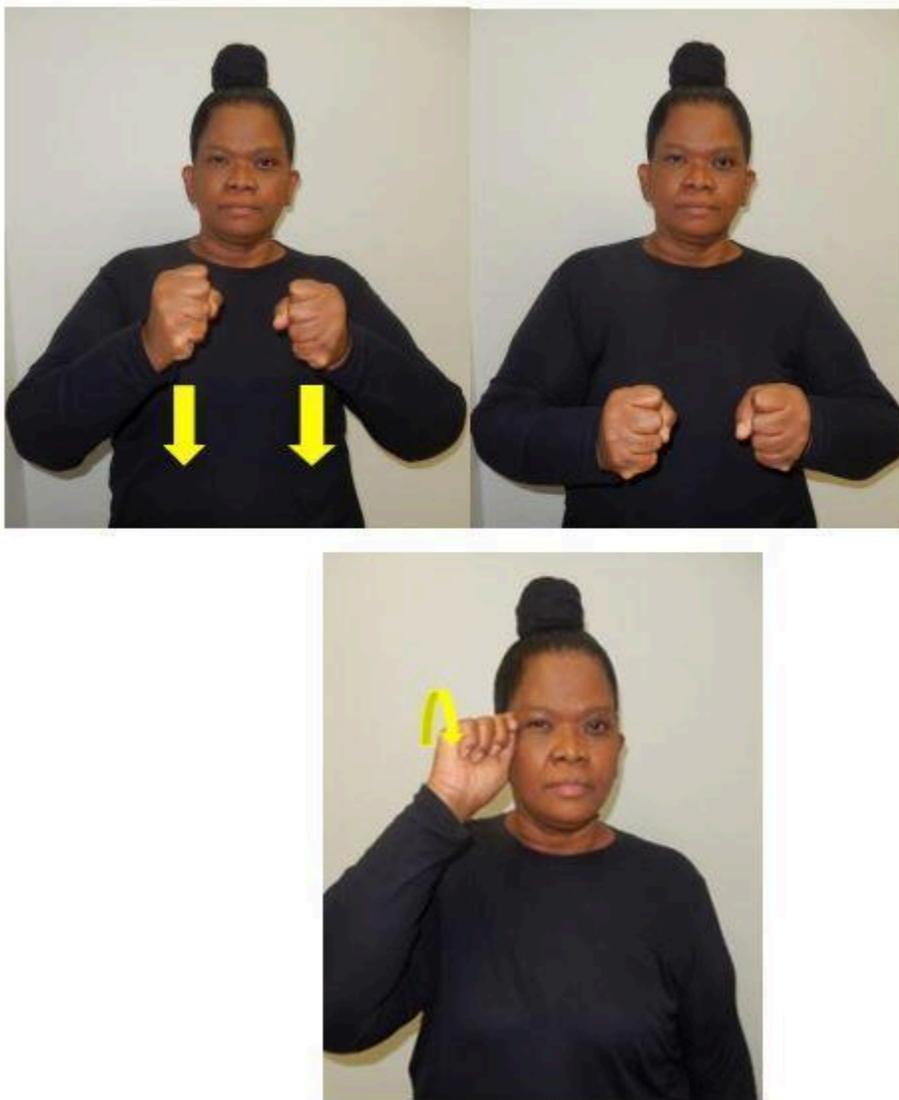
FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 05	
Termo: Apropriação Cultural	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>É a ação de adotar elementos de uma cultura da qual você não faz parte. Além disso, para que a gente não fique na superfície da questão, precisamos lembrar que esta apropriação envolve uma relação de poder. Uma cultura, historicamente suprimida e minorizada, tem seus elementos roubados e seus sentidos apagados pela cultura que sempre a dominou. Fonte: https://www.politize.com.br/apropriacao-cultural/#:~:text=Os%20turbantes%2C%20por%20exemplo%2C%20s%C3%A3o,Foto%3A%20Pexels. Acesso em 21 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
https://vermelho.org.br/2019/01/14/tamara-naiz-sobre-trancas-e-apropriacao-cultural/ Acesso em 21 de janeiro de 2024.	https://youtu.be/BMF-DHJ9SAc

Autoria da proposta: Rocha (2024).

6. Black Power - Poder Negro

Black Power significa “poder negro” na tradução literal do inglês para o português e ficou conhecido como um movimento que evidenciava a cultura e a resistência negra numa sociedade predominantemente racista⁹.

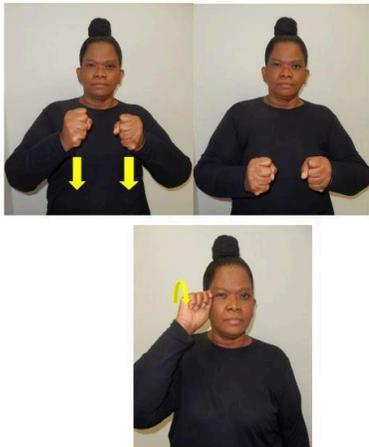
Figura 7 - Sinal BLACK POWER - PODER NEGRO.



Fonte: Elaboração própria.

⁹Disponível em: <https://www.significados.com.br/black-power/>

Ficha terminográfica 6 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 06	
Termo: Black Power (Poder Negro)	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>Black Power significa “poder negro” na tradução literal do inglês para o português e ficou conhecido como um movimento que evidenciava a cultura e a resistência negra numa sociedade predominantemente racista. Fonte: https://www.significados.com.br/black-power/ Acesso em 21 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
https://cacheadossoltaajuba.files.wordpress.com/2014/11/negass-black.jpg Acesso em 21 de janeiro de 2024.	https://youtu.be/4vTfEcNp5f8

Autoria da proposta: Rocha (2024).

7. Colorismo

Termo utilizado para diferenciar as tonalidades da pele negra, muito comuns em países que sofreram colonização europeia. O termo surgiu em 1982, cunhado pela escritora americana Alice Walker, e diz que a segregação racial aceita mais facilmente pessoas negras de pele clara. Elas não deixam de sofrer racismo, mas podem ser tratadas de formas diferentes de negros retintos. O colorismo pode ser reconhecido em apelidos considerados pejorativos como “mulata”, “marrom bombom” ou “cor do pecado”.

Ficha terminográfica 7 - Sinal COLORISMO.



Fonte: Elaboração própria.

Ficha terminográfica 8 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 07	
Termo: Colorismo	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>O colorismo, de modo sucinto, pode ser explicado como um conceito que descreve a discriminação racial baseada em tons de pele dentro de uma mesma etnia ou raça. O termo nomeia a preferência por indivíduos negros com peles mais claras em detrimento daqueles com peles mais escuras.</p> <p>Fonte: https://www.nexojornal.com.br/estante/favoritos/2023/09/02/5-livros-para-refletir-sobre-o-que-%C3%A9-e-como-age-o-colorismo Acesso em 22 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
https://projetocolabora.com.br/ods10/colorismo-2-0-parte-1/ Acesso em 21 de janeiro de 2024.	https://youtu.be/tYTKYKX-cZY

Autoria da proposta: Rocha (2024).

8. Consciência Negra

Consciência Negra pode significar, em suma, a percepção da pessoa preta em relação às suas origens, no entendimento das raízes culturais e históricas dos seus antepassados.

A consciência negra também representa a identificação da causa e luta dos ancestrais africanos que desembarcaram no Brasil e trouxeram consigo toda a cultura, costumes e tradições do seu povo. É ter em mente que a escravidão foi abolida, mas que ainda há muita coisa a ser mudada no que diz respeito aos direitos da pessoa preta.

O conceito também traduz o sentimento de pertencimento do preto, não como apenas um “apêndice” da sociedade dominada pela classe branca, mas como um ser de valor e que faz parte da formação identitária do Brasil¹⁰.

Figura 8 - Sinal-termo: CONSCIÊNCIA NEGRA.



Fonte: Elaboração própria.

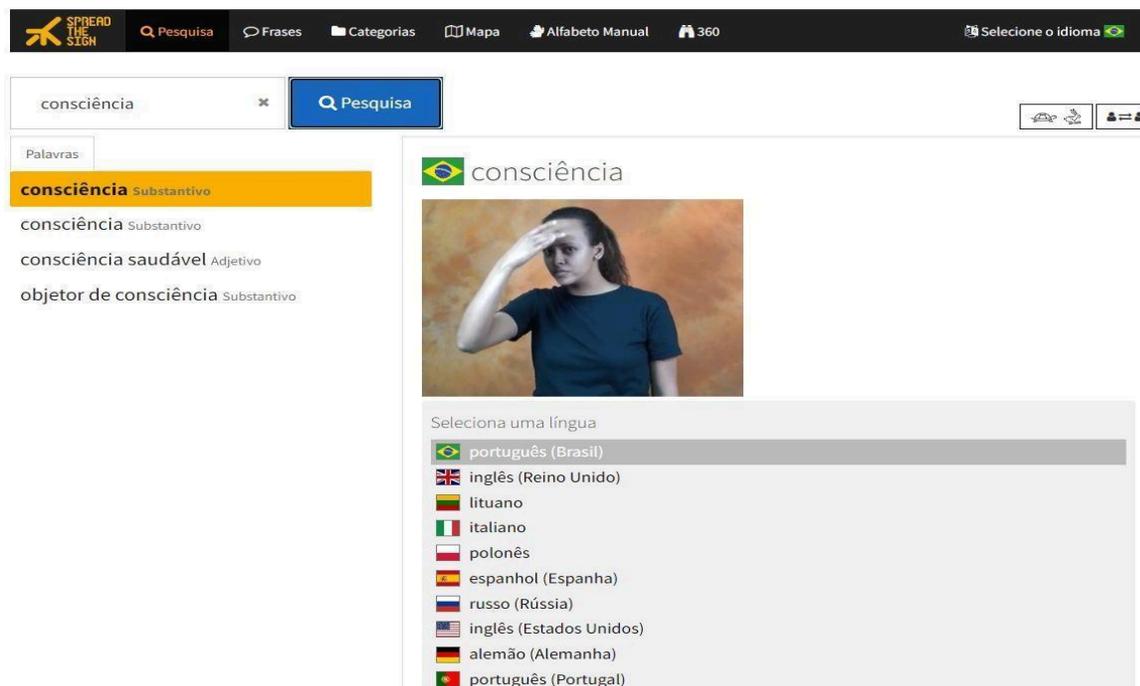
¹⁰Disponível em: <https://www.geledes.org.br/consciencia-negra-significado/>

Ficha terminográfica 9 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 08	
Termo: Consciência Negra	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>A Consciência Negra é uma expressão que designa a percepção histórica e cultural que os negros têm de si mesmos. Também representa a luta dos negros contra a discriminação racial e a desigualdade social.</p> <p>Fonte: https://www.todamateria.com.br/consciencia-negra/ Acesso em 22 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
<p>https://pmsaposse.sp.gov.br/cras-realiza-acao-para-celebrar-dia-da-consciencia-negra/ Acesso em 22 de janeiro de 2024.</p>	<p>https://youtu.be/_LvUTgzFdiA</p>

Autoria da proposta: Rocha (2024).

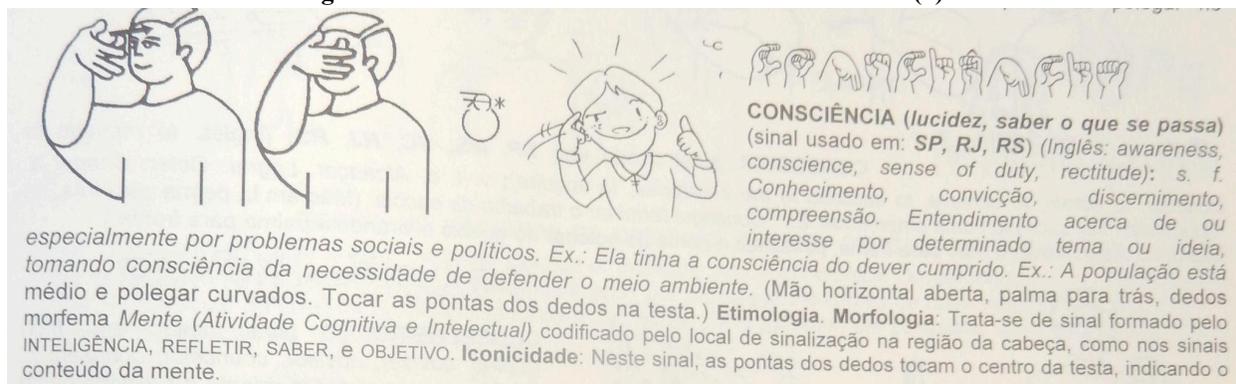
Figura 9 - Variante do Sinal-termo: CONSCIÊNCIA (2).



Fonte: Spread the sign¹¹.

Proposta do sinal de CONSCIÊNCIA apresentada no site Spread the Sign. Os parâmetros de Configuração de Mão (CM) e Ponto de Articulação (PA) são compatíveis com a proposta a seguir (Imagem 8.2) apresentada no Dicionário de Capovilla.

Figura 10 - Variante do Sinal-termo: CONSCIÊNCIA (3).



¹¹ Disponível em: <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/> Acesso em 29 de agosto de 2022.

Fonte: Dicionário de Capovilla.

Proposta apresentada por Capovilla que aponta maior frequência de uso do referido sinal nos Estados de São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ) e Rio Grande do Sul (RS). A proposta apresenta parâmetros de Configuração de Mão (CM) e Ponto de Articulação (PA) compatível com a proposta apresentada no site Spread the Sign, referência feita na Imagem 8.1.

9. Consciência Racial

“É um patamar de politização que nos situa no âmbito de um movimento social que combate racismo, sexismo e múltiplas outras formas de discriminação que se abatem sobre as populações negras, especialmente sobre mulheres e jovens negras”¹². Sueli Carneiro¹³.

Figura 11 - Sinal CONSCIÊNCIA RACIAL.



Fonte: Elaboração própria.

¹²Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8j_1NGDlj2I&t=72s

¹³ Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/literafro/ensaistas/1426-sueli-carneiro>

Ficha terminográfica 10 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 09	
Termo: Consciência Racial	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>“Quando a gente fala de consciência negra, consciência racial, é um patamar diferente da simples compreensão e vivência cotidiana do racismo. É um patamar de politização, já, que nos situa no âmbito de um movimento social que combate, racismo, sexismo, e múltiplas outras formas de discriminação que se abatem sobre as populações negras, especialmente sobre mulheres e jovens negros.” Sueli Carneiro - filósofa, ativista e escritora. Fonte: https://www.geledes.org.br/entenda-o-que-e-consciencia-racial/ Acesso em 22 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
https://portal.trf6.jus.br/trf6-institui-comite-de-equidade-racial-no-mes-da-consciencia-negra/ Acesso em 22 de janeiro de 2024.	https://youtu.be/zulIdW0xKo4

Autoria da proposta: Rocha (2024)

10. Cotas Raciais

As cotas raciais são ações afirmativas aplicadas em alguns países, como o Brasil, a fim de diminuir as disparidades econômicas, sociais e educacionais entre pessoas de diferentes etnias raciais. Essas ações afirmativas podem existir em diversos meios, mas a sua obrigatoriedade é mais notada no setor público – como no ingresso nas universidades, concursos públicos e bancos (Universidade Federal de Goiás, s.d).

Figura 12 - Sinal COTAS RACIAIS.



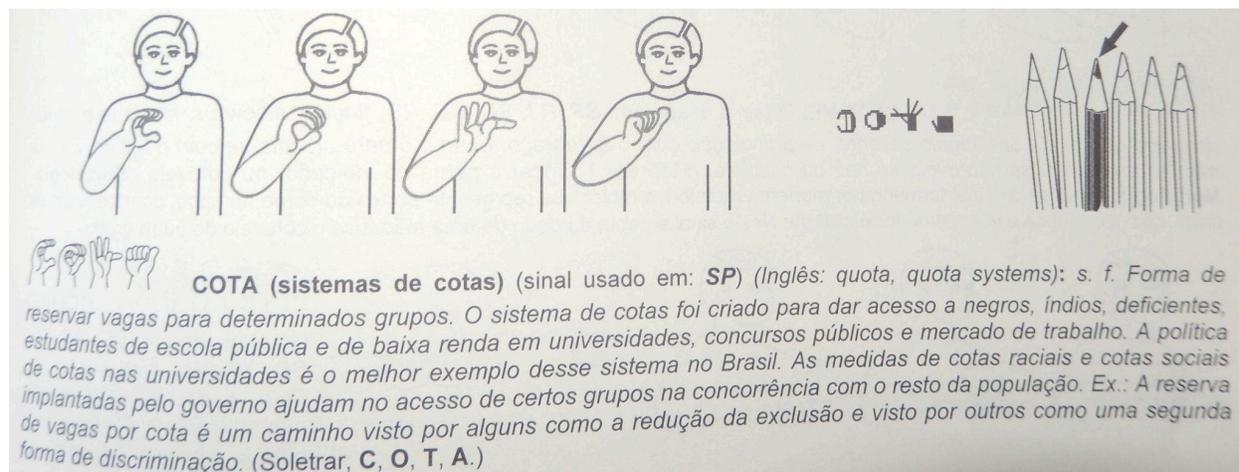
Fonte: Elaboração própria.

Ficha terminográfica 11- Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 10	
Termo: Cotas Raciais	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>As cotas raciais são ações afirmativas aplicadas em alguns países, como o Brasil, a fim de diminuir as disparidades econômicas, sociais e educacionais entre pessoas de diferentes etnias raciais. Essas ações afirmativas podem existir em diversos meios, mas a sua obrigatoriedade é mais notada no setor público – como no ingresso nas universidades, concursos públicos e bancos. As cotas raciais são uma medida de ação contra a desigualdade num sistema que privilegia um grupo racial em detrimento de outros – esses, oprimidos perante a sociedade. Fonte: https://www.politize.com.br/cotas-raciais-no-brasil-o-que-sao/ Acesso em 22 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
<p>https://brasilecola.uol.com.br/historiab/cotas-raciais-re-solvem-problema-que-nao-foi-resolvido-com-abolicao.htm Acesso em 22 de janeiro de 2024.</p>	https://youtu.be/3NmD-9QhcvI

Autoria da proposta: Rocha (2024).

Figura 13 - Variante do Sinal-termo: COTAS (2).



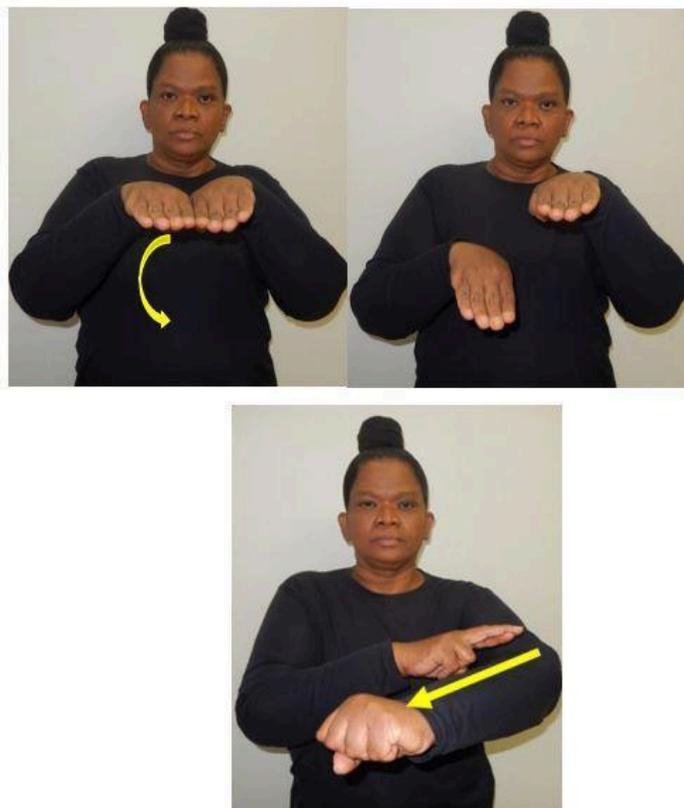
Fonte: Dicionário de Capovilla.

Essa proposta foi apresentada pelo Dicionário de Capovilla para o sinal COTA com o uso de datilologia. Observamos que o site *Spread the Sign* não apresenta registro videográfico para o sinal COTAS e o mesmo ocorre com o site Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011.

11. Desigualdade Racial

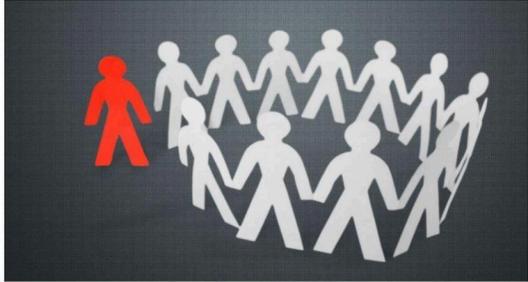
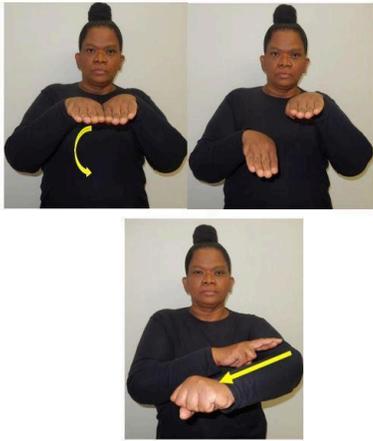
A desigualdade racial é a diferença entre oportunidades e condições de vida que ocorre em função da etnia de uma pessoa. Negros, índios e mestiços - são exemplos de grupos que enfrentam desafios decorrentes de processos históricos de segregação (Enciclopédia, 2024).

Figura 14 - Sinal DESIGUALDADE RACIAL



Fonte: Elaboração própria.

Figura 15 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 11	
Termo: Desigualdade Racial	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
A desigualdade racial é a diferença entre oportunidades e condições de vida que ocorre em função da etnia de uma pessoa. Negros, índios e mestiços - são exemplos de grupos que enfrentam desafios decorrentes de processos históricos de segregação. https://www.significados.com.br/desigualdade-racial/ Acesso em 23 de janeiro de 2024.	
Fonte da imagem	Link do vídeo
https://www.cursosabeline.com.br/curso/gratis/desigualdade-racial-nos-espacos-escolares-e-o-trabalho-do-assistente-social Acesso em 23 de janeiro de 2024.	https://youtu.be/PTF8bYDvOds

Autoria da proposta: Rocha (2024)

12. Empoderamento

É um neologismo definido pelo dicionário Aurélio como “ação de se tornar poderoso, de passar a possuir poder”. O uso da palavra em debates sociais relaciona-se à ideia de “empoderamento político”. Nesse sentido, o Movimento Negro usa o termo para afirmar seu acesso a espaços de poder, assim como celebrar sua ancestralidade e traços físicos próprios desse fenótipo, como o cabelo *Blackpower* (Albuquerque, 2020).

Figura 16 - Sinal EMPODERAMENTO



Fonte: Elaboração própria.

Ficha terminográfica 12 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 12	
Termo: Empoderamento	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>Entre as inúmeras possibilidades, empoderamento pode ser entendido como as capacidades das pessoas (individualmente ou em grupo) obterem conhecimentos e controle de suas próprias forças para então lutar por uma vida melhor. É a busca por uma autonomia e protagonismo nos processos e desenvolvimento de suas próprias vidas. Empoderar-se diz respeito ao esforço de se livrar das amarras sociais de dominação e opressão. *Adaptado. Fonte: https://revistaafirmativa.com.br/entenda-o-empoderamento-negro-didaticamente/ Acesso em 24 de janeiro de 2024.</p>	

Fonte da imagem	Link do vídeo
https://revistaafirmativa.com.br/entenda-o-empoderamento-negro-didaticamente/ Acesso em 24 de janeiro de 2024.	https://youtu.be/oIDTYqZ9UaI

Autoria da proposta: Rocha (2024)

13. Étnico-racial

Trata-se de uma expressão usada para se referir às questões concernentes à população afro-brasileira a fim de sair do impasse e da postura dicotômica entre os conceitos de raça e de etnia. Para se compreender a realidade do negro brasileiro, não somente as características físicas e a classificação racial devem ser consideradas, mas também a dimensão simbólica, cultural, territorial, mítica, política e identitária. Gomes vai definir relações étnico-raciais como sendo "relações imersas na alteridade e construídas historicamente nos contextos de poder e das hierarquias raciais brasileiras" onde segundo a autora a "raça opera como forma de classificação social, demarcação de diferenças e interpretação política e identitária" num processo histórico, social, político, econômico e cultural.

Figura 17 - Sinal ÉTNICO-RACIAL.



Fonte: Elaboração própria.

Ficha terminográfica 13 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 13	
Termo: Étnico-racial	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>Raça e etnia não são sinônimas. Etnia é um grupo definido pela mesma origem, afinidades linguísticas e culturais, enquanto raça como distinção entre os homens é um conceito socialmente construído de que existiriam diferenças biológicas entre as etnias. A palavra etnia é derivada do grego <i>ethnos</i>, que significa "povo que tem os mesmos costumes". Raça é um conceito biológico aplicado aos subgrupos de uma espécie. A espécie humana não possui subespécies ou subcategorias, e portanto não é correto dizer que existem diferentes raças humanas. https://www.significados.com.br/raca-e-etnia/ Acesso em 24 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
<p>https://novaescola.org.br/conteudo/1545/diversidade-etnico-racial-por-um-ensino-de-varias-cores Acesso em 24 de janeiro de 2024.</p>	<p>https://youtu.be/sNz4MpHi2TU</p>

Autoria da proposta: Rocha (2024)

14. Femicídio mulher negra

O femicídio é a expressão fatal das diversas violências que podem atingir as mulheres em sociedades marcadas pela desigualdade de poder entre os gêneros masculino e feminino e por construções históricas, culturais, econômicas, políticas e sociais discriminatórias. Mulheres pretas são a maioria das vítimas de femicídio. Conforme dados da Agência Patrícia Galvão, a cada oito minutos uma mulher sofre violência e mais da metade são mulheres pretas.

Figura 18 - FEMINICÍDIO MULHER NEGRA.



Fonte: Elaboração própria.

Ficha terminográfica 14 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

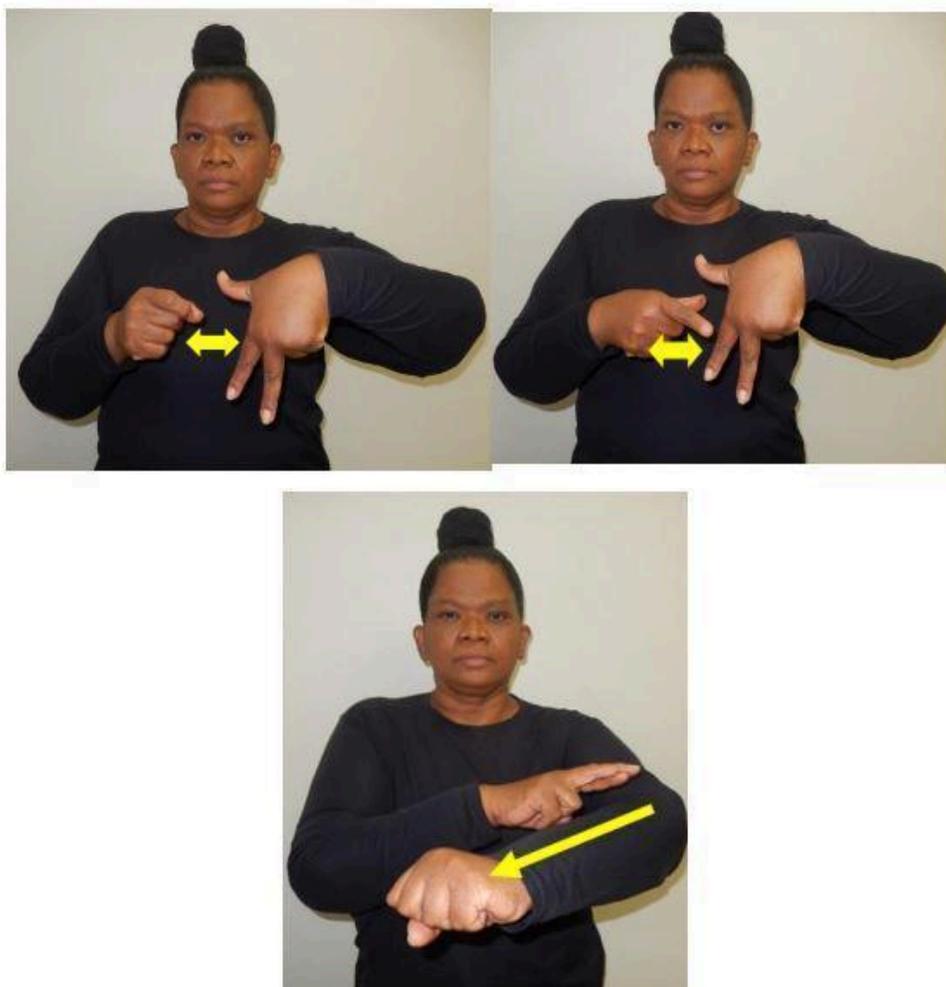
FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 14	
Termo: Femicídio da mulher negra	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>Segundo a coordenadora do Centro de Defesa pela Vida, Raquel Narciso, esse crime de ódio e desprezo vem crescendo. <i>“Quando a gente fala de feminicídio, a gente fala de um crime de ódio. De um crime que é de desprezo à condição feminina, e a gente teve nos últimos anos um aumento desse ódio, a gente observa um aumento desse ultraconservadorismo em relação à condição feminina”</i>, conta Ana Carolina. O mesmo recorte aponta que 62% das mulheres vítimas de feminicídio no país são negras. E a violação aos direitos humanos da população negra, sejam mulheres ou homens, aparece ainda em outros pontos do relatório da Anistia Internacional. É a que mais morre em confrontos com a polícia e a mais afetada por eventos climáticos extremos. Para Jurema Werneck, diretora-executiva da Anistia, é preciso um trabalho envolvendo Governo e Justiça para que haja mudança nesse quadro.</p> <p>https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-representam-62-das-vitimas-de-femicidio-no-brasil-aponta-anistia-internacional/ Acesso em 24 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
https://www.cfemea.org.br/index.php/pt/?view=article&id=6431:mulheres-negras-representam-62-das-vitimas-de-femicidio-no-brasil-aponta-anistia-internacional&catid=581 Acesso em 24 de janeiro de 2024.	https://youtu.be/xGhaFBRNrQM

Autoria da proposta: Rocha (2024)

15. Injúria Racial

O crime de injúria racial está previsto no parágrafo 3º do mesmo artigo, trata-se de uma forma de injúria qualificada, na qual a pena é maior, e não se confunde com o crime de racismo, previsto na Lei n. 7716/2012. Para sua caracterização, é necessário que haja ofensa à dignidade de alguém, com base em elementos referentes à sua raça, cor, etnia, religião, idade ou deficiência. Nessa hipótese, a pena aumenta para 1 a 3 anos de reclusão.

Figura 19 - Sinal-termo: INJÚRIA RACIAL.



Fonte: Elaboração própria.

Ficha terminográfica 15 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 15	
Termo: Injúria Racial	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>A Lei 14.532/2023, publicada em janeiro no ano de 2023, equipara a injúria racial ao crime de racismo. Com isso, a pena tornou-se mais severa com reclusão de dois a cinco anos, além de multa, não cabe mais fiança e o crime é imprescritível. Segundo a legislação, deve ser considerada como discriminatória qualquer atitude ou tratamento dado à pessoa ou a grupos minoritários que cause constrangimento, humilhação, vergonha, medo ou exposição indevida, e que usualmente não se dispensaria a outros grupos em razão da cor, etnia, religião ou procedência. A pena será aumentada quando o crime for cometido por duas ou mais pessoas ou por funcionário público no exercício de suas funções, bem como quando ocorrer em contexto de descontração, diversão ou recreação. Se o crime for cometido no contexto de atividades esportivas, religiosas, artísticas ou culturais, a Lei prevê, além da pena de reclusão, a proibição da pessoa frequentar, por três anos, locais destinados a práticas esportivas, artísticas ou culturais. https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/injuria-racial-racismo Acesso em 24 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
<p>https://www.tjmt.jus.br/noticias/73631 Acesso em 24 de janeiro de 2024.</p>	<p>https://youtu.be/rnGrYRXTvGM</p>

Autoria da proposta: Rocha (2024).

16. Interseccionalidade

É uma teoria e ferramenta de estudo usada para pensar na inseparabilidade de questões opressoras. Entende-se que algumas pessoas estarão vulneráveis a mais de um tipo de opressão por acumularem experiências diversas. Por exemplo, uma mulher negra não será oprimida apenas pelo machismo, mas também pelo racismo, o que cria uma experiência de violência diferente da experiência de uma mulher branca¹⁴.

Figura 20 - Sinal INTERSECCIONALIDADE.



Fonte: Elaboração própria.

¹⁴Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/glossario-termos-entender-movimento-negro/>

Ficha terminográfica 16 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 16	
Termo: Interseccionalidade	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>Em termos simples, a interseccionalidade é a interação entre dois ou mais fatores sociais que definem uma pessoa. Questões de identidade como gênero, etnia, raça, localização geográfica ou mesmo idade não afetam uma pessoa separadamente, ao contrário, combinam-se de diferentes formas, gerando diversas desigualdades (ou vantagens).</p> <p>https://blogs.iadb.org/brasil/pt-br/o-que-e-interseccionalidade-e-por-que-importa-saber-seu-significado/ Acesso em 24 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
<p>https://blogs.iadb.org/brasil/pt-br/o-que-e-interseccionalidade-e-por-que-importa-saber-seu-significado/ Acesso em 24 de janeiro de 2024.</p>	https://youtu.be/3Nwp0-jVDxM

Autoria da proposta: Rocha (2024).

17. Lugar de fala

O uso desse termo está relacionado ao lugar social, “de localização de poder dentro da estrutura e não a partir da vivência”, como afirma a filósofa Djamila Ribeiro¹⁵. A ideia do lugar de fala, então, propõe que o grupo dominante, ou seja, que está em maioria nos locais de poder, comece a pensar na existência dos grupos marginalizados. A ideia é ampliar a visão para compreender as experiências pelas quais essas pessoas passam¹⁶.

Figura 21 - Sinal LUGAR DE FALA.



Fonte: Elaboração própria.

¹⁵ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Djamila_Ribeiro

¹⁶ Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/glossario-termos-entender-movimento-negro/>

Ficha terminográfica 17 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 17	
Termo: Lugar de Fala	Sinal-termo em Libras
 <p><small>Foto: Clay Banks/Unsplash.</small></p>	
Definição do termo	QR Code
<p>“O lugar de fala traz, na sua essência, a consciência do papel do indivíduo nas lutas, criando uma lucidez de quando você é o protagonista ou coadjuvante no cenário de discussão. Não há silenciamento de vozes, na verdade é justamente nesse ponto que queremos avançar. Traz uma liberdade para cada grupo se reconhecer e entender em qual espaço se encontra conforme o processo de organização e falar com propriedade a partir dele.” Giselle Marques, Coordenadora Regional da Rede Estadual de Afroempreendedorismo em Santa Catarina. https://www.politize.com.br/o-que-e-lugar-de-fala/ Acesso em 24 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
<p>https://revistaforum.com.br/opinio/2020/10/29/que-lugar-de-fala-cientifico-84959.html Acesso em 24 de janeiro de 2024.</p>	<p>https://youtu.be/3IDJ6Pp6hKM</p>

Autoria da proposta: Rocha (2024).

18. Luta Antirracista

A luta antirracista ou o antirracismo é uma forma de ação contra o ódio, preconceito racial, racismo sistêmico e a opressão estrutural de grupos marginalizados racialmente e etnicamente. O antirracismo é geralmente estruturado em torno de esforços conscientes e ações deliberadas para fornecer oportunidades equitativas para todas as pessoas em um nível individual e sistêmico¹⁷.

Figura 22- Sinal LUTA ANTIRRACISTA

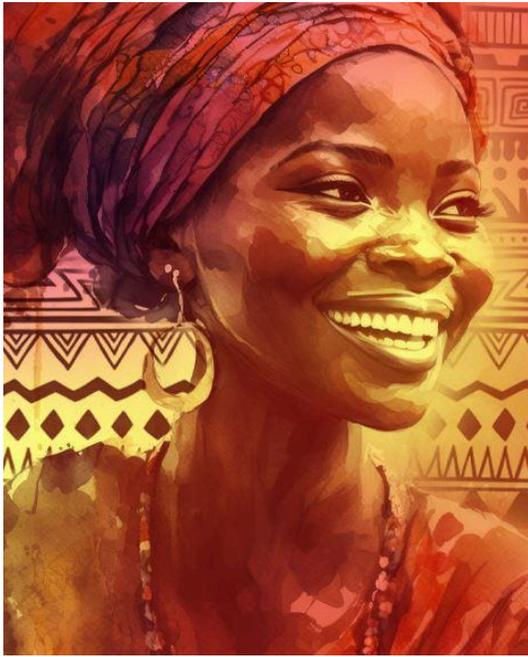


Fonte: Elaboração própria.

¹⁷Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Antirracismo#:~:text=O%20antirracismo%20%C3%A9%20uma%20forma,grupos%20marginalizados%20racialmente%20e%20eticamente.>

Ficha terminográfica 18 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 18	
Termo: Luta Antirracista	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>Ser antirracista é ir além de denunciar o crime de racismo ou a injúria racial, é muito mais que simplesmente não ser racista. É observar com senso crítico; ser agente de mudança. E a prática antirracista leva à criação de medidas de enfrentamento estrutural e institucional ao racismo. A doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Jaqueline Conceição da Silva, salienta que a luta antirracista é pró-ativa, e é a resposta para mudar estruturas que “mantém pessoas brancas em locais de poder e com privilégios”, pois, ela explica, “é por meio de ações antirracistas que ocorre a mudança de relações sociais”. https://noticias.ufsc.br/tags/luta-antirracista/ Acesso em 24 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
<p>https://www.tjba.jus.br/portal/campanha-novembro-negro-no-tjba-reune-grandes-nomes-da-luta-antirracista-evento-conta-com-a-presenca-da-ex-ministra-matilde-ribeiro/ Acesso em 24 de janeiro de 2024.</p>	<p>https://youtu.be/J0s8kJQrcGQ</p>

Autoria da proposta: Rocha (2024).

19. Movimento Negro Brasileiro

Esse movimento social constituído por pessoas pretas que lutam pelos direitos, igualdade racial e visibilidade da população preta (adaptado)¹⁸.

Figura 23 - Sinal MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO.



Fonte: Elaboração própria.

¹⁸ Disponível em: https://noticias.ufsc.br/files/2017/10/Gloss%C3%A1rio_vers%C3%A3ointerativa.pdf

Ficha terminográfica 19 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

Autoria proposta: (2024).

da Rocha

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 19	
Termo: Movimento Negro Brasileiro	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
Movimento social constituído por pessoas pretas que lutam pelos direitos, igualdade racial e visibilidade da população preta (adaptado).	
Fonte da imagem	Link do vídeo
https://www.purebreak.com.br/noticias/movimento-negro-5-conquistas-deles-no-brasil/102105 Acesso em 24 de janeiro de 2024.	https://youtu.be/nE73fvTFzUE

20. Negro

Negros ou povo negro são termos usados em sistemas de classificação racial para os seres humanos que geralmente se relaciona a um fenótipo de pele escura, em relação a outros grupos raciais. O conceito da palavra negro pode variar de acordo com a região, política e cultura, podendo um indivíduo ser classificado como negro em um determinado país e não ser classificado como tal em outros¹⁹.

Figura 24 - Sinal NEGRO.



Fonte: Elaboração própria.

¹⁹Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Negros>

Ficha terminográfica 20 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO:	
Termo: Negro	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>Conforme convenção do IBGE, no Brasil, negro é quem se autodeclara preto ou pardo, pois população negra é o somatório de pretos e pardos. Para fins políticos, negra é a pessoa de ancestralidade africana, desde que assim se identifique. Ser negro no Brasil: alcances e limites. Fátima Oliveira (2004). https://www.scielo.br/j/ea/a/CQmMqSJDwGS3vnSRPVZG66H# Acesso em 25 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
<p>https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/escolas/7-ativistas-do-movimento-negro-que-voce-precisa-conhecer Acesso em 24 de janeiro de 2024.</p>	<p>https://youtu.be/RJLzeUZkvlk</p>

Autoria da proposta: Rocha (2024).

Figura 25 - Variante do Sinal-termo: NEGRO (2).

The screenshot displays the 'LIBRAS' dictionary interface for the 'Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011'. The search bar contains the word 'negro'. The 'Ordem' (Order) dropdown is set to 'Alfabética'. The search results are displayed in a grid format:

Assuntos	Palavras	Mão	Vídeo
COR/FORMA	-- SELECIONE -- NEGRO QUADRO-NEGRO		
Aceção	Exemplo	Exemplo Libras	Imagem
Preto; pessoa da raça negra.	Na Bahia, a maioria das pessoas é negra.	BAHIA MAIORIA NEGR@.	
	Classe Gramatical	Origem	
	ADJETIVO	nacional	

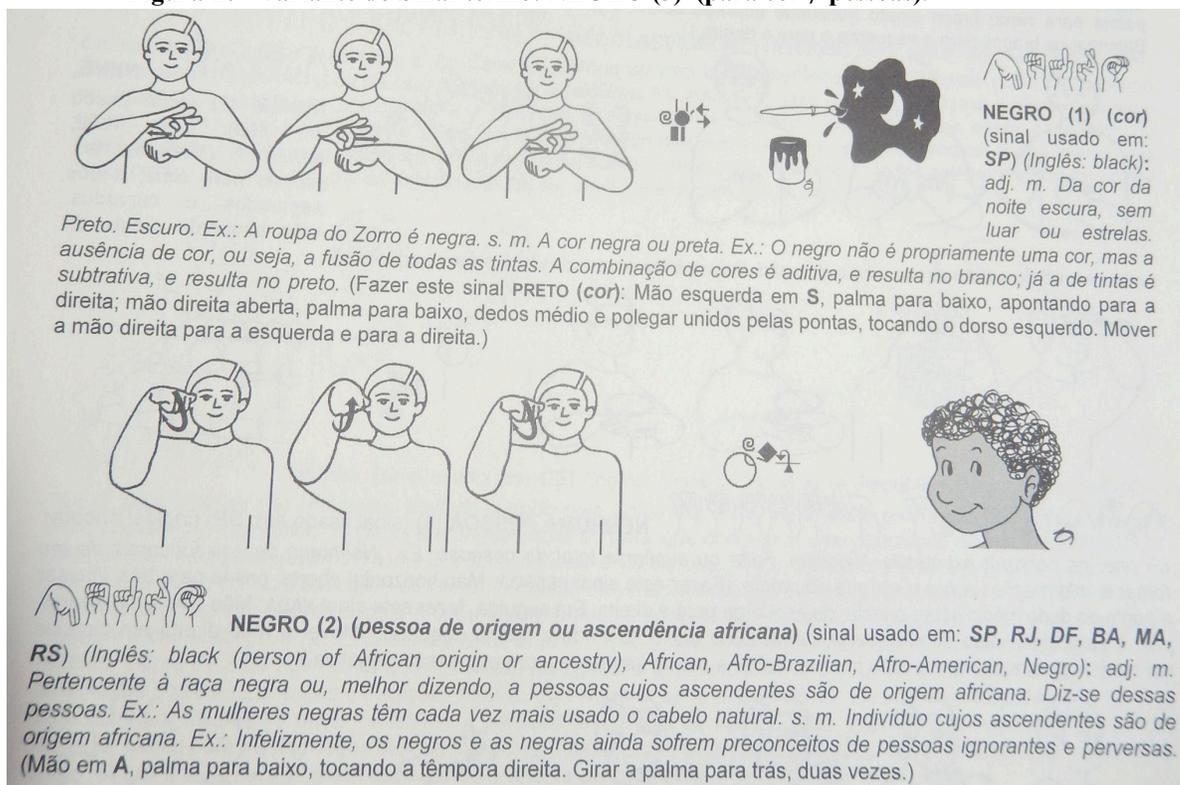
At the bottom of the interface, there is a footer with the logo for 'Acessibilidade Brasil' (www.acessibilidadebrasil.org.br) and links for 'créditos' and 'libras em cd'.

Fonte: Acessibilidade Brasil²⁰

Proposta apresentada no site Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011 para o sinal NEGRO compatível com o que propõe o *Dicionário de Capovilla* e o site *Spread the Sign*. Observamos que não há uma referência específica à cor PRETA.

²⁰ Disponível em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/

Figura 26 - Variante do Sinal-termo: NEGRO (3) (para cor ≠ pessoas).



Fonte: Dicionário de Capovilla.

O *Dicionário de Capovilla* apresenta 2 propostas para o sinal NEGRO: 1. Uma proposta para a cor NEGRA e o sinal é feito no dorso da mão; 2. Uma proposta para o sinal NEGRO referindo-se a pessoas que pertencem à raça negra e o sinal é feito na região lateral do rosto próximo ao olho. Proposta compatível com o que apresenta o site *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011*.

Figura 27 - Variante para o Sinal-termo: NEGRO (4).

The screenshot shows the 'Spread the Sign' website interface. At the top, there is a navigation bar with the logo 'SPREAD THE SIGN' and menu items: Pesquisa, Frases, Categorias, Mapa, Alfabeto Manual, and 360. A language selector is set to 'Seleção o idioma' with a Brazilian flag icon. Below the navigation bar, a search bar contains the word 'Preto' and a 'Pesquisa' button. To the right of the search bar are icons for a printer, a speech bubble, and a user profile. Below the search bar, there are tabs for 'Palavras', 'Frases', and 'Localizações'. The 'Palavras' tab is active, showing a list of words starting with 'preto': 'preto' (Adjetivo), 'gelo preto' (Substantivo), 'chá preto' (Substantivo), 'café preto' (Substantivo), 'feijão preto' (Substantivo), and 'Impressão a preto e branco' (Substantivo). To the right of the word list, there is a video player showing a person signing, with the word 'preto' and a speaker icon above it. Next to the video is a black ink splat icon. Below the video and icon, there is a language selection dropdown menu titled 'Selecione uma língua' with the following options: português (Brasil), inglês (Reino Unido), lituano, italiano, polonês, espanhol (Espanha), russo (Rússia), inglês (Estados Unidos), and a '+ mais' button.

Fonte: Spread the sign.

Proposta apresentada no site *Spread the Sign* para o sinal NEGRO. Não há proposta de registro específico que diferencie o sinal NEGRO utilizado para cor e para as pessoas negras. Essa proposta é compatível com o que apresenta o site *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011*.

21. Preto Retinto

Dentro da teoria do colorismo, essa palavra é usada para se referir aos pretos de pele escura²¹.

Figura 28 - Sinal PRETO RETINTO.



Fonte: Elaboração própria.

²¹Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/glossario-terminos-entender-movimento-negro/>

Ficha terminográfica 21 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 21	
Termo: Preto Retinto	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>Preto Retinto: Dentro da teoria do colorismo, essa palavra é usada para se referir aos negros de pele escura.</p> <p>https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/glossario-terminos-entender-movimento-negro Acesso em 25 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
<p>https://i.pinimg.com/originals/0e/ed/93/0eed936a54f9c78c9a3555240f91dd8e.jpg Acesso em 25 de janeiro de 2024.</p>	https://youtu.be/Ib952Ir6YIM

Autoria da proposta: Rocha (2024).

22. Quilombo/Quilombola

São grupos étnico-raciais segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. (Brasil, 2003).

Figura 29 - Sinal QUILOMBO/QUILOMBOLA.



Fonte: Elaboração própria.

Ficha terminográfica 22 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 22	
Termo: Quilombo/Quilombola	Sinal-termo em Libras
 <p style="font-size: small; text-align: center;">As comunidades quilombolas mantêm as tradições de seus antepassados, como a de dançar o Jongo. (foto: Acervo Koinonia)</p>	
Definição do termo	QR Code
<p>Eram comunidades de fugitivos – que existiram não somente no Brasil, mas também em outros países da América Latina que receberam escravos africanos nos séculos 16 a 19 – só que, nesses lugares, ganharam um nome diferente. Na Colômbia, por exemplo, foram conhecidos como palenques – seus descendentes ainda hoje estão presentes em várias comunidades nesse país, como a de São Basílio. Já na Venezuela, ganharam o nome de cumbes. E tinham outros apelidos em países como Cuba, Jamaica, Equador, Suriname, México. No Brasil, quilombos e mocambos existiram aos milhares, de norte a sul. Eles acompanharam, no século 16, a montagem de engenhos e casas-grandes no Nordeste açucareiro, passando pelas fazendas de gado e lavouras de arroz e algodão, alcançando as áreas de mineração em Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais, até surgirem as fazendas cafeeiras de São Paulo e Rio de Janeiro, no século 19.</p> <p>https://chc.org.br/acervo/do-quilombo-ao-quilombola/ Acesso em 25 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
<p>https://chc.org.br/acervo/do-quilombo-ao-quilombola/ Acesso em 25 de janeiro de 2024.</p>	<p>https://youtu.be/Z_BxDZhMPow</p>

Autoria da proposta: Rocha (2024).

23. Racismo Estrutural

O racismo é a discriminação com base na ideia de hierarquia entre raças. Enxergar esse preconceito como parte estruturante da vida social quer dizer que o racismo não está só em violências físicas ou diretas, mas também atravessa o inconsciente coletivo afetando as dimensões econômicas, políticas e subjetivas da sociedade. Assim, entende-se que o racismo constitui as relações moldando um padrão de normalidade para a segregação racial²².

Figura 30 - Sinal RACISMO ESTRUTURAL.



Fonte: Elaboração própria.

²²Disponível em: https://noticias.ufsc.br/files/2017/10/Gloss%C3%A1rio_vers%C3%A3ointerativa.pdf

Ficha terminográfica 23 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 23	
Termo: Racismo Estrutural	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>O racismo é a discriminação com base na ideia de hierarquia entre raças. Enxergar esse preconceito como parte estruturante da vida social quer dizer que o racismo não está só em violências físicas ou diretas, mas também atravessa o inconsciente coletivo afetando as dimensões econômicas, políticas e subjetivas da sociedade. Assim, entende-se que o racismo constitui as relações moldando um padrão de normalidade para a segregação racial.</p> <p>https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/glossario-terminos-entender-movimento-negro https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/glossario-terminos-entender-movimento-negro Acesso em 25 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
https://web.facebook.com/SenadoFederal/photos/ Acesso em 25 de janeiro de 2024.	https://youtu.be/V3cKnxw1fPo

Autoria da proposta: Rocha (2024).

24. Representatividade Negra Surda

O termo "representatividade" significa representar politicamente os interesses de determinado grupo, classe social ou de um povo. Ou seja, não é apenas aparecer numa propaganda ou na bancada de um jornal, na novela das 9h ou na nossa série preferida, embora também seja muito importante. Representatividade é muito mais, é estar nos espaços de decisão, ter o poder de mudar e de fazer com que outras pessoas como você também tenham poder de decisão. Representatividade é ir lá e mudar as estruturas de poder por dentro²³. Diante disso, a reflexão proposta está voltada para a Comunidade preta Surda e suas especificidades.

Figura 31 - Sinal REPRESENTATIVIDADE NEGRA SURDA.



Fonte: Elaboração própria.

²³ Disponível em: <https://push.com.br/post/representatividade-x-representacao-entenda-a-diferenca-e-a-importancia>

Ficha terminográfica 24 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 24	
Termo: Representatividade Negra Surda	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>Representatividade negra Surda, também conhecida como representatividade racial, refere-se à importância de incluir e destacar indivíduos e vozes da comunidade negra Surda em diversos setores da sociedade, como mídia, política, cultura, educação, negócios e outras áreas. O termo destaca a necessidade de garantir que pessoas de ascendência africana Surdas sejam visíveis, ouvidas e respeitadas em espaços onde historicamente foram marginalizadas ou sub-representadas. A representatividade negra Surda busca combater a discriminação, o preconceito e a exclusão que as pessoas negras Surdas enfrentaram e ainda enfrentam em muitos lugares do mundo. Ela é fundamental para criar uma sociedade mais justa, equitativa e inclusiva, onde todas as pessoas, independentemente de sua origem étnica, possam desfrutar de oportunidades iguais e serem tratadas com dignidade. *Texto adaptado.</p> <p>https://www.santocaos.com.br/representatividade-negra/ Acesso em 26 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
<p>https://agenciamural.org.br/surdo-de-nascenca-edinho-faz-poesia-com-a-lingua-de-sinais/ Acesso em 25 de janeiro de 2024.</p>	<p>https://youtu.be/IIMSD50Edj4</p>

Autoria da proposta: Rocha (2024).

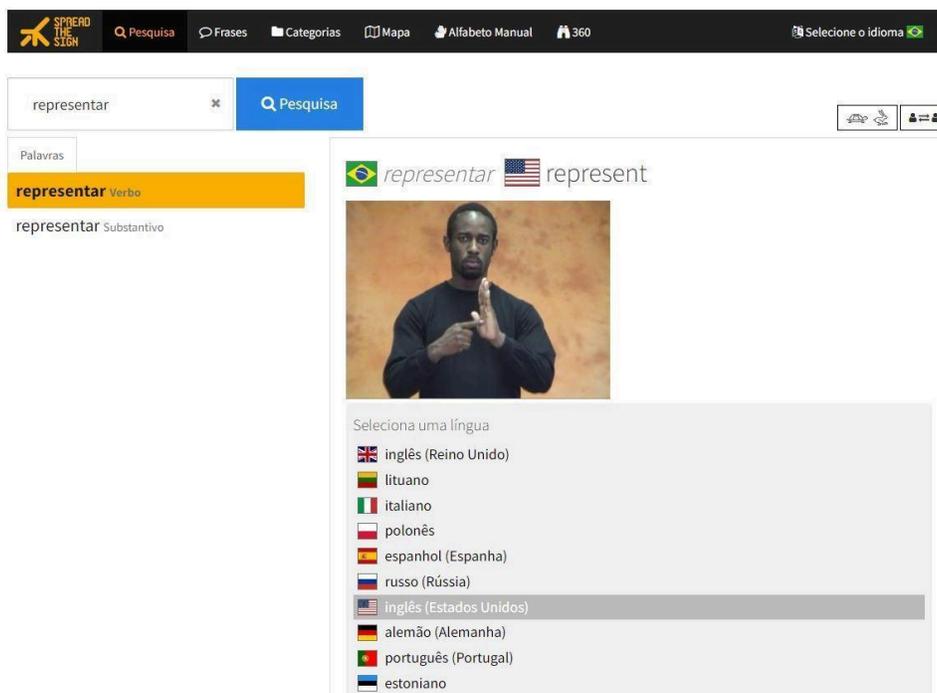
Figura 32 - Variante do Sinal-termo: REPRESENTATIVIDADE NEGRA SURDA (2).

The screenshot shows the interface of the 'Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011'. At the top, it features the 'LIBRAS' logo and the title. Below this is a search bar with options for 'Palavra', 'Exemplo', 'Acepção', and 'Assunto'. The search term 'REPRESENTAR' is entered. To the right, there are sorting options: 'Alfabetica', 'Por assunto', and 'Mão', with 'Mão' selected. A navigation bar lists letters from A to Z. The main content area is divided into several sections: 'Assuntos' (empty), 'Palavras' (a dropdown menu with 'REPRESENTAR' selected), 'Mão' (a photo of a hand in the sign position), 'Vídeo' (a video of a person making the sign), 'Acepção' (definition: 'Participar de uma atividade em nome de uma empresa ou de uma autoridade.'), 'Exemplo' (text: 'Você pode me representar depois de amanhã, no encontro dos surdos?'), 'Exemplo Libras' (text: 'AMANHÃ DEPOIS TER ENCONTRO SURD@ VOCÊ REPRESENTAR PODER?'), 'Classe Gramatical' (text: 'VERBO'), 'Origem' (text: 'nacional'), and 'Imagem' (a small icon of the sign). At the bottom, there is a footer with the 'Acessibilidade Brasil' logo and website URL, and a link for 'créditos - libras em cd'.

Fonte: Acessibilidade Brasil.

O Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011 - apresenta a proposta do termo REPRESENTAR, sua acepção, seu contexto de uso, mão atuante na realização do sinal, vídeo do sinal e imagem. É um dicionário que atende de forma significativa aos usuários em função de suas várias entradas.

Figura 33 - Variante do Sinal-termo: REPRESENTATIVIDADE NEGRA SURDA (3) – ASL.



Fonte: Spread the sign.

Há uma proposta encontrada no site Spread the Sign em Língua de Sinais Americana - *American Sign Language* - ASL - para o sinal REPRESENTAR em que utiliza-se a mão dominante e a mão de apoio para a realização do sinal. Não há registro de proposta para o referido sinal em Língua de Sinais Brasileira - Libras.

25. Segregação Racial

Ato de isolar, separar e impedir o acesso de um determinado grupo racial a direitos estatais, circulação em espaços públicos ou privados. Esta ação pode ser institucional, como no *Apartheid* (na África do Sul), ou partir de parte da população (Universidade Federal de Santa Catarina, 2017).

Figura 34 - Sinal SEGREGAÇÃO RACIAL.



Fonte: Elaboração própria.

Ficha terminográfica 25 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 25	
Termo: Segregação Racial	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>"A segregação racial consiste na separação de determinado grupo social por conta de suas características físicas, seu fenótipo. Essa prática é baseada em ideários higienistas, que classificam a humanidade em raças, atrelando traços culturais, intelectuais e habilidades a fatores biológicos e genéticos. A eugenia gerou muitas catástrofes ao longo da história — guerras, colonizações, escravidão, genocídio — como o nazismo, que exterminou mais de oito milhões de pessoas, entre judeus, ciganos, negros, homossexuais." https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/segregacao-racial.htm Acesso em 26 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/segregacao-racial.htm Acesso em 26 de janeiro de 2024.	https://youtu.be/wvmRAD_bVGk

Autoria da proposta: Rocha (2024).

26. Transição Capilar

É a fase em que uma pessoa (negra ou não) deixa de alisar o cabelo por meio de processos químicos para assumir seu cabelo natural, seja ele ondulado, cacheado, crespo. Essa é uma fase importante para o movimento negro, já que indica assumir características específicas do seu corpo e ter orgulho delas. Por muito tempo, o cabelo não-liso era considerado feio e, por isso, deveria ficar escondido. Dentro dessa questão, também é muito comum ouvir falar sobre o BC ou big chop, termo em inglês, que significa “grande corte”, o momento em que a pessoa que está na transição capilar retira todo o cabelo com química, deixando apenas seu cabelo natural.

Figura 35- Sinal TRANSIÇÃO CAPILAR.



Fonte: Elaboração própria.

Ficha terminográfica 26 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 26	
Termo: Transição Capilar	Sinal-termo em Libras
Definição do termo	QR Code
<p>é a fase em que uma pessoa (negra ou não) deixa de alisar o cabelo através de processos químicos para assumir seu cabelo natural, seja ele ondulado, cacheado ou crespo. Essa é uma fase importante para o movimento negro, já que indica assumir características específicas do seu corpo e ter orgulho delas. Por muito tempo, o cabelo não-liso era considerado feio e, por isso, deveria ficar escondido. Dentro dessa</p>	

<p>questão, também é muito comum ouvir falar sobre o BC ou big chop, termo em inglês, que significa “grande corte”, o momento em que a pessoa que está na transição capilar retira todo o cabelo com química, deixando apenas seu cabelo natural.</p> <p>https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/glossario-terminos-entender-movimento-negro/ Acesso em 26 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
Arquivo pessoal da autora.	https://youtu.be/deDv4dKpQdw

Autoria da proposta: Rocha (2024)

27. Zumbi dos Palmares

Zumbi dos Palmares foi um líder antiescravista e antirracista que permaneceu à frente do Quilombo de Palmares entre 1678 e 1694, ano em que foi assassinado em uma emboscada²⁴.

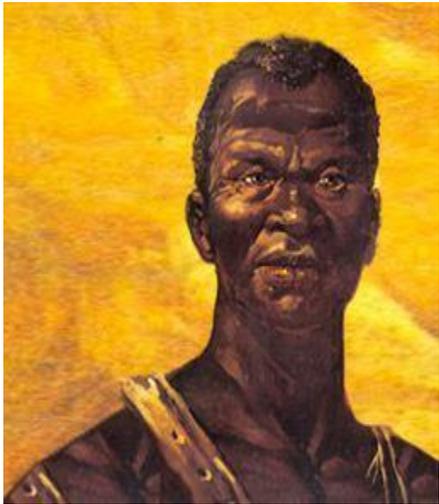
Figura 36 - Sinal ZUMBI DOS PALMARES.



Fonte: Elaboração própria.

²⁴Disponível em: <https://sites.usp.br/gepim/consciencia-negra-e-o-legado-de-zumbi-dos-palmares/>

Ficha terminográfica 27 - Léxico alfabético bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) de termos no campo de discussões étnico-raciais.

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO: 27	
Termo: Zumbi dos Palmares	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>"Zumbi dos Palmares foi um dos líderes do maior quilombo que já existiu no Brasil: o Quilombo dos Palmares. Zumbi é enxergado por muitos, hoje, como um dos símbolos de resistência e luta dos africanos contra sua escravização no contexto do Brasil colonial. Foi morto no dia 20 de novembro de 1695, depois que seu esconderijo foi denunciado." https://brasilecola.uol.com.br/biografia/zumbi.htm Acesso em 26 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
https://www.sinpro-ba.org.br/novo/?p=2277 Acesso em 26 de janeiro de 2024.	https://youtu.be/zvY172uK7ME

Autoria da proposta: Rocha (2024).

Observamos que o site *Spread the Sign* não apresenta registro videográfico para o sinal-termo ZUMBI e o mesmo ocorre com o site *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011*. O Dicionário da Língua de Sinais do Brasil do autor Capovilla não apresenta registro para o sinal acima. O referido sinal foi coletado no site *Youtube* e em consultas feitas a pessoas pretas Surdas atuantes em discussões voltadas para a temática proposta.

2.6 Quarta etapa: Organização e envio dos vídeos em Libras

Na quarta etapa, irá ocorrer a organização e o envio dos vídeos da sinalização em Libras da área pesquisada ao site (*Youtube.com*) e a geração dos *QR Code* de suas respectivas URL's, organização e diagramação dos conteúdos para o Léxico Alfabético Bilíngue. Os vídeos serão enviados para essa plataforma com o propósito de divulgá-los e torná-los acessíveis. O site criará uma URL para cada vídeo, e com ela será gerado um *QR Code* pelo site *www.invertexto.com*. Vamos seguir o modelo de Léxico Visual Bilíngue dos sinais-termo proposto por Prometi (2020). Este produto foi desenvolvido no programa Microsoft PowerPoint (PPT). A utilização desse software permite trabalhar da seguinte maneira:

- 1º) inserimos imagens, fotos e vídeos;
- 2º) organizamos a estrutura do Léxico Bilíngue;
- 3º) caracterizamos as Configurações de mão (CMs);
- 4º) adicionamos os filetes (setas) dos termos em português e das imagens de CM, junto com o QR Code do objeto indicado;
- 5º) criamos um *layout* mais adequado aos modelos dos verbetes.

Vamos utilizar a blusa de cor preta no sinalizante voluntário para a gravação do sinal-termo. Quanto aos detalhes para a disposição do conteúdo, teremos o cuidado de gravar a sinalização do verbete em Libras de acordo com a regra específica para esse registro. Em outras palavras, a gravação dos verbetes ocorreu mediante o uso de cores de blusas diferentes por parte do sinalizante criado pela Profa. Dra. Patrícia Tuxi em sua tese de doutorado em 2017.

De acordo com a pesquisadora, a regra das cores das blusas para o registro dos verbetes dos sinais-termo possui uma finalidade particular: cada cor de camisa tem uma função específica na constituição do verbete tanto na macroestrutura quanto na microestrutura. Assim, vamos

replicar as quatro cores em nosso trabalho para a constituição do verbete em Libras. Nessa língua, a blusa preta é usada no registro da entrada do verbete, a blusa de cor verde é usada no registro da definição; a blusa amarela é usada no registro do contexto, a blusa de cor vermelha é usada no registro de variante, quando houver (Tuxi, 2017, p. 174).

2.7 Quinta etapa: Organização da macroestrutura do Léxico Alfabético Bilingue

Em regra, a organização da macroestrutura de um repertório bilíngue engloba a seleção de um conjunto de informações coletadas em obras terminográficas e/ou lexicográficas para servir de orientação de uso e de consulta dos usuários. Segundo Faulstich (1995),

A macroestrutura inclui, além dos verbetes, os textos que explicam ao usuário a composição da obra para fins de facilitação de consulta. Serve também para organizar o macro discurso do repertório, por meio do qual se identifica quem o elaborou, para quem e com que intenção. Não pode faltar a apresentação, porque nela aparece a composição da obra. (Faulstich, 1995, p. 10).

Assim sendo, a macroestrutura abrange todas as partes que compõem uma obra terminográfica e/ou lexicográfica, a saber: prefácio, introdução, especificações tanto para a forma de uso quanto para a ordem de registro, anexos, bibliografia e, caso existam, ilustrações, fotos e mapas. A respeito disso, Barros (2004, p. 151) resume que a macroestrutura corresponde “à organização interna da obra, composta de todas as informações pertinentes aos verbetes e sua organização”. Assim, a macroestrutura de nossa publicação apresenta as seguintes informações:

- a) Capa;
- b) Apresentação;
- c) Objetivo;
- d) Estrutura;
- e) Modo de Consulta;
- f) Equipes.

De acordo com Tuxi (2017), considerando as especificidades e organização da macro e da microestrutura, cada cor de blusa tem um significado para a gravação. Há quatro cores consideradas para a constituição do sinal-termo, a saber: a cor preta é usada no registro da

entrada do sinal-termo, o verde é usado no registro da definição; o amarelo é usado no registro do contexto e a de cor vermelha deve ser usada no registro de variante, se houver. Na macroestrutura, considerando a apresentação da obra, capa e equipe usa-se a cor branca.

2.8 Sexta etapa: Organização e estruturação da microestrutura para compor o Léxico Alfabético Bilingue de sinais-termo

A organização e estruturação da microestrutura para a composição do Léxico Bilingue constituem a parte interna desta pesquisa, representada pelo verbete que compreende um conjunto de informações. Faulstich (1995, p. 10) esclarece que a "microestrutura corresponde ao verbete pronto" e é o local "onde ocorre a organização dos dados" (Faulstich, 1995, p. 23).

Na ausência de definição ou contexto no repertório do Léxico Bilingue dos sinais-termo, o verbete é constituído por informações em duas línguas: português (termo) e Libras (sinal-termo). A organização da microestrutura do verbete para o Léxico Bilingue segue um método lexicográfico, visando descrever o léxico nas duas línguas mencionadas.

Nesse viés, o desafio do léxico bilíngue é particularmente relevante para os Surdos em programas de educação bilíngue, especialmente na educação dos Surdos ou em áreas especializadas em contexto bilíngue. Isso se deve à necessidade desses indivíduos adquirirem dois tipos de léxico: o escrito, para uso na leitura ou escrita, e o visual, representado pela Libras e repleto de fenômenos linguísticos.

Dessa forma, Salles et al (2004, p. 90) destacam que, nas relações comunicativas, o léxico desempenha papel fundamental, pois é nele que está contido o vocabulário. Faulstich (2012) ressalta a ampliação de vocabulário como um processo lexical, no qual o falante acrescenta unidades lexicais de áreas especializadas.

Prometi (2013, p. 29) categoriza o vocabulário em três tipos: vocabulário 1 (fundamental), vocabulário 2 (comum) e vocabulário 3 (técnico). Faulstich (2016, p. 14) destaca a importância de um lexicógrafo ser um linguista profundo na língua que irá descrever.

A elaboração de dicionários bilíngues, confrontando a escrita do português e a Libras, requer um cuidadoso processo. Em nossa pesquisa, o Léxico Alfabético Bilingue será estruturado na forma: Libras → português. Faulstich (2016, p. 17) enfatiza que a organização bilíngue deve

considerar duas modalidades diferentes de línguas, oral-auditiva (português) e visual-espacial (Libras).

A organização do Léxico Alfabético Bilingue demanda um modelo específico que atenda às necessidades dos usuários, conforme Faulstich (2016). A peculiaridade da língua visual exige uma descrição especializada, visto que a entrada na Libras é feita por sinais gravados por um surdo, enquanto a entrada no português ocorre pelo registro escrito. Por isso, a correta organização do Léxico Alfabético Bilingue assegura que os Surdos recebam informações de forma planejada, tanto em sua primeira língua (Libras) quanto na segunda língua (português) escrita.

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DO LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE

3.1 Introdução ao capítulo 4

O capítulo 4 desta dissertação adentra o cerne do estudo, apresentando uma análise detalhada da Macroestrutura e da Microestrutura do Léxico Alfabético Bilingue no contexto das discussões étnico-raciais. Esse capítulo é fundamental para compreender a estrutura e a organização do material lexicográfico, destacando pontos cruciais na concepção e implementação do Léxico. Iniciando com a apresentação da Macroestrutura do Léxico Alfabético Bilingue, em que delinearemos a visão ampla e organizacional dos termos abordados no campo de discussões étnico-raciais. Essa macroestrutura fornece um panorama geral, destacando conexões, categorias e relações entre os termos, enriquecendo a compreensão da complexidade dessas discussões. Na próxima seção, realizamos a apresentação da Microestrutura do Léxico Alfabético Bilingue. Aqui, exploraremos a parte mais interna e detalhada do material, analisando verbetes individuais que compõem o Léxico Alfabético Bilingue. Essa microestrutura revela as especificidades de cada termo, considerando definições, contextos e informações essenciais para uma compreensão profunda no campo étnico-racial. Lançamos considerações sobre a proposta do Léxico Alfabético Bilingue do campo de discussões étnico-raciais. Esse espaço será dedicado à reflexão crítica sobre as escolhas metodológicas, as abordagens lexicográficas e as implicações da proposta, ressaltando a importância do Léxico Alfabético Bilingue como ferramenta de acessibilidade, de educação e de promoção da diversidade. Descrevemos também a composição paramétrica dos sinais-termo da pesquisa. Aqui, detalharemos a seleção e a organização dos sinais em Libras, considerando elementos como expressividade, adequação cultural e representação fiel dos conceitos étnico-raciais. Essa análise contribuirá para uma compreensão aprofundada da construção visual e linguística dos termos abordados. Ao longo desse capítulo, será possível mergulhar nas funcionalidades do Léxico Alfabético Bilingue compreendendo não apenas sua estrutura formal, mas também a essência e a intencionalidade por trás de cada termo. Com isso, este estudo promete fornecer uma visão abrangente e crítica do material lexicográfico desenvolvido, enriquecendo a compreensão das discussões étnico-raciais por meio da lente da linguagem e da acessibilidade.

3.2 Apresentação da Macroestrutura do Léxico Alfabético Bilingue

A apresentação da macroestrutura do Léxico Alfabético Bilingue - (Libras/Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais é um passo significativo para a promoção da inclusão e da igualdade de direitos para a comunidade surda afrodescendente. Esse recurso linguístico busca preencher uma lacuna importante, oferecendo uma ferramenta acessível e abrangente para a comunicação e expressão de conceitos relacionados à diversidade étnico-racial tanto na Língua de Sinais Brasileira (Libras) quanto em língua portuguesa.

A macroestrutura desse léxico alfabético bilingue é organizada de forma a facilitar o acesso e a busca por termos específicos dentro do campo de discussões étnico-raciais. Os termos são agrupados de acordo com categorias temáticas relevantes, como identidade racial, discriminação, resistência, cultura afro-brasileira, entre outras. Essa organização permite que os usuários encontrem rapidamente os sinais correspondentes às palavras que desejam expressar ou compreender, promovendo uma comunicação mais fluida e eficaz.

É importante ressaltar que a elaboração e a disponibilização desse recurso linguístico são fruto de um esforço colaborativo e interdisciplinar, envolvendo especialistas em linguística, pesquisadores do campo étnico-racial, educadores Surdos e membros da comunidade surda afrodescendente. Essa abordagem colaborativa garante que o Léxico Alfabético Bilingue atenda às necessidades e expectativas da comunidade Surda, garantindo sua relevância e utilidade prática.

A apresentação da macroestrutura do Léxico Alfabético Bilingue - (Libras/Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais representa um avanço significativo na promoção da inclusão e da acessibilidade linguística para a comunidade Surda afrodescendente. Esse recurso linguístico contribui para ampliar o acesso ao conhecimento, fortalecer a identidade cultural e promover uma maior conscientização sobre as questões étnico-raciais na sociedade brasileira.

A Lexicografia tem se preocupado com a necessidade de propor dicionários que forneçam as informações de que os consulentes precisam, privilegiando as estratégias de consulta que realizam (Zacarias, 2018).

A apresentação da Macroestrutura do Léxico Alfabético Bilíngue de discussões de termos étnico-raciais em Libras representa um avanço significativo no campo da Linguística das línguas de sinais e nos estudos sociais, proporcionando uma base sólida e acessível para a compreensão e abordagem de questões relacionadas à diversidade étnico-racial. Esse léxico, cuidadosamente elaborado, visa enriquecer o diálogo sobre temas sensíveis, promovendo uma comunicação efetivamente inclusiva para a Comunidade Surda.

Dessa maneira, assumimos a definição de Rey-Debove (1971, p. 21) de que a macroestrutura é o “conjunto de entradas de acordo com uma leitura vertical como tudo aquilo que tem a ver com a progressão vertical do dicionário em resposta às perguntas: i) quantas unidades devem constituir o conjunto de entradas ordenadas? ii) Que tipo de unidades constituem ou podem constituir esse conjunto de entradas ordenadas? iii) Como dispor esse conjunto de entradas ordenadas? iv) Como resolver o problema da escolha entre formas mais legitimadas frente a outras menos legitimadas?.”

A estrutura alfabética do Léxico Alfabético Bilíngue facilita a busca e a localização de termos específicos, tornando-o uma ferramenta prática para estudiosos, educadores, ativistas e qualquer pessoa interessada em aprofundar seu entendimento sobre os sinais-termo em Libras relacionados a questões étnico-raciais. Ao oferecer uma abordagem bilíngue, o léxico promove a acessibilidade global, permitindo que indivíduos de diferentes origens linguísticas participem das discussões de maneira mais efetiva.

Cada entrada no Léxico Alfabético Bilíngue não se limita apenas à definição superficial, mas busca contextualizar e explorar as nuances e evoluções dos termos étnico-raciais ao longo do tempo. Isso inclui considerações históricas, culturais e sociopolíticas, oferecendo uma compreensão mais holística e informada. Além disso, a Macroestrutura destaca a importância de abordar termos étnico-raciais com sensibilidade, evitando estigmatização e promovendo a aceitação da diversidade.

A inclusão de discussões sobre os termos étnico-raciais no formato bilíngue não apenas amplia o alcance do Léxico da Libras, mas também incentiva a troca de conhecimentos entre diferentes comunidades linguísticas. Isso é essencial para construir pontes e promover uma compreensão mútua, fundamental na luta contra estereótipos e preconceitos.

A Macroestrutura do Léxico Alfabético Bilíngue de discussões de termos étnico-raciais não apenas oferece uma compilação abrangente de vocabulário, mas também representa um

passo importante em direção a uma comunicação mais inclusiva e respeitosa. Ao proporcionar recursos para uma discussão mais informada e sensível, esse léxico contribui significativamente para a promoção da igualdade e do entendimento nas interações linguísticas e sociais.

A macroestrutura de nosso Léxico Alfabético Bilingue apresenta as seguintes informações: a) Capa, b) Folha de rosto, c) Sumário, d) Apresentação, e) Estrutura ou organização do sinal-termo, f) Público do léxico, g) Equipe de produção.

Segue-se a apresentação desses elementos da macroestrutura:

a) Capa



Fonte: Rocha (2024)²⁵

²⁵ Fonte de imagem inferior disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Punho_erguido

A capa é a “parte externa” do Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais e permite a identificação rápida dos principais dados da nossa obra:

- Nome da autora: Eliene da Rocha Gonçalves dos Santos
- Título do Léxico Alfabético Bilíngue: Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais
- Ano de elaboração: 2024.

Pontuamos, novamente, que o Léxico é organizado em ordem alfabética e bilíngue, pois traz os verbetes em Língua Portuguesa e em Libras.

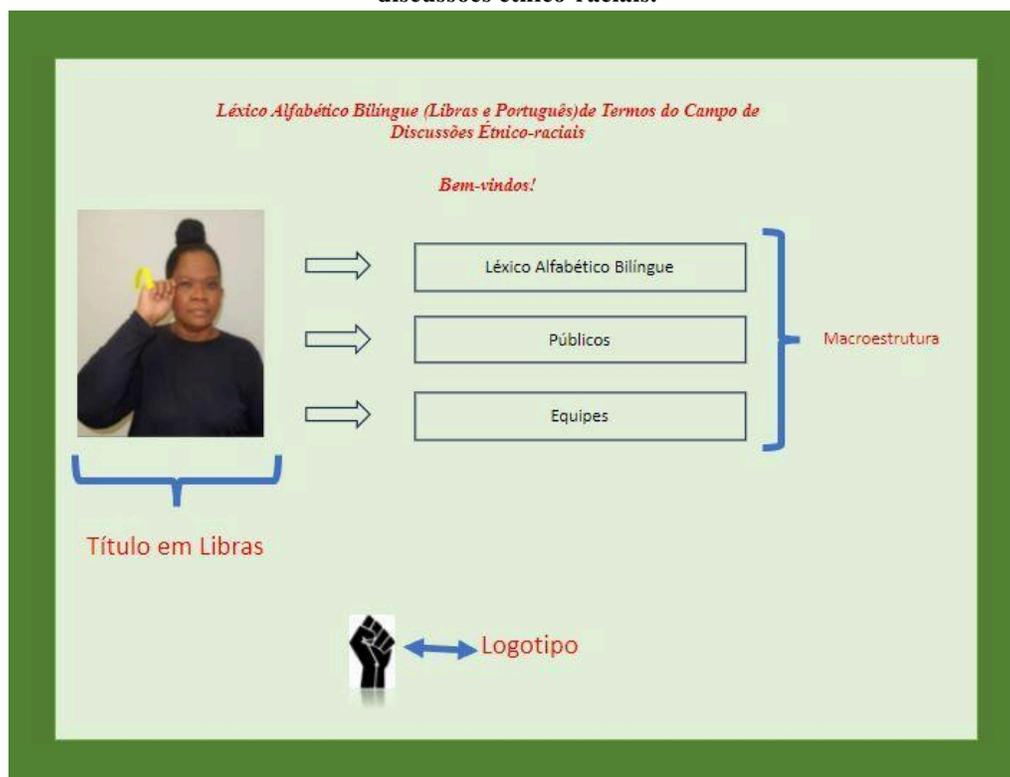
b) Folha de rosto

A figura 37, a seguir, mostra a folha de rosto do Léxico Alfabético Bilíngue, um elemento da parte interna do Léxico Alfabético Bilíngue, com os seguintes dados:

- Nome da autora: Eliene da Rocha Gonçalves dos Santos
- Título do Léxico Alfabético Bilíngue: Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais
- Local da divulgação (cidade e estado)
- Ano de elaboração: 2023.

Nesta folha de rosto, indicamos com setas os nomes de cada dado para facilitar a leitura do leitor que tem pouca familiaridade com uma proposta de obra lexicográfica.

Figura 37 - Folha de rosto do Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais.



Fonte: Rocha (2024)²⁶.

c) Sumário

Propomos na se o sumário apresentar o Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais enumerados visando facilitar as buscas dos leitores.

d) Apresenta o

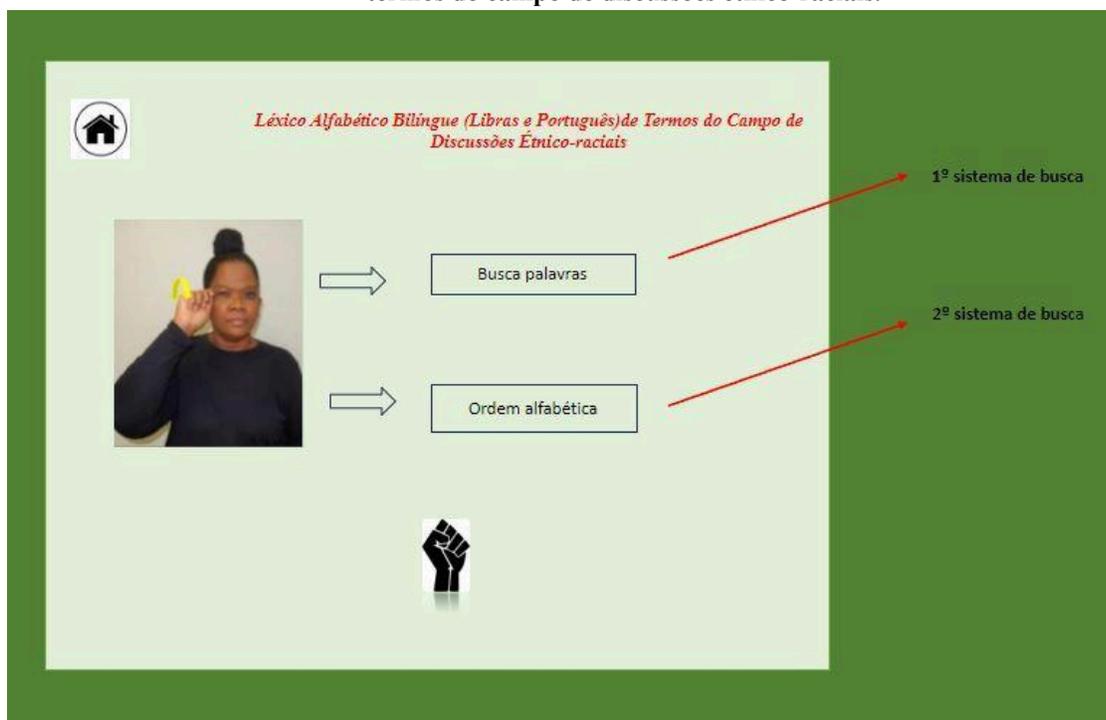
A proposta nesta se o é apresentar de forma sucinta o Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português), sua finalidade, os sinais-termo do campo de discussões étnico-raciais e suas estruturas organizacionais.

²⁶ Fonte de imagem inferior disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Punho_erguido

e) Estrutura ou organização do sinal-termo

Apresentamos nesta seção como buscar o termo, o sinal em Libras, definição em português e seu respectivo link.

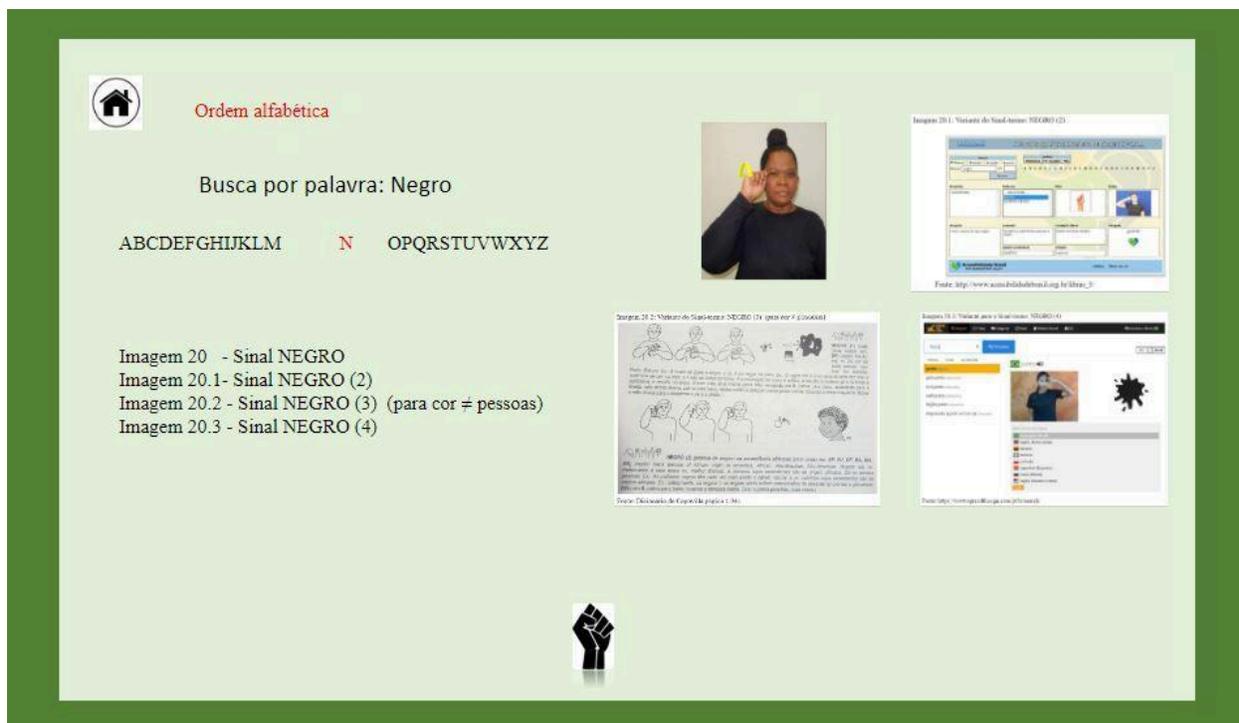
Figura 38 - Estrutura organizacional do sinal-termo do Léxico Alfabético Bilingue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais.



Fonte: Rocha (2024)²⁷

²⁷Fonte de imagem inferior disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Punho_erguido

Figura 39 - Sistema de busca por ordem alfabética de sinal-termo iniciado com a letra N em português do sinal-termo do Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais.



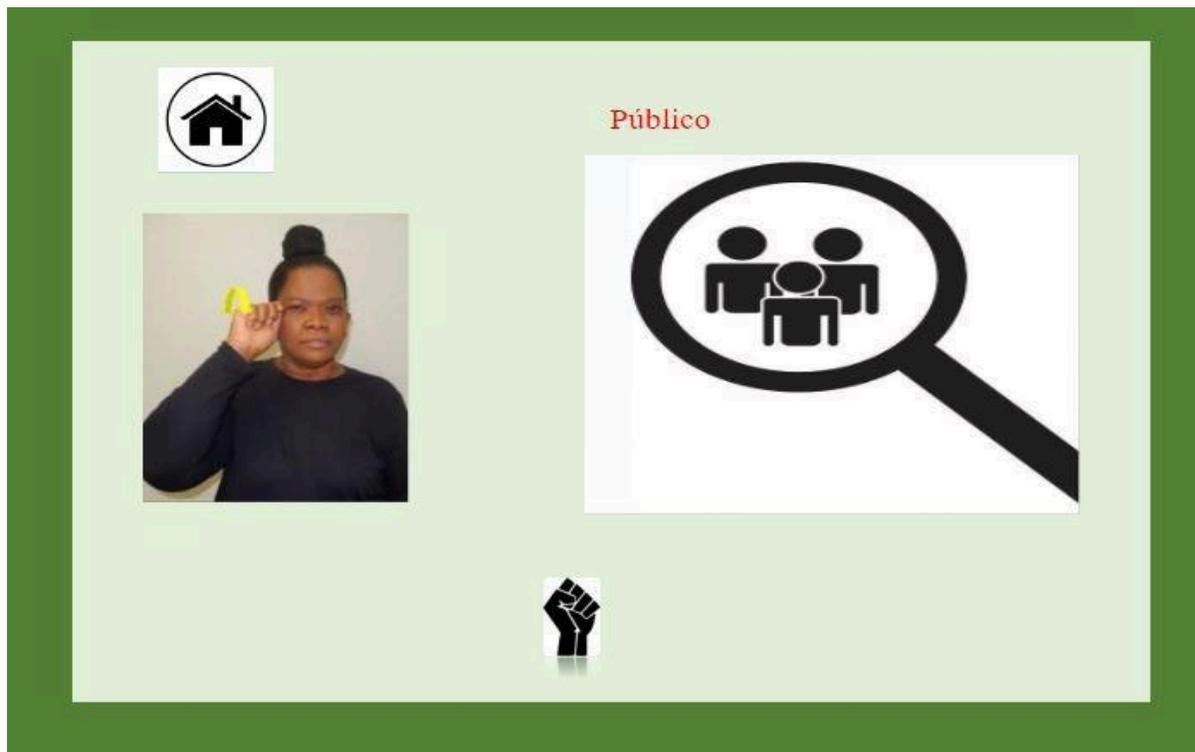
Fonte: Rocha (2024)²⁸

f) Público do léxico

O público-alvo da presente pesquisa foi pensado visando, inicialmente, estudantes Surdos negros do curso de licenciatura em Língua de Sinais Brasileira-Português como Segunda Língua na Universidade de Brasília, estendendo-se também a pessoas que fazem uso da Língua de Sinais, como primeira ou segunda língua, estudantes, intérpretes e pessoas que tenham interesse na área.

²⁸ Fonte de imagem inferior disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Punho_erguido

Figura 40 - Público-alvo do Léxico Alfabético Bilingue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais.



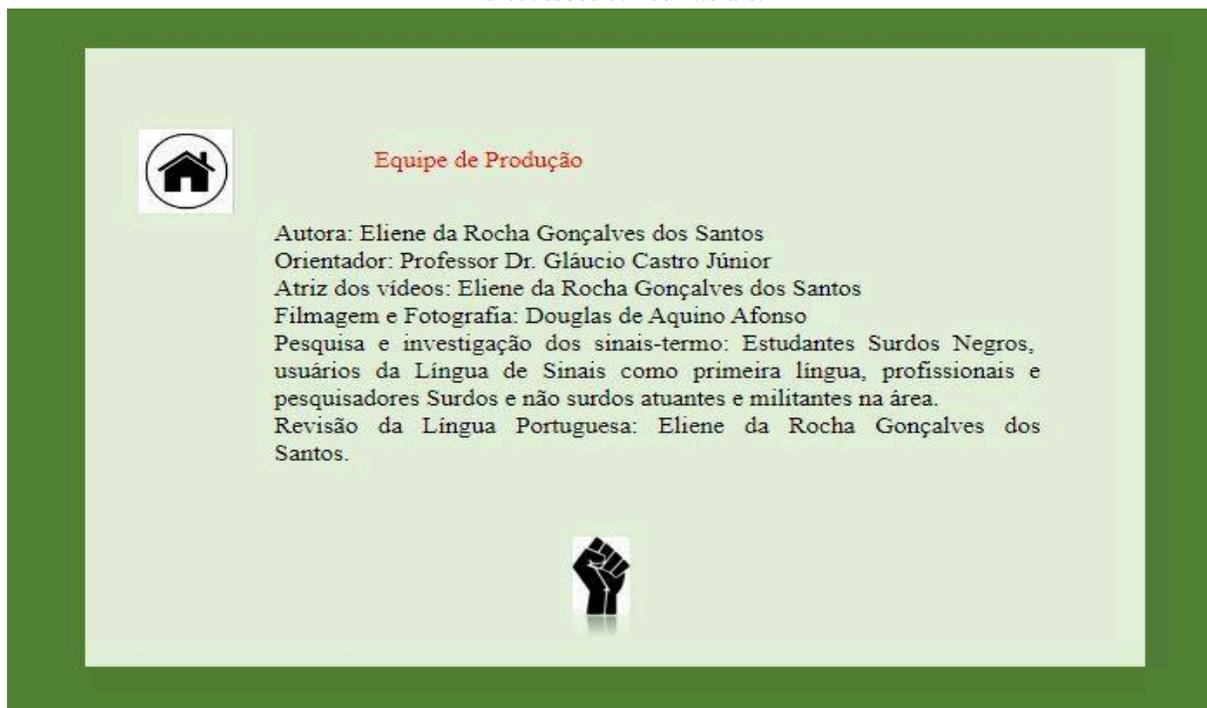
Fonte: Rocha (2024)²⁹

g) Equipe de produção

A equipe de produção da presente pesquisa contou com o apoio de professores e profissionais da área de Libras, Língua Portuguesa e de outros departamentos da Universidade de Brasília-UnB, graduandos Surdos que nos auxiliaram na pesquisa dos sinais-termo da área pesquisada. Contamos também com o apoio e colaboração do professor-orientador Surdo e também do professor Surdo que nos apoiou nas fotografias, filmagens e edição de vídeos.

²⁹Fonte de imagem inferior disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Punho_erguido e <https://pt.vecteezy.com/arte-vetorial/7160056-pesquisa-pessoas-icone-lupa-vidro-pesquisa-pessoas>

Figura 41 - Equipe de Produção do Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais.



Fonte: Rocha (2024)³⁰

Dessa forma, Miranda (2007) afirma que a macroestrutura está relacionada ao universo léxico do dicionário, à ordenação e ao tratamento da nominata. Para Damim (2005), a homogeneidade da macroestrutura de um dicionário facilita a sua consulta, pois o consulente pode saber quais palavras encontrará ou não na obra pesquisada e o lexicógrafo pode controlar melhor os resultados do seu trabalho.

3.3 Apresentação da Microestrutura do Léxico Alfabético Bilingue

Além da macroestrutura, segundo Ferreira (2004), “um dicionário deve definir também como se organiza cada um dos verbetes, que formas fixas e variáveis eles devem apresentar. Essa decisão define a microestrutura da obra lexicográfica”. Miranda (2007) afirma que são problemas próprios do plano microestrutural de dicionários os “aspectos relativos ao comentário de forma, o comentário etimológico, etc.”.

³⁰ Fonte de imagem inferior disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Punho_erguido

Ademais, a apresentação da microestrutura do Léxico Alfabético Bilingue é fundamental para compreendermos a organização e a riqueza lexical de uma língua sob a perspectiva de duas diferentes línguas. Esse tipo de léxico é um recurso linguístico valioso, pois oferece uma visão abrangente das palavras e expressões utilizadas em dois idiomas, proporcionando aos usuários uma ferramenta eficaz para a compreensão e a comunicação eficiente em ambas as línguas.

A estrutura de um Léxico Alfabético Bilingue é geralmente organizada de maneira sistemática, seguindo a ordem alfabética de ambas as línguas. Isso significa que as palavras são dispostas em ordem alfabética de acordo com as letras iniciais em ambas as línguas, facilitando a busca e a localização rápida de termos específicos. Essa organização facilita a consulta e torna o léxico uma ferramenta prática para estudantes, tradutores, linguistas e qualquer pessoa envolvida na comunicação intercultural.

Cada entrada no léxico bilingue normalmente inclui informações essenciais, como a tradução equivalente na outra língua, a pronúncia fonética, a categoria gramatical, e, em alguns casos, os exemplos de uso contextual. Esses elementos fornecem um contexto mais amplo para a compreensão do significado e da aplicação das palavras em ambos os idiomas, contribuindo para uma compreensão mais profunda e precisa.

Além disso, a microestrutura do léxico bilingue pode incluir indicações de nuances culturais e variações regionais, enriquecendo ainda mais a compreensão do usuário sobre o uso apropriado das palavras em diferentes contextos. Essas nuances são particularmente importantes em línguas em constante evolução, em que as mudanças culturais e sociais podem influenciar significativamente o significado e o uso das palavras ao longo do tempo.

A apresentação da microestrutura do Léxico Alfabético Bilingue é fundamental para a compreensão detalhada e aprofundada da riqueza vocabular da Língua de Sinais Brasileira (Libras). Esse tipo de recurso linguístico oferece uma organização metódica e sistemática dos sinais utilizados na Libras, permitindo que estudantes, pesquisadores, professores e usuários da língua tenham acesso a um amplo espectro de termos e expressões em um formato acessível e de fácil consulta.

Nesse viés, a microestrutura do Léxico Alfabético Bilingue compreende a análise minuciosa de cada sinal em Libras, incluindo sua forma de configuração de mão, movimento, ponto de articulação, expressão facial e uso contextual. Essa abordagem detalhada é essencial

para uma compreensão abrangente do significado e da utilização de cada sinal, levando em consideração sua semântica, pragmática e aspectos socioculturais associados.

A apresentação da microestrutura do Léxico Alfabético Bilingue é essencial para a compreensão aprofundada da riqueza vocabular da Libras. Esse tipo de recurso linguístico contribui significativamente para o desenvolvimento e o aprimoramento da competência linguística em Libras, além de promover a valorização e o reconhecimento da língua como um elemento fundamental da identidade e da cultura surda.

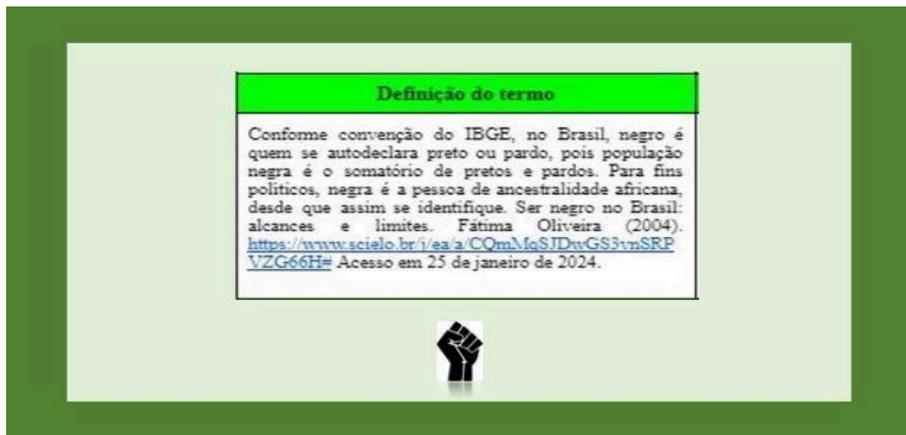
Figura 42 - Sinal-termo para negro do Léxico Alfabético Bilingue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais.

Imagem 20 - Sinal NEGRO
 Imagem 20.1- Sinal NEGRO (2)
 Imagem 20.2 - Sinal NEGRO (3) (para cor ≠ pessoas)
 Imagem 20.3 - Sinal NEGRO (4)

Fonte: Rocha (2024)³¹.

³¹ Fonte de imagem inferior disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Punho_erguido

Figura 43 - Sistema de definição em português para o termo negro em Português do Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais.



Fonte: Rocha (2024)³²

Para melhor visualização da organização da microestrutura desse léxico, trouxemos novamente uma ficha terminológica para compreender todo o processo de organização de elaboração de um léxico bilíngue. Nesse exemplo, trouxemos o sinal-termo NEGRO.

³² Fonte de imagem inferior disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Punho_erguido

Figura 44 - Sinal-termo para negro (Ficha Terminográfica) do Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais.

Ficha Terminográfica número 20

FICHA TERMINOGRÁFICA - LÉXICO ALFABÉTICO BILÍNGUE (LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA) DE TERMOS NO CAMPO DE DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS - FICHA NÚMERO:	
Termo: Negro	Sinal-termo em Libras
	
Definição do termo	QR Code
<p>Conforme convenção do IBGE, no Brasil, negro é quem se autodeclara preto ou pardo, pois população negra é o somatório de pretos e pardos. Para fins políticos, negra é a pessoa de ancestralidade africana, desde que assim se identifique. Ser negro no Brasil: alcances e limites. Fátima Oliveira (2004). https://www.scielo.br/jea/a/CQmMqSJDwGS3vnSRPVZG66H# Acesso em 25 de janeiro de 2024.</p>	
Fonte da imagem	Link do vídeo
<p>https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/escolas/7-ativistas-do-movimento-negro-que-voce-precisa-conhecer Acesso em 24 de janeiro de 2024.</p>	https://youtu.be/RJLzeUZkvIk

Autoria da proposta: Rocha (2024)

Fonte: Rocha (2024).

3.4 Considerações sobre a proposta do Léxico Alfabético Bilíngue

A proposta do Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de termos do campo de discussões étnico-raciais representa uma iniciativa inovadora e crucial para a promoção da inclusão e compreensão mútua entre a comunidade surda e ouvinte. Este léxico visa criar pontes linguísticas e culturais entre a Língua de Sinais Brasileira (Libras) e o Português, especialmente no contexto das discussões étnico-raciais, um tema de importância central na sociedade contemporânea.

O dicionário, segundo Biderman (2004, p.185), guarda consigo o “acervo lexical da cultura”, seu registro, trazendo à tona aquilo que a nossa memória não é capaz de preservar. Assim, o dicionário funciona como uma “memória lexical de uma sociedade”. Ele constitui “uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua” (Biderman, 2001, p.131), mas, acima de tudo, ele é um produto linguístico e um instrumento de gramatização (Auroux, 1992).

A microestrutura desse léxico é concebida para oferecer uma visão abrangente e acessível dos termos relacionados às questões étnico-raciais, contemplando tanto a perspectiva linguística quanto a cultural. As entradas incluem não apenas a tradução literal entre Libras e Português, mas também nuances semânticas e culturais específicas de cada termo. Dessa forma, busca-se garantir que a comunicação não apenas ocorra de maneira eficiente, mas também respeitando as especificidades culturais presentes em ambos os idiomas.

A proposta do Léxico Alfabético Bilíngue destaca-se por sua abordagem inclusiva, reconhecendo a importância da diversidade étnico-racial e cultural. A incorporação de termos específicos relacionados a discussões étnico-raciais não apenas enriquece o léxico, mas também contribui para uma compreensão mais profunda e sensível das questões abordadas.

A relevância dessa proposta vai além da esfera linguística, alcançando a esfera social. A inclusão de termos relacionados a discussões étnico-raciais possibilita uma participação mais ativa e informada da comunidade surda em diálogos que moldam a compreensão coletiva sobre diversidade e igualdade. Além disso, fomenta o respeito pela diversidade cultural e promove a valorização da riqueza presente nas diferentes manifestações linguísticas e culturais.

Considerando o papel fundamental da linguagem na construção de identidades e na promoção de diálogos interculturais, a proposta do Léxico Alfabético Bilíngue no contexto de

discussões étnico-raciais é uma iniciativa relevante e necessária. Ao facilitar a comunicação e a compreensão mútua, esse léxico contribui para o fortalecimento dos laços entre as comunidades surda e ouvinte, promovendo, assim, uma sociedade mais inclusiva e consciente de sua diversidade.

3.5 Descrição da composição paramétrica dos sinais-termo da pesquisa

A composição paramétrica dos sinais-termo na pesquisa sobre o tema do "Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de Termos do Campo de Discussões Étnico-Raciais" desempenha um papel crucial na compreensão e representação precisa das nuances linguísticas e culturais presentes nesse contexto. A análise detalhada dos parâmetros utilizados na elaboração dos sinais-termo destaca a complexidade e a riqueza da linguagem na interseção entre Libras e o Português, particularmente quando se trata de temas sensíveis como discussões étnico-raciais.

Um dos principais parâmetros a serem considerados é o espaço, que na Libras desempenha um papel fundamental na expressão de relações espaciais entre os sinais. Na representação de termos relacionados a discussões étnico-raciais, o uso cuidadoso do espaço pode ser essencial para transmitir a proximidade ou distância entre conceitos, refletindo as nuances das relações interculturais presentes nesse campo.

Outro parâmetro importante é a configuração de mão, que se refere à forma como as mãos são moldadas para expressar um determinado sinal. Na pesquisa sobre o léxico alfabético bilíngue, a escolha específica de configurações de mão pode ser utilizada para enfatizar características culturais específicas ou para transmitir a natureza emotiva e impactante de certos termos relacionados a discussões étnico-raciais.

O movimento, como parâmetro, é crucial na Libras para transmitir dinamismo e temporalidade. Na abordagem de termos que abordam questões étnico-raciais, o movimento pode ser empregado para representar a evolução e a transformação dessas discussões ao longo do tempo, proporcionando uma perspectiva mais abrangente e histórica.

A expressão facial e corporal são parâmetros adicionais que desempenham um papel significativo na composição paramétrica dos sinais-termo. A expressão facial na Libras é rica em nuances e pode transmitir emoções, atitudes e intenções. A pesquisa sobre o léxico bilíngue pode

explorar o potencial desses parâmetros para enriquecer a representação dos termos étnico-raciais, considerando a importância das emoções e atitudes na comunicação eficaz.

A descrição da composição paramétrica dos sinais-termo na pesquisa sobre o *Léxico Alfabético Bilingue (Libras e Português) de Termos do Campo de Discussões Étnico-Raciais* é essencial para uma compreensão aprofundada da complexidade linguística e cultural envolvida. A análise cuidadosa desses parâmetros contribui para a construção de um léxico que não apenas traduz palavras, mas que também capta as nuances e a riqueza das discussões étnico-raciais, promovendo assim uma comunicação mais eficaz e sensível.

CAPÍTULO 5 – Discussões acerca do Léxico Alfabético Bilíngue

4.1 Introdução ao capítulo 5

No universo complexo e diversificado das línguas de sinais, a abordagem do Léxico Alfabético Bilíngue destaca-se como um ponto crucial para a compreensão e comunicação efetiva entre diferentes comunidades linguísticas. Nesse contexto, as discussões acerca do Léxico Alfabético Bilíngue não apenas delineiam os fundamentos teóricos dessa ferramenta lexicográfica, mas também exploram sua aplicação prática e implicações na promoção da acessibilidade linguística. Ao adentrarmos o âmbito específico do Léxico Alfabético Bilíngue e sua relação intrínseca com a estrutura de sinais-termo em Libras, deparamo-nos com um campo de estudo enriquecido pela interseção entre linguagem visual e escrita. Analisar a configuração e a organização dos sinais-termo nesse contexto bilíngue não só revela a complexidade linguística da Libras, mas também sublinha a importância de estratégias lexicográficas para capturar a riqueza semântica dessa língua. A relevância dessa temática ganha ainda mais destaque quando consideramos a realidade da comunidade Surda. A implementação de um Léxico Alfabético Bilíngue não são apenas questões acadêmicas, mas têm implicações diretas na capacidade de expressão, compreensão e participação social dos indivíduos Surdos. Portanto, explorar essa temática torna-se essencial para contribuir com práticas linguísticas inclusivas e promover a igualdade de acesso à informação. Além disso, ao propormos o registro de sinais-termo no Léxico Alfabético Bilíngue, a questão da representatividade emerge como um ponto crítico a ser abordado. A inclusão de pretas e pretos Surdos e Surdas nesse processo não apenas destaca a diversidade intrínseca à comunidade Surda, mas também fortalece a construção de um léxico que reflita a pluralidade étnico-racial e cultural existente entre os usuários da Libras. Dessa forma, essa pesquisa busca não apenas discutir o Léxico Alfabético Bilíngue e sua relação com a estrutura de sinais-termo em Libras, mas também sublinhar a importância prática e social dessa abordagem, especialmente quando contextualizada na diversidade da comunidade Surda e na busca por uma representatividade mais diversificada.

4.2 A receptividade por pretos/pretas Surdos/Surdas do Léxico Alfabético Bilingue do campo de discussões étnico-raciais e a estrutura de sinais-termo em Libras

O Léxico Alfabético Bilingue desempenha um papel crucial na interseção entre línguas distintas, proporcionando uma ferramenta valiosa para a compreensão mútua e a comunicação eficaz. Quando aplicado à Língua de Sinais Brasileira (Libras), essa abordagem se torna particularmente relevante, uma vez que enriquece a interação entre a comunidade surda e a comunidade ouvinte. A estrutura de sinais-termo em Libras, dentro do contexto do Léxico Alfabético Bilingue, merece uma atenção especial, considerando a complexidade e a riqueza da Libras.

A estrutura dos sinais-termo em Libras é caracterizada por uma combinação de parâmetros, cada um desempenhando um papel específico na expressão de conceitos e significados. Entre esses parâmetros, a configuração de mão é fundamental. Ela se refere à forma como as mãos se posicionam e se movimentam para representar palavras e ideias. A variedade de configurações de mão em Libras contribui para a expressividade e a diversidade lexical dessa língua.

Além disso, outro parâmetro crucial é o movimento. O modo como as mãos se movem no espaço ao longo do tempo é essencial para transmitir a dinâmica e a gramática da Libras. Movimentos precisos e fluentes são utilizados para criar diferenciações semânticas e expressar nuances de significado. A combinação de configuração de mão e movimento torna possível a representação de uma ampla gama de conceitos e ideias na língua de sinais.

Além disso, a expressão facial e corporal é um aspecto significativo na estrutura dos sinais-termo em Libras. A expressão facial desempenha um papel crucial na comunicação de emoções, atitudes e nuances linguísticas. A sincronização da expressão facial com os sinais-manuais contribui para uma comunicação mais completa e precisa.

A estrutura de sinais-termo em Libras no contexto do Léxico Alfabético Bilingue também considera a necessidade de representar graficamente esses sinais no sistema alfabético. A transcrição de sinais em formas escritas, por meio de glossários bilíngues, facilita o acesso a informações em Libras para falantes de Português e vice-versa.

A estrutura de sinais-termo em Libras dentro do Léxico Alfabético Bilíngue é uma interação complexa e rica de parâmetros que se combinam para expressar conceitos e ideias de maneira vibrante e significativa. Essa abordagem não apenas facilita a comunicação entre comunidades surdas e ouvintes, mas também promove o reconhecimento da riqueza linguística e cultural presente na língua de sinais brasileira.

4.3 Relevância da temática proposta em face da realidade da comunidade Surda

A relevância da temática proposta, relacionada ao Léxico Alfabético Bilíngue (Libras e Português) de Termos do Campo de Discussões Étnico-Raciais, é indiscutível no contexto da realidade da comunidade surda. Essa abordagem vai além da mera tradução de palavras e estende-se para uma compreensão mais profunda das questões étnico-raciais, promovendo a inclusão e a conscientização na comunidade Surda.

A comunidade surda, muitas vezes, enfrenta desafios específicos relacionados à comunicação e ao acesso à informação. A criação de um léxico bilíngue que aborde termos do campo de discussões étnico-raciais em Libras e Português é um passo significativo para superar essas barreiras. Isso não apenas facilita a compreensão e expressão de conceitos importantes, mas também fortalece o envolvimento da comunidade surda em discussões cruciais sobre diversidade e igualdade.

A temática proposta é relevante no contexto étnico-racial, pois reconhece a importância de incluir a perspectiva da Comunidade Surda nessas discussões. A língua é uma ferramenta vital para a expressão de identidade e cultura, e um léxico que incorpora termos específicos relacionados a questões étnico-raciais em Libras é essencial para que a Comunidade Surda participe de maneira informada e ativa.

Além disso, a relevância dessa proposta se manifesta na promoção da conscientização e do respeito mútuo entre a Comunidade Surda e a sociedade não-surda. Ao oferecer um léxico bilíngue que abrange termos étnico-raciais, a proposta contribui para a quebra de estereótipos, a desconstrução de preconceitos e a construção de pontes entre diferentes grupos culturais.

Dessa forma, a discussão de temas étnico-raciais na comunidade surda também destaca a diversidade intrínseca a esse grupo. Cada pessoa Surda traz consigo uma rica bagagem cultural, e

um léxico que abrange essas nuances é essencial para a promoção do respeito à pluralidade de experiências e identidades dentro da Comunidade Surda.

A relevância da temática proposta sobre o "Léxico Alfabético Bilingue (Libras e Português) de Termos do Campo de Discussões Étnico-Raciais" é inegável. Essa abordagem não apenas atende às necessidades específicas da Comunidade Surda em termos de comunicação, mas também fortalece a participação ativa e informada dessa comunidade em questões sociais cruciais, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente de sua diversidade.

4.4 Representatividade de Pretas/Pretos Surdos/Surdas na proposta de registro de sinais-termo

A representatividade é um conceito fundamental que permeia todas as esferas da sociedade, e nos estudos da Linguística das línguas de sinais, esta desempenha um papel crucial na construção de uma comunidade mais diversa, inclusiva e equitativa. Ao abordarmos a representatividade de pretas e pretos Surdos e Surdas na proposta de registro de sinais-termo, mergulhamos em uma discussão vital que transcende as barreiras linguísticas para abraçar as complexidades da identidade étnico-racial na comunidade Surda.

Nesse viés, podemos entender o conceito de representatividade, no contexto brasileiro, como a qualidade que, ao mesmo tempo, gera e é gerada por um organismo representativo quando este adquire a capacidade de representar esteticamente, politicamente e socialmente determinada coletividade, sendo essa coletividade, na maioria das vezes, um grupo social minoritário. De outro modo, chamamos de representatividade a operação que torna um representante, por exemplo, um ator negro, capaz de representar a população negra, ou parte dela, em um espetáculo. Nesse caso, observa-se que essa operação tem fundo sincronicamente estético e político. Primeiramente, identifica-se nesse ator as características comuns dessa coletividade e, depois, enxerga-se nele a legitimidade para falar por esse grupo, ou seja, para ali os representar. (Dess, 2022).

A discussão sobre representatividade nas pesquisas linguísticas no Brasil é um tópico relativamente recente, em grande parte devido à crescente compreensão das discussões no registro da Linguística das línguas de sinais como uma prática social. Isso significa perceber tais

discussões não apenas como fenômenos intrinsecamente ligados à sociedade, mas como elementos que reciprocamente influenciam e são influenciados pelo contexto social ao seu redor.

Essa perspectiva, que já teve destaque em outros momentos históricos, concebe o registro de sinais-termo da Libras não apenas como algo permeado pela sociedade, mas também como um fenômeno que exerce impacto sobre essa sociedade. Nesse cenário, as representações construídas nesse registro tornam-se sujeitas à avaliação, à crítica, à reiteração ou à contestação pública, refletindo os anseios e as demandas de uma comunidade em determinado momento.

Outrossim, essa discussão coloca em evidência um modo de organização linguística que tem experimentado uma crescente valorização nas pesquisas: a língua de sinais. Reconhecer a importância dessas pesquisas representa um avanço significativo, proporcionando perspectivas valiosas sobre a estrutura e o funcionamento da Libras, contribuindo para a promoção de uma representação mais fiel e inclusiva da comunidade Surda no âmbito linguístico e social.

O registro de sinais-termo em Libras não é apenas um exercício linguístico, mas um ato político e cultural que reflete as experiências e a diversidade da comunidade Surda. Infelizmente, ao longo da história, as vozes e as experiências de pretas e pretos Surdos têm sido sub-representadas, deixando lacunas significativas na linguagem e na comunicação.

Incorporar a representatividade de pretas e pretos Surdos e Surdas na proposta de registro de sinais-termo é uma maneira de corrigir essa lacuna. Isso significa não apenas reconhecer a existência desses indivíduos, mas também garantir que sua presença seja refletida de maneira autêntica e respeitosa nos elementos linguísticos que constituem a Libras.

O registro de sinais-termo que considera a diversidade étnico-racial enriquece a linguagem de sinais, tornando-a mais completa e fiel à riqueza cultural da comunidade Surda. Além disso, essa abordagem promove a inclusão e a representação positiva, oferecendo modelos e referências para futuras gerações de Surdos e Surdas.

Ao adotar uma perspectiva inclusiva no registro de sinais-termo, estamos construindo pontes entre diferentes identidades, promovendo a compreensão mútua e fortalecendo o senso de comunidade. A representatividade não é apenas uma questão simbólica, mas uma ferramenta poderosa para empoderar e validar as experiências de pretas e pretos Surdos(as), permitindo que se vejam e se reconheçam na linguagem que compartilham.

A representatividade na proposta de registro de sinais-termo não é apenas um passo em direção à equidade linguística, mas um compromisso vital com a construção de uma comunidade

Surda que celebra e valoriza a diversidade em todas as suas formas. Essa abordagem não apenas enriquece o léxico da Libras, mas também fortalece os laços que unem uma comunidade vibrante e resiliente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos capítulos explorados nesta dissertação, mergulhamos nas complexidades das experiências linguísticas e identitárias dos sujeitos negros, especialmente no contexto dos sujeitos Surdos negros. Inicialmente, contextualizamos historicamente a presença de sujeitos negros, destacando não apenas suas lutas, mas também as múltiplas camadas que permeiam suas vivências.

A abordagem sobre os sujeitos Negros e as questões Linguísticas envolvendo os sujeitos Surdos Negros revelou-se uma exploração profunda e necessária das interseções entre a identidade étnico-racial e a experiência linguística na comunidade Surda. Essa pesquisa buscou ir além da superfície, adentrando os complexos matizes das vivências compartilhadas por sujeitos que, ao mesmo tempo, enfrentam as nuances do racismo e a singularidade de serem Surdos.

Ao contextualizarmos historicamente a presença de sujeitos negros, pudemos compreender não apenas suas lutas, mas também a resiliência que permeia suas trajetórias. A história desses sujeitos é um testemunho não apenas de desafios, mas de conquistas notáveis que moldaram a comunidade Surda e a tornaram mais diversa e rica em perspectivas.

A reflexão sobre mulheres pretas Surdas, bem como sobre pesquisadores e pesquisadoras pretos Surdos, revelou camadas adicionais de complexidade identitária. Essas vozes, muitas vezes marginalizadas, contribuem de maneira única para o panorama linguístico e cultural da comunidade Surda, reforçando a necessidade de uma representação mais completa e inclusiva em todas as esferas, inclusive na pesquisa acadêmica.

A discussão sobre o papel de pesquisadores pretos no ambiente acadêmico, sob a perspectiva da decolonialidade no campo racial, ofereceu uma oportunidade de repensar e desafiar estruturas estabelecidas. O reconhecimento da diversidade de vozes na academia é crucial para a construção de um conhecimento mais abrangente e verdadeiramente representativo.

Ao explorarmos o referencial teórico e a representatividade preta Surda, mergulhamos nas dimensões educacionais e culturais. A Lei nº 10.639/2003 emergiu como um farol, guiando-nos na compreensão da importância do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação de Surdos pretos. Além disso, repensamos a "pretitude" sob a ótica do sujeito preto Surdo, ampliando a discussão para além das fronteiras linguísticas.

O aprofundamento no referencial teórico e a Representatividade Preta Surda permitiu uma imersão crítica nas dinâmicas complexas e multifacetadas que permeiam a interseção entre a identidade étnico-racial e a surdez. Ao delinear esse referencial, exploramos caminhos que vão além das fronteiras linguísticas, adentrando as dimensões educacionais, culturais e identitárias da comunidade Surda.

A análise da questão racial no Brasil e sua influência na educação de Surdos pretos revelou-se essencial para compreender os desafios enfrentados por esses sujeitos. A promulgação da Lei nº 10.639/2003 emergiu como um divisor de águas, apontando para a necessidade de integrar o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no contexto educacional, uma medida crucial para a promoção da diversidade e equidade.

A reflexão sobre a "pretitude" sob a ótica do sujeito preto Surdo expandiu nossas considerações para além das questões linguísticas, abarcando as complexidades culturais e identitárias. Esse olhar mais abrangente proporcionou *insights* valiosos sobre as vivências únicas desses sujeitos, reforçando a importância de se reconhecer e valorizar a diversidade presente na comunidade Surda.

Ao abordar o léxico e terminologia voltados para o campo de discussões étnico-raciais em Libras, lançamos luz sobre a importância de construir um repertório linguístico que não apenas traduza palavras, mas que transmita as ricas nuances culturais e identitárias da comunidade Surda, especialmente daqueles sujeitos que são negros.

A compreensão do referencial teórico foi fundamental para fundamentar não apenas as escolhas metodológicas, mas também para nortear o registro do Léxico Alfabético Bilíngue do Campo de Discussões Étnico-Raciais, apresentado no capítulo subsequente. Esse léxico surge não apenas como um recurso linguístico, mas como uma manifestação concreta da necessidade de representação autêntica e inclusiva na comunidade Surda, especialmente para os sujeitos negros Surdos.

A imersão no referencial teórico proporcionou uma base sólida para compreendermos a complexidade da representatividade preta Surda. Esse conhecimento não apenas informa, mas também convoca à ação, inspirando futuras pesquisas e práticas que busquem construir pontes mais autênticas e inclusivas entre as experiências étnico-raciais e linguísticas na comunidade Surda. Assim, espera-se que este trabalho possa contribuir para uma compreensão mais profunda e sensível da riqueza presente nesse universo culturalmente diverso e linguisticamente vibrante.

O capítulo metodológico proporcionou um olhar detalhado sobre os procedimentos adotados, destacando a importância de cada etapa na construção de um léxico que reflete as nuances étnico-raciais no campo das línguas de sinais. A proposta concreta do Léxico Bilingue do Campo de Discussões Étnico-Raciais, apresentada no quarto capítulo materializa não apenas palavras, mas experiências, histórias e identidades.

Ao adentrarmos no quinto capítulo, exploramos a receptividade do léxico por pretos e pretas Surdos(as). A análise revelou não apenas a utilidade do recurso, mas também sua potencial contribuição para a promoção da inclusão e da expressão autêntica das experiências étnico-raciais na comunidade Surda.

Essa pesquisa oferece mais do que uma análise das questões linguísticas envolvendo sujeitos negros Surdos. Ela se configura como um chamado à ação, uma oportunidade de reconfigurar as narrativas, dar espaço a vozes marginalizadas e construir pontes que conectam de maneira mais autêntica as experiências étnico-raciais e linguísticas na Comunidade Surda. Que esse trabalho possa inspirar pesquisas futuras e práticas que promovam uma representação mais justa e inclusiva da diversidade presente nesse vibrante universo linguístico e cultural.

Ao delinear o referencial teórico, abordamos a questão racial no Brasil e seu impacto na educação de Surdos pretos. A Lei nº 10.639/2003 emergiu como um marco, promovendo o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Além disso, provocamos uma reflexão sobre a pretitude sob a ótica do sujeito preto surdo, lançando luz sobre as dimensões linguísticas e culturais que permeiam essa identidade.

Os procedimentos metodológicos delinearão com detalhes os procedimentos adotados na pesquisa. Desde a escolha dos termos até a estruturação da macro e microestrutura do léxico bilíngue de sinais-termo, cada etapa foi guiada pela necessidade de representar, de forma autêntica, as nuances étnico-raciais no campo das línguas de sinais.

Apresentamos a proposta concreta do Léxico Alfabético Bilingue do campo de discussões Étnico-Raciais. A macroestrutura e microestrutura foram minuciosamente construídas para refletir não apenas a diversidade linguística, mas também as complexidades das discussões étnico-raciais presentes na comunidade Surda.

Ao adentrarmos no quinto capítulo, o foco recaiu sobre os resultados e discussões acerca do Léxico Alfabético Bilingue. A receptividade por parte de pretos e pretas Surdos(as) foi

analisada, revelando a importância desse recurso linguístico na promoção da inclusão e na expressão autêntica das experiências étnico-raciais.

As discussões acerca da estrutura de sinais-termo em Libras, a relevância da temática proposta e a representatividade de pretas e pretos Surdos e Surdas no registro dos sinais-termo encerram nosso percurso, sublinhando a necessidade contínua de abordagens inclusivas e respeitadas nas pesquisas linguísticas e na construção de recursos linguísticos que possam genuinamente refletir a diversidade da comunidade Surda.

Este estudo não apenas contribui para o enriquecimento do léxico em Libras, mas também serve como um convite à reflexão constante sobre a importância da representatividade e da valorização das experiências étnico-raciais na construção de um ambiente linguístico mais inclusivo e verdadeiramente representativo. Que esta pesquisa possa inspirar futuras pesquisas e práticas que promovam a diversidade e a equidade nos estudos linguísticos e na educação de Surdos no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABOLIÇÃO da Escravatura: 13 de maio de 1888. **Toda Matéria**. Acesso em 26 de agosto de 2022.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Busca no vocabulário**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario> Acesso em 15 de janeiro de 2024.

ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural**. Pólen, São Paulo, 2019.

ARROYO, Miguel Gonzáles. A pedagogia multirracial popular e o sistema escolar. IN: GOMES, Nilma Lino. **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. Belo Horizonte; Autêntica, 2007, p. 111-130.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande, MS: Ed. Da UFMS, 2004, p.185-200. V. II.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. **Revista Filologia lingüística** portuguesa. São Paulo, n.5, p.85-116, 2002.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2.ed. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2001, p.131-144. V. II.

BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. Mulheres negras são maioria das vítimas de feminicídio e as que mais sofrem com desigualdade social. **Agência Câmara de Notícias**. Brasília, nov. 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/832964-mulheres-negras-sao-maioria-das-vitimas-de-femicidio-e-as-que-mais-sofrem-com-desigualdade-social/>. Acesso em: 26 ago. 2022.

BRASIL. **Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm acesso em 04 de agosto de 2022.

BUZAR, F. J. R. **Interseccionalidade entre raça e surdez: a situação de Surdos(as) negros(as) em São Luís-MA**. [Dissertação de mestrado]. Universidade de Brasília, 2012.]

CAMPOS, S. R. L.; BENTO, N. A. Nem todo surdo é igual: discussões interseccionais preliminares na educação de Surdos. **DELTA: Documentação E Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada**, 38(1). 2022. <https://doi.org/10.1590/1678-460x202257202>.

CARUSO, G. B. **Bell hooks nos deixou**. Portal FGV, <https://portal.fgv.br/artigos>, 27 jan. 2022.

COIMBRA, C. M. B. NASCIMENTO, M. L. Jovens pobres: o mito da periculosidade. In: FRAGA, P. C. P.; IULIANELLI, J.A.S. (orgs). **Jovens em tempo real**. Ed. DP&A, p.19-37, Rio de Janeiro, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia feminista negra. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson e GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2018. p. 152-189.

CONSCIÊNCIA NEGRA. **Portal da Cultura Afro-Brasileira**. Acesso em 26 de agosto de 2022

COUTINHO, Cássio. **Consciência negra e o legado de Zumbi dos Palmares**. 2020. Disponível em:<https://sites.usp.br/gepim/consciencia-negra-e-o-legado-de-zumbi-dos-palmares/> Acesso em 27 de agosto de 2022.

DAMIM, Cristina Pimentel. **Parâmetros para uma avaliação do dicionário escolar**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2005. FARIAS, Virginia Sita. Considerações preliminares sobre o pós-comentário na microestrutura de dicionários semasiológicos. **REVEL**, v. 9, n. 17, p.109-139, 2011.

DESS, Conrado. Notas sobre o conceito de representatividade. **Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1 n. 43, abr. 2022.

ENCICLOPÉDIA SIGNIFICADOS. **Significado de Afrodescendente**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/afrodescendente/#:~:text=Afrodescendente%20%C3%A9%20aquele%20que%20descende,significa%20%E2%80%9Cdescendente%20de%20africano%E2%80%9D>. Acesso em 26 de agosto de 2022.

ENCICLOPÉDIA SIGNIFICADOS. **Significado de Black Power**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/black-power/>. Acesso em 26 de agosto de 2022.

ENCICLOPÉDIA SIGNIFICADOS. **Significado de desigualdade racial**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/desigualdade-racial/>. Acesso em 26 de agosto de 2022.

ENTENDA o que é Consciência Racial. **Youtube**, 2019. Son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8j_1NGDlj2I&t=72s. Acesso em: 27 ago. 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA. 2008.

FAULSTICH, E. **Base metodológica para a pesquisa em socioterminologia. Termo e variação**. Brasília, UnB. 1995.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Elefante, São Paulo, 2017.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: FFFCLL - USP, 1964.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3ª Ed. São Paulo: Globo, 2008.

FERREIRA, Priscilla Leonnor Alencar. **O Ensino de Relações Étnico-raciais nos percursos da Escolarização de Negros Surdos na Educação Básica**. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2018. 122 p.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção**. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais. In.: BRASIL. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. (Coleção Educação para todos).

GOMES, Nilma Lino. **Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03**. Portal Geledés: Instituto Da Mulher Negra, 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/educacaorelacoes-etnico-raciais-e-lei-10-63903-2/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento Negro Educado: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Rio de Janeiro. Vozes, 2017.

GONZALEZ, L. Racismo e Sexismo na cultura brasileira. In: Movimentos Sociais Urbanos, Minorias Étnicas e Outros Estudos. **Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, [s.l.], 1983.

GONZALEZ, L.; HOSENBALG, C. **Lugar de Negro**. Ed. Marco Zero LTDA. Coleção 2 pontos, Rio de Janeiro, 1982.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed, DP&A Editora, Rio de Janeiro, 1999.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

HOOKS, B. **E eu não sou uma mulher?:** Mulheres negras e feminismo. Trad. Bhuvi Libânio. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional:** formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Ed. Cortez, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2022.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **O que é feminicídio?** Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/femicidio/capitulos/o-que-e-femicidio/>. Acesso em: 26 ago. 2022.

LETÍCIA ALBUQUERQUE. **Glossário para entender o Movimento Negro nas redes sociais (e fora delas) Leia mais em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/glossario-terminos-entender-movimento-negro/>. Guia do Estudante.** São Paulo. 31 ago. 2020. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/glossario-terminos-entender-movimento-negro/>. Acesso em: 26 ago. 2022.

LITERAFRO. **Sueli Carneiro.** Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1426-sueli-carneiro>. Acesso em: 27 ago. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **Reflexões acerca do conceito de identidade. Brasil. 2009. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades.** Disponível em <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/viewFile/529/530>. Acesso em 05 de julho de 2022.

MARTINS, J. de S. **Exclusão social e a nova desigualdade.** Paulus, São Paulo, 1997.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico.** São Paulo: Ed. Cortez, 1997.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa:** ancestralidade. Ancestralidade. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ancestralidade>. Acesso em: 26 ago. 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais: matemática.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, SEF. 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro03.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2021.

MOREIRA, Falk Soares Ramos. **Criação de sinais-termo:** o conceito na descrição das estruturas sintáticas em português para Surdos. Brasília: Universidade de Brasília, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/43440>. Acesso em 05 de julho de 2021.

MOURA, Clóvis. **Cem Anos de Abolição do Escravismo no Brasil**. 15. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 1988. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/tematica/revistas/principios/pdf/015.pdf> Acesso em 01 de junho de 2022.

ORTEGAL, Leonardo. **Relações raciais no Brasil**: colonialidade, dependência e diáspora. Brasília: Universidade de Brasília, 2018. <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/zxQfQVHgVLVdr8ZMvQRHMkz/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 30 de maio de 2022.

PROMETI, Daniela. **Terminologia da Língua Brasileira de Sinais**: Léxico Visual Bilíngue dos sinais-termo musicais - Um estudo contrastivo. Brasília: Universidade de Brasília, 2020. 260 p.

PUSH. **Representatividade x Representação**: entenda a diferença e a importância. Disponível em: <https://push.com.br/post/representatividade-x-representacao-entenda-a-diferenca-e-a-importancia> Acesso em 27 de agosto de 2022.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. CIA das Letras, São Paulo, 2019.

SANTOS, Patrícia Tuxi dos. **A terminologia na língua de sinais brasileira**: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue. 201. xix, 232 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SENADO FEDERAL. **Estilo**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/estilos/abreviatura#:~:text=Use%2010h30%2C%20e%20n%C3%A3o%2010h30min,n%C3%A3o%2016hs%20ou%2016%20horas>. Acesso em 16 de janeiro de 2024.

SILVA, Petronilha B. G. e. Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos. In Barbosa, Lucia M. A. et all. **De Preto a Afrodescendente: trajetos de pesquisa obre o negro, cultura negra e relações étnicoraciais no Brasil**. São Carlos: EdUFSCar, 2003.

SILVA, Tomas. T. da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SLAVE VOYAGES. **The Trans-Atlantic Slave Trade Database**. Disponível em: <https://plataforma9.com/investigacao/slave-voyages-2-0-the-trans-atlantic-slave-trade-database.htm>. Acesso em 03 de agosto de 2022.

SOARES, Renato. Consciência Negra – o que é? **Geledés**, Sao Paulo, v. 3, n. 2, p. 3-4, nov. 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/consciencia-negra-significado/>. Acesso em: 26 ago. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Cotas raciais no Brasil: entenda o que são.** Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1109/o/Cotas_Raciais_no_Brasil_-_Apresenta%C3%A7%C3%A3o_CAAF-UFG.pdf. Acesso em: 27 ago. 2022.

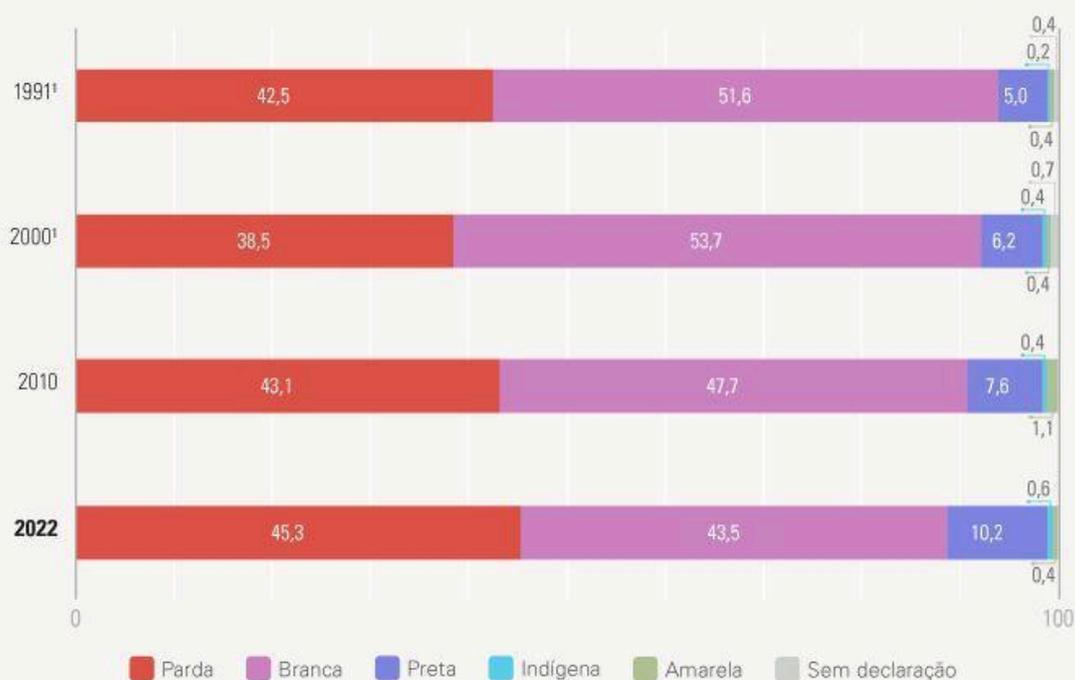
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Glosário da diversidade.** Disponível em: https://noticias.ufsc.br/files/2017/10/Gloss%C3%A1rio_vers%C3%A3ointerativa.pdf. Acesso em 27 de agosto de 2022.

VIANA, Rubiana Nascimento. **Raça, gênero e classe na perspectiva de bell hooks.** Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Norte Fluminense, 2021. 8 p.

ANEXOS

ANEXO I

Proporção da população residente - 1991/2022 (%) Por cor ou raça



O percentual de indígenas apresentado no gráfico foi calculado apenas pela declaração de cor ou raça, não representando o total da população indígena recenseada em 2010 e em 2022, que compreende aquelas declaradas pelo quesito de cor ou raça e aquelas declaradas por meio do quesito "se considera indígena". O total com o duplo critério de classificação representou 0,5% da população total em 2010 e 0,8% da população total em 2022.

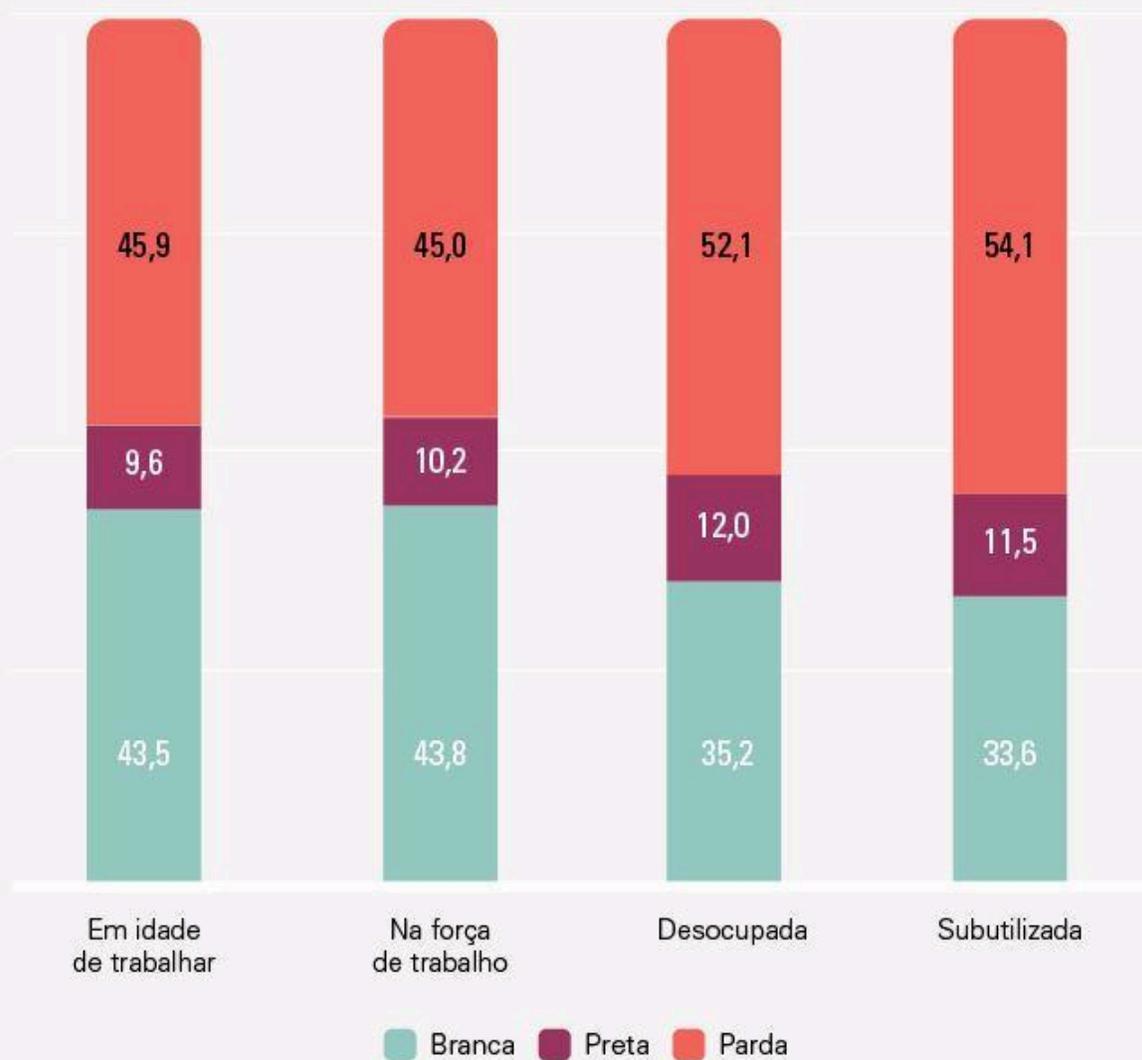
¹Em 1991 e em 2000 foram considerados os resultados da amostra

Fonte: Censo Demográfico 2022: População por cor ou raça - Resultados do universo

ANEXO II

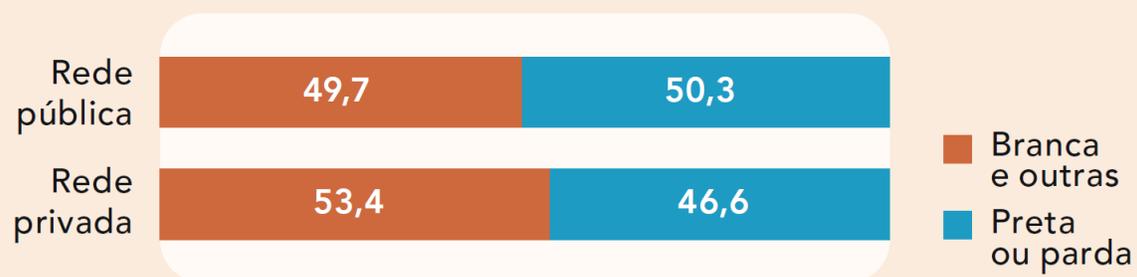
População em idade de trabalhar, na força de trabalho, desocupada e subutilizada (%)

Por cor ou raça | 2021



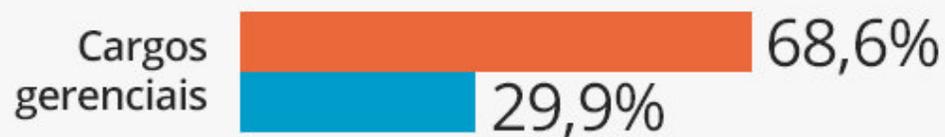
Fonte: Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil - 2022

ANEXO III

Distribuição das pessoas que frequentam o ensino superior, segundo a rede de ensino (%)

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018

ANEXO IV

R7 Mercado de trabalho - 2018

● Branca ● Preta ou parda